

MESTRADO
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

O Assassinato de John F. Kennedy – Representações na Imprensa Portuguesa e Brasileira

Francisco Jacques de Figueiredo Moutinho

M

2022



Francisco Jacques de Figueiredo Moutinho

O Assassinato de John F. Kennedy – Representações na Imprensa Portuguesa e Brasileira

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História Contemporânea, orientada
pela Professora Doutora Maria da Conceição Coelho de Meireles Pereira

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2022

Francisco Jacques de Figueiredo Moutinho

O Assassinato de John F. Kennedy – Representações na Imprensa Portuguesa e Brasileira

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História Contemporânea, orientada
pela Professora Doutora Maria da Conceição Coelho de Meireles Pereira

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

Para o Jorge, espero que tenhas encontrado a paz que procuravas.

Sumário

Declaração de honra	4
Agradecimentos	5
Resumo.....	6
Abstract	7
Índice de Quadros	8
Introdução.....	9
1.Breve enquadramento histórico	13
1.1. Relações Portugal-Estados Unidos	13
1.2. Relações Brasil-Estados Unidos	22
1.3. John Fitzgerald Kennedy – família e ação política.....	26
1.3.1. O clã Kennedy	26
1.3.2. Juventude, Carreira Militar e Vida Política	29
1.3.3. A Administração de John F. Kennedy e o seu assassinato	33
2.A Imprensa Portuguesa	37
2.1. A Reação Portuguesa.....	37
2.2. Análise qualitativa do discurso jornalístico	50
2.3. Análise quantitativa do discurso jornalístico.....	52
3.A Imprensa Brasileira	62
3.1. A Reação Brasileira	62
3.2. Análise qualitativa do discurso jornalístico	86
3.3. Análise quantitativa do discurso jornalístico.....	88
Conclusão	101
Fontes e Referências Bibliográficas.....	105
Anexos.....	110
Anexo 1 – Franco Nogueira é recebido por John F. Kennedy na Casa Branca	111
Anexo 2 – Franco Nogueira faz declaração pública, referindo John F. Kennedy	112
Anexo 3 – O Embaixador americano George W. Anderson recebe Franco Nogueira (em <i>O Século</i>)	113
Anexo 4 – O Embaixador americano George W. Anderson recebe Franco Nogueira (em <i>O Comércio do Porto</i>).....	114

Anexo 5 – O Embaixador americano George W. Anderson agradece publicamente as condolências recebidas	115
Anexo 6 – António de Oliveira Salazar e outros membros do governo assistem a cerimónia em honra a John F. Kennedy nos Mosteiros dos Jerónimos (em <i>O Diário de Lisboa</i>)	115
Anexo 7 – António de Oliveira Salazar e outros membros do governo assistem a cerimónia em honra a John F. Kennedy nos Mosteiros dos Jerónimos (em <i>O Comércio do Porto</i>)	116
Anexo 8 – António de Oliveira Salazar apresenta condolências ao Embaixador americano George W. Anderson em cerimónia nos Mosteiros dos Jerónimos.....	117
Anexo 9 – Cerimónia em honra a John F. Kennedy nos Mosteiros dos Jerónimos	118
Anexo 10 – Missa de sufrágio de John F. Kennedy na Sé do Porto.....	119
Anexo 11 – John Kennedy recebe o Prémio Anual Pedro Francisco.....	120
Anexo 12 – Bandeira a meia-haste no exterior da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil	121
Anexo 13 – Homenagem a John F. Kennedy.....	122
Anexo 14 – Celebração de uma missa de réquiem em memória de John F. Kennedy na congregação da Christ Church em Guanabara.....	123
Anexo 15 – Celebração de uma missa em memória de John Kennedy na Catedral Metropolitana em São Paulo	124
Anexo 16 – Celebração de uma missa em memória de John Kennedy na Igreja da Candelária, em Brasília	125
Anexo 17 – Literatura de cordel, autoria de Joaquim Batista de Sena	126

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 29/05/2022

Francisco Jacques de Figueiredo Moutinho

Agradecimentos

Tenho de agradecer, em primeiro lugar, à minha orientadora, Professora Doutora Conceição Meireles Pereira, pela paciência que demonstrou e pela disponibilidade que ofereceu que permitiram a construção desta dissertação.

À minha família, em especial à minha mãe e a minha irmã, que estiveram presentes durante todo o meu percurso académico. A vossa ajuda e incentivo foram absolutamente fundamentais para a conclusão do mesmo. À minha avó, cujo amor e carinho me mantém de pé. Um obrigado ao José Lopes, que faz, inevitavelmente, parte da família, por tudo aquilo que sempre fez por mim.

Aos meus amigos, aos que marcaram a minha vida, vocês sabem quem são. Ao Marco, pai, irmão e amigo, por tudo o que fizeste por mim e por tudo aquilo que és. À Helena, pelas experiências que já vivemos e pelas Conversas que tanto dinheiro nos fez. Ao Henrique, meu parceiro de todas as horas, que nunca vai desistir de mim, mesmo que eu desista dele. A vocês que me compreendem completamente, um obrigado especial.

A todos aqueles que não mencionei mas que fizeram parte da minha vida em geral, não apenas da minha vida académica, um enorme obrigado.

Resumo

Esta dissertação tem como principal objetivo compreender quais foram as representações do assassinato de John F. Kennedy na imprensa portuguesa e brasileira. Assente, fundamentalmente, na análise qualitativa e quantitativa de uma seleção de fontes hemerográficas de ambos os países, este estudo procura entender a relevância que é dada ao assassinato e como este e o Presidente Kennedy foram representados nos periódicos.

Importa assim perceber inicialmente qual era o quadro de relações entre os Estados Unidos da América e Portugal, tal como, com o Brasil, e conhecer o percurso de John F. Kennedy de modo a obter o enquadramento necessário para, posteriormente, compreender as representações do seu assassinato. Na fase seguinte, faz-se um apanhado das reações portuguesas e brasileiras e uma interpretação do discurso referente ao tema.

Palavras-chave: John F. Kennedy, Assassinato, Representações, Imprensa.

Abstract

The main goal of this dissertation is to understand which were the representations of John F. Kennedy's assassination in the Portuguese and Brazilian press. Based primarily on a qualitative and quantitative analysis of a selection of hemerographic sources from both countries, this study seeks to understand the relevance given to the Assassination and how it and President Kennedy were represented in the newspapers.

It is therefore important to initially understand what was the relationship between the United States of America and Portugal, as well as with Brazil, and to know John F. Kennedy's background in order to obtain the necessary framework to subsequently understand the representation of his assassination. In the next phase, the Portuguese and Brazilian reactions and an interpretation of the discourse related to the theme are gathered.

Key-words: John F. Kennedy, Assassination, Representations, Press.

Índice de Quadros

QUADRO 1 - PROTAGONISTAS NO DIÁRIO DE LISBOA	53
QUADRO 2 - PROTAGONISTAS NO O COMÉRCIO DO PORTO	55
QUADRO 3 - PROTAGONISTAS NO O SÉCULO.....	57
QUADRO 4 - FONTES NO DIÁRIO DE LISBOA	59
QUADRO 5 - FONTES NO O COMÉRCIO DO PORTO	60
QUADRO 6 - FONTES NO O SÉCULO	60
QUADRO 7 - CONTEXTO GRÁFICO NO DIÁRIO DE LISBOA	61
QUADRO 8 - CONTEXTO GRÁFICO NO O COMÉRCIO DO PORTO	61
QUADRO 9 - CONTEXTO GRÁFICO NO O SÉCULO.....	61
QUADRO 10 - PROTAGONISTAS NO CORREIO BRAZILIENSE.....	89
QUADRO 11 - PROTAGONISTAS NA FOLHA DE S. PAULO.....	91
QUADRO 12 - PROTAGONISTAS NO O GLOBO	94
QUADRO 13 - FONTES UTILIZADAS NO CORREIO BRAZILIENSE.....	98
QUADRO 14 - FONTES UTILIZADAS NA FOLHA DE S. PAULO.....	99
QUADRO 15 - FONTES UTILIZADAS NO O GLOBO.....	99
QUADRO 16 - CONTEXTO GRÁFICO NO CORREIO BRAZILIENSE	100
QUADRO 17 - CONTEXTO GRÁFICO NA FOLHA DE S. PAULO.....	100
QUADRO 18 - CONTEXTO GRÁFICO NO O GLOBO	100

Introdução

A presente dissertação pretende analisar o ponto de vista português e brasileiro relativamente ao assassinato de John F. Kennedy através das representações dos periódicos de ambos os países. O principal objetivo deste trabalho é entender o modo como a imprensa reagiu e representou o assassinato de John F. Kennedy, principalmente através da análise do discurso utilizado nos periódicos e da frequência e relevância das notícias e artigos publicados.

O tema do assassinato de John F. Kennedy é um tópico que está exaustivamente trabalhado pela historiografia americana. Contudo, este merece maior atenção e consequente investigação pela historiografia portuguesa e brasileira, pois, apesar de existir alguma informação sobre John F. Kennedy, bem como sobre as relações dos Estados Unidos da América com Portugal e com o Brasil, existe uma clara lacuna sobre o tema do assassinato do Presidente, principalmente no que concerne ao ponto de vista português e brasileiro. É aqui que reside a pertinência do presente trabalho.

Deste modo, uma série de questões de investigação foram enunciadas para dar resposta ao objetivo desta dissertação.

Qual era a posição política oficial de Portugal e do Brasil para com a Administração Kennedy? Como se entendem as relações entre os Estados Unidos e estes dois Estados antes e depois do assassinato?

Como reagiu a imprensa ao assassinato do Presidente Kennedy? O que disse a imprensa sobre o Presidente assassinado? Qual é a frequência das notícias nos periódicos?

Que tipo de evocações foram feitas do estadista no momento do seu desaparecimento?

Relativamente ao ponto de situação historiográfica portuguesa e brasileira, bem como internacional, sobre a temática da minha investigação, de salientar a escassez de estudos sobre o assassinato. Por outro lado, denota-se a abundância de bibliografia de origem americana, sendo o assassinato de John F. Kennedy um dos temas da historiografia contemporânea americana mais trabalhado.

No que concerne à relação luso-americana, existem algumas obras que são cruciais no que diz respeito ao enquadramento geral do tema para entender a dinâmica de relações entre o Estado Novo e a Administração Kennedy. Destaco obras como *A tentativa falhada de um acordo Portugal-EUA sobre o futuro do Ultramar português* de Diogo Freitas do Amaral¹, *Kennedy e Salazar. O leão e a raposa* da autoria de José Freire Antunes² ou *Salazar-Kennedy: a crise de uma aliança* de Luís Nuno Rodrigues³, pela forma como abordam a conexão luso-americana, focando-se todas, de forma geral, na questão colonial portuguesa e na questão da Base das Lajes. Esta última obra procura explicar a crise nas relações luso-americanas que se começa a notar a partir de 1961 e a forma como os vários intervenientes de ambos os lados vão reconhecendo a importância da Base das Lajes e o modo como este crucial ponto estratégico vai ser utilizado pelos portugueses como trunfo, acabando por forçar os americanos a abandonar as suas políticas que diziam respeito aos territórios portugueses do ultramar. Ainda sobre as relações luso-americanas, deve ter-se em consideração a *História das relações Portugal - EUA: (1776-2015)* de Tiago Moreira de Sá⁴, cujo objetivo é, tal como o título indica, analisar a divergência e convergência entre Portugal e os Estados Unidos e mostrar de que modo estas relações acompanham tal dinâmica, desde a independência dos Estados Unidos até ao ano de 2015.

A nível de obras sobre as relações entre os Estados Unidos e o Brasil, devem destacar-se autores como Boris Fausto, nomeadamente numa obra de carácter abrangente, como é o caso da sua *História do Brasil*⁵, assim como estudos específicos como *Relações Brasil-Estados Unidos. Assimetrias e Convergências* de Paulo Roberto de

¹ AMARAL, Diogo Freitas do – *A tentativa falhada de um acordo Portugal-EUA sobre o futuro do Ultramar português*, Coimbra, 1994.

² ANTUNES, José Freire – *Kennedy e Salazar. O leão e a raposa*, Lisboa, Difusão Cultural, 1991.

³ RODRIGUES, Luís Nuno – *Salazar-Kennedy: a crise de uma aliança*. 2ª edição. Lisboa: Editorial Notícias, 2002.

⁴ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal – EUA: (1776-2015)*. Alfragide: D. Quixote, cop. 2016.

⁵ FAUSTO, Boris – *História do Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995.

Almeida e Rubens Antônio Barbosa⁶ ou *A Importância das Relações Brasil – Estados Unidos na Política Externa Brasileira* de Carlos Milani⁷.

No que diz respeito a bibliografia mais direcionada para John F. Kennedy, deve realçar-se *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada* de Robert Dallek⁸, que constitui uma biografia do estadista norte-americano. Já *A thousand days: John F. Kennedy in the White House* da autoria de Arthur Meier Schlesinger⁹ trata o período de vigência de John F. Kennedy no mais alto cargo da política americana.

Especificamente sobre o tema do assassinato de John F. Kennedy devem destacar-se obras como *The Kennedy Assassination* de Peter Knight¹⁰, *Kennedy's last days: The assassination that defined a generation* da autoria de Bill O'Reilly¹¹, *The death of a President: November 20-November 25, 1963* de William Manchester¹² ou *End of days: The assassination of John F. Kennedy* de James Swanson¹³. Estas obras têm como principal foco o assassinato do Presidente John F. Kennedy, abordando o desenrolar de acontecimentos.

No que diz respeito às fontes hemerográficas utilizadas, foram selecionados três periódicos portugueses e três brasileiros. No caso português, o *Diário de Lisboa* é um periódico que está disponível online, praticamente na íntegra, na plataforma da Casa Comum, que disponibiliza a reprodução de documentos cuja custódia pertence à Fundação Mário Soares. O seu jornalismo dinâmico, com forte interesse por matérias internacionais, assim como a forma que procurava de se descolar da maioria da imprensa que se submetia aos ditames do regime constituíram razões evidentes para a sua escolha, a que se alia o elevado número de leitores que então tinha, muitos de fora

⁶ ALMEIDA, Paulo Roberto de; BARBOSA, Rubens Antônio – *Relações Brasil-Estados Unidos. Assimetrias e Convergências*. São Paulo: Saraiva, 2006.

⁷ MILANI, Carlos – *A Importância das Relações Brasil – Estados Unidos na Política Externa Brasileira*. *Boletim de Economia e Política Internacional* - Nº 6. Brasília: Ipea. Dinte, 2011, pp. 69-85.

⁸ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963 : uma vida inacabada*. Lisboa: Bertrand, 2004.

⁹ SCHLESINGER, Arthur Meier – *A thousand days: John F. Kennedy in the White House*. Boston: Houghton Mifflin, 1965.

¹⁰ KNIGHT, Peter – *The Kennedy Assassination*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

¹¹ O'REILLY, Bill – *Kennedy's last days: The assassination that defined a generation*. New York: Henry Holt and Company, 2013.

¹² MANCHESTER, William – *The death of a President: November 20-November 25, 1963*. New York: Little, Brown and Company, 2013.

¹³ SWANSON, James L. – *End of days: The assassination of John F. Kennedy*. New York: William Morrow, 2013.

da capital. Já *O Comércio do Porto* está disponível na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e era obviamente um jornal menos politizado, contudo com razoável circulação na cidade e zona norte do país. Finalmente, *O Século*, igualmente consultado na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, foi o outro periódico português utilizado neste trabalho, tendo em conta a sua linha editorial e zonas de difusão.

No caso brasileiro, todos os periódicos estão disponíveis online nos arquivos digitais dos respetivos periódicos, tendo sido selecionados periódicos de três Estados federais: *O Correio Braziliense*, de Brasília; a *Folha de São Paulo* e *O Globo*, do Rio de Janeiro. Esta seleção permitiu uma visão mais completa do prisma brasileiro sobre o atentado.

Ainda sobre os periódicos, a metodologia de tratamento adotada foi uma análise exaustiva do discurso da fonte, tentando responder às questões de investigação previamente mencionadas. Deste modo, analisei o que foi dito, como foi dito, qual a frequência dos textos sobre o assunto em análise, em que páginas dos periódicos estava a informação. Para tal, a criação de bases de dados para organizar os dados recolhidos tornou-se fundamental. Estas bases de dados foram compostas com os seguintes campos: Data; Número do periódico; Edição; Página/s; Capa; Título de notícia; Corpo de notícia; Protagonistas/Personagens; Fonte; Adjetivos utilizados; Nota de Leitura e Imagem.

Os principais problemas encontrados durante a elaboração desta dissertação prenderam-se, na sua essência, com as limitações na fase da recolha e tratamento das fontes devido à pandemia da COVID-19 que condicionaram, em parte, o rumo do meu trabalho. Para mais, a análise das fontes revelou ser um processo longo e trabalhoso em virtude do grande volume de texto a analisar.

1. Breve enquadramento histórico

1.1. Relações Portugal-Estados Unidos

O foco deste ponto é tecer um breve enquadramento relativo às relações entre Portugal e os Estados Unidos da América, embora não se pretende recuar aos primórdios deste relacionamento que remonta à génese da nação americana, tendo Portugal sido um dos primeiros países a reconhecer a independência dos Estados Unidos, pelo “Real Decreto de 15 de Fevereiro de 1783”¹⁴. Pretende-se abordar os anos iniciais da Primeira República Portuguesa até à Primeira Guerra Mundial, tratando em seguida o período do Estado Novo em Portugal, que, no seu decorrer, atravessa a Segunda Guerra Mundial, chegando à Guerra Fria e, inevitavelmente, à era da Administração Kennedy.

A frágil situação política vivida em Portugal na viragem do século que levou à queda da Monarquia, foi acompanhada de perto pelos responsáveis americanos colocados em solo português, que comunicavam regularmente com os seus superiores nos Estados Unidos, fornecendo atualizações constantes da situação portuguesa.

Logo no dia 5 de outubro de 1910, Teófilo Braga, Presidente do Governo Provisório, enviou um telegrama diretamente ao Presidente dos Estados Unidos, William Taft, de forma a “tranquilizar a administração”¹⁵ sobre a conjuntura nacional. Contudo, o processo de reconhecimento do novo regime não foi fácil, existindo muitas dúvidas relativas à sua capacidade de sobrevivência. O reconhecimento americano só veio oito meses após a instauração da República, no dia 19 de junho de 1911, quando o encarregado de negócios, George Lorillard, entregou a Bernardino Machado um documento em que o Governo dos Estados Unidos da América reconhecia oficialmente o Governo da República Portuguesa¹⁶.

A Primeira Guerra Mundial constituiu um importante ponto nas relações luso-americanas já que marcou um ponto de convergência entre as duas nações. Portugal e

¹⁴ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, p. 32.

¹⁵ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, p. 321.

¹⁶ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, pp. 322-325.

os Estados Unidos da América tiveram no conflito “um percurso muito semelhante”¹⁷, pois ambos se mantiveram neutros durante boa parte do confronto, lutando, numa fase seguinte, do mesmo lado. Por outro lado, os Açores, como importante ponto estratégico, adquiriram durante a Grande Guerra, uma “relevância sem precedentes”¹⁸.

Um aspeto relevante foi a questão das colónias portuguesas, em particular, as africanas. Os territórios ultramarinos portugueses em África entraram no conflito em agosto de 1914, verificando-se a mobilização de tropas portuguesas para expedições em Angola e Moçambique e os primeiros recontros com tropas alemãs neste mês.

Em novembro de 1914, Portugal entrou numa nova fase do seu posicionamento no conflito. Tiago Moreira de Sá designa esta fase de “beligerância ativa”¹⁹, visto que Portugal acedeu e concedeu armamento e apoio vário ao Reino Unido e aos seus aliados. Por sua vez, os Estados Unidos, apesar da sua neutralidade nas hostilidades, desde cedo optaram por tomar decisões que favoreciam o Reino Unido.

Portugal entrou oficialmente na Primeira Guerra Mundial a 9 de março de 1916, após pedido do Governo britânico para que Portugal apreendesse todos os navios alemães que se tinham abrigado em portos do país. Portugal acedeu, de imediato, ao pedido do Reino Unido, resultando numa declaração de guerra por parte da Alemanha a Portugal.

Por sua vez, os Estados Unidos entraram no conflito a 6 de abril de 1917, depois da Alemanha intensificar progressivamente as suas campanhas de ataques submarinos. Foi neste momento que os Açores adquiriram crescente importância no âmbito das relações luso-americanas, constituindo um apoio crucial no combate anti-submarino no Atlântico Norte. O interesse americano pelos Açores não era, contudo, novo e, como veremos, vai persistir nas relações entre Portugal e os Estados Unidos²⁰, tornando-se um tema preponderante nestas relações durante a Segunda Guerra Mundial.

Neste sentido, o segundo conflito mundial marcou um momento de extrema importância nas relações luso-americanas, com a questão da segurança do Atlântico e

¹⁷ Sá, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, p. 325.

¹⁸ Sá, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, pp. 325-326.

¹⁹ Sá, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, p. 329.

²⁰ Sá, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, pp. 329-337.

da defesa dos Açores a constituir um ponto fundamental. Existia uma preocupação evidente por parte dos Estados Unidos em proteger as ilhas atlânticas portuguesas, especialmente se a Alemanha invadissem a Península Ibérica ou ameaçasse as ilhas portuguesas, colocando a possibilidade de uma ocupação americana preventiva dos Açores, se se verificasse algum dos cenários anteriormente referidos²¹. O intensificar da Batalha do Atlântico, entre 1940 e 1941, levou, inclusivamente, a que fosse discutido no Senado americano a instalação de uma base aérea e naval americana nos Açores, pois a segurança dos Estados Unidos “dependia de «impedir o controlo ou a ocupação de qualquer das ilhas do Atlântico pelas forças nazis»”²². Portugal seguiu a mesma linha que o Reino Unido neste conflito e, nesse sentido, para o Presidente do Conselho, Oliveira Salazar, “a neutralidade portuguesa era «condição essencial» à política defendida pelo Reino Unido para a Península Ibérica”²³, e uma ocupação dos Açores punha em causa essa neutralidade.

O ataque do Japão a Pearl Harbor em 7 de dezembro de 1941, mudou o rumo da Segunda Guerra Mundial, devido à entrada oficial dos Estados Unidos da América no conflito. Este ataque significou ainda uma “passagem da questão dos Açores para um segundo plano”²⁴ para os americanos, pelo menos durante alguns meses. Os Açores só vão ganhar novamente relevância em julho de 1942, com a criação da *Air Transport Command* (ATC), responsável por transportes aéreos militares durante o esforço de guerra. Neste sentido, as ilhas portuguesas tinham enorme importância para as operações conduzidas pela ATC no continente europeu, no Mediterrâneo, bem como no Norte de África. Outra questão que voltou a colocar os Açores no mapa foi o início da ofensiva anglo-americana no Norte de África, a 8 de novembro de 1942, com o conflito a verificar-se em países com grande proximidade a Portugal como Marrocos ou Argélia²⁵.

²¹ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, pp. 357-365.

²² SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, p. 366.

²³ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, p. 367.

²⁴ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, pp. 370-371.

²⁵ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, pp. 371-373.

Além disso, o ano de 1943 assinalou um “aumento do interesse estratégico dos Açores”²⁶. O arquipélago açoriano deixa de ser apenas um ponto de defesa do continente americano, para se tornar também uma base crucial de apoio no que concerne à manutenção e transporte de forças dos Estados Unidos para os continentes europeu e norte-africano. Neste momento, foi mais uma vez ponderada uma ocupação dos Açores de forma a obter facilidades militares, desta feita pelos americanos, e pelos ingleses, cabendo aos britânicos fazer a abordagem a Portugal. Para este efeito foi invocada a velha aliança que o Reino Unido tinha com Portugal, através de um pedido formal ao Governo português que garantia a retirada imediata após o final do conflito e o respeito pela soberania portuguesa nos seus territórios. O acordo luso-britânico dos Açores foi assinado a 17 de Agosto de 1943, permitindo facilidades sem restrições ao Reino Unido²⁷.

A questão dos Açores não ficou, porém, terminada com o acordo luso-britânico, verificando-se “uma renovada ambição norte-americana de obter facilidades militares próprias no arquipélago”²⁸, desta feita divorciando-se do Reino Unido, de forma a estabelecer uma linha meramente bilateral entre Portugal e os Estados Unidos em relação aos Açores. Entre 1943 e 1944, as relações entre Portugal e os Estados Unidos focaram-se, praticamente em exclusivo, na construção do Aeródromo de Santa Maria: os americanos procuravam obter benefícios militares nas ilhas portuguesas, seguindo agora uma linha de compromisso para com Oliveira Salazar, que temia uma ocupação dos Estados Unidos em territórios de soberania portuguesa. Após alguns atritos e desentendimentos, os dois lados assinaram o Acordo de Santa Maria no dia 28 de novembro de 1944. Por este convénio, os dois Estados comprometiam-se a construir um aeródromo na ilha de Santa Maria, sendo que a construção ficaria à responsabilidade do Governo Português, que contrataria uma empresa privada para o efeito (esta empresa seria a companhia aérea Pan American Airways), ficando todas as construções na propriedade do Estado Português. Os Estados Unidos da América teriam acesso sem restrições a esta base, durante um período até “seis meses depois do fim das

²⁶ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, p. 374.

²⁷ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, pp. 374-376.

²⁸ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, p. 376.

hostilidades ou da assinatura de um armistício”²⁹, prevendo este acordo a possibilidade de negociações posteriores.

Com o final da Segunda Guerra Mundial, verificou-se a emergência de um sistema internacional bipolar, dominado pelos Estados Unidos da América e pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). No pós-guerra, Portugal já “fazia parte das dimensões militar, política e económica do pólo liderado pelos EUA”³⁰. É de destacar, mais uma vez, a questão dos Açores, que continuava a ser central nas relações luso-americanas. Por outro lado, os temas do Plano Marshall e da adesão à NATO (Organização do Tratado do Atlântico Norte) vão ser fulcrais neste momento da relação.

Os Estados Unidos delinearam vários planos com o objetivo de criar um alargado sistema de bases militares no pós-guerra de forma a garantir a sua segurança. Os *Joint Staff Planners* desenharam um plano neste sentido, no qual os Açores estavam no topo hierárquico de importância estratégica, juntamente com locais como o Havai, a zona do Canal da Mancha, as Filipinas, Porto Rico, bem como Cabo Verde. Neste sentido, os Estados Unidos deram início a negociações de forma a obter “por um período de longa duração, facilidades aéreas e navais”³¹ em ambos os arquipélagos portugueses. Resultado destas negociações, em setembro de 1946, foi desenvolvido um documento que previa que o principal estabelecimento militar dos Estados Unidos nos Açores passasse a ser a Base das Lajes e não o aeroporto de Santa Maria, que os americanos teriam de abandonar, transferindo todo o material para as Lajes, à exceção do que era “indispensável ao funcionamento e uso comercial do aeródromo”³². Estas negociações alargaram-se, aproximadamente, mais um ano, até ao final do ano de 1947, tendo que esta fase do acordo dos Açores coincidir com o Plano Marshall.

Portugal teve duas posições distintas relativamente ao Plano de Recuperação Europeia (que ficaria conhecido como Plano Marshall). Num primeiro momento, que se iniciou em setembro de 1947, recusou qualquer auxílio externo e, num segundo momento, um ano depois, precisamente em setembro de 1948, procurou a obtenção

²⁹ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, p. 397.

³⁰ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, p. 415.

³¹ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, p. 416.

³² SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, p. 423.

de ajuda financeira. Esta mudança deveu-se a uma “deterioração da situação económico-financeira de Portugal, sobretudo ao nível do comércio externo”³³, bem como da inevitável concordância por parte do Governo português de que uma integração na esfera americana do mundo do pós-Segunda Guerra Mundial seria, a partir de então, uma “constante da política externa portuguesa”³⁴.

Simultaneamente, a participação de Portugal no Plano Marshall concidiu com a adesão do país à NATO, cujo convite informal foi feito em outubro de 1948, por iniciativa dos Estados Unidos e do Reino Unido, traduzindo-se naquela que seria a peça final da integração no polo americano do mundo pós-guerra. Este convite adveio, essencialmente, do papel fundamental que as ilhas atlânticas portuguesas, em particular os Açores, desempenhavam na defesa e segurança do Atlântico Norte, nomeadamente no que concerne ao controlo de rotas marítimas e aéreas nesta zona³⁵.

Em termos de relações luso-americanas, os anos seguintes basearam-se, essencialmente, na ligação multilateral que ocorre na esfera da NATO, com a questão colonial portuguesa e as “posições irreconciliáveis dos dois países relativamente ao processo descolonizador do pós-Segunda Guerra Mundial”³⁶ a assumir importância crescente no plano do relacionamento entre os dois Estados. Daí o surgimento de alguma tensão nas relações entre Portugal e os Estados Unidos sobre a questão do Estado Português da Índia, alvo de fortes pretensões por parte da União Indiana. O Governo português pretendia obter o apoio público dos Estados Unidos nesta matéria, algo que nunca aconteceu. Por sua vez, no que às colónias africanas portuguesas dizia respeito, “podemos concluir que durante a década de 1950 os Estados Unidos tiveram uma política amiga de Portugal”³⁷. A posição americana em relação ao continente africano estava inerentemente dependente da sua política europeia e da sua política para com os países coloniais europeus, e no caso de um embate ideológico, os EUA tinham de privilegiar as exigências europeias de forma a não causar fricção. Dito isto, especialmente após 1957, vai verificar-se que os Estados Unidos vão procurar trabalhar,

³³ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, p. 430.

³⁴ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, p. 432.

³⁵ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, pp. 438-439.

³⁶ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, p. 440.

³⁷ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, p. 448.

progressivamente, com as potências europeias em direção à autodeterminação dos Estados africanos. Por outro lado, a adesão de Portugal às Nações Unidas, em 1955, vai levar ao aumento do antagonismo relativo à questão colonial, causando grande tensão nas relações luso-americanas no virar para a década de 60, especialmente após a eleição de John F. Kennedy³⁸.

As relações luso-americanas conheceram o seu maior declínio pós-Segunda Guerra Mundial, durante a curta Administração Kennedy. No centro desta crise estava, fundamentalmente, a questão colonial. Contudo, ocorreu um conjunto de situações que vão “provocar um profundo mal-estar em Portugal”³⁹.

O primeiro episódio de tensão foi o do paquete *Santa Maria*, naquela que ficaria conhecida por “Operação Dulcinea”⁴⁰. No dia 22 de janeiro de 1961, apenas dois dias após a tomada de posse de John F. Kennedy, o *Santa Maria* foi capturado por exilados políticos portugueses e espanhóis que integravam a Direção Revolucionária Ibérica de Libertação (DRIL), opositores dos regimes de Salazar e de Franco, liderados por Henrique Galvão e Jorge Soutomayor. O Governo português pediu, de imediato, apoio aos Estados Unidos de forma a intercetar o navio, que foi inicialmente aceite, no entanto, Washington viria a mudar de ideias. Esta mudança foi vista pelo Governo português como reconhecimento político por parte dos americanos a Henrique Galvão. O Governo dos Estados Unidos respondeu a estas acusações afirmando que as táticas utilizadas não passavam de um plano para garantir a libertação, em segurança, dos passageiros e da tripulação do *Santa Maria*, sendo que para que este resultasse, era necessária máxima discrição. A justificação foi aceite por Portugal, levando, inclusive, a que Lisboa agradecesse publicamente à Administração Kennedy pelo auxílio na resolução desta situação⁴¹.

Por sua vez, outro acontecimento que contribuiu para agravar as relações luso-americanas foi a Abrilada de 1961, uma tentativa de golpe de Estado comandada pelo Ministro da Defesa, General Júlio Botelho Moniz⁴². A tentativa de *coup d'état* teria

³⁸ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, pp. 447-460.

³⁹ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, p. 463.

⁴⁰ RODRIGUES, Luís Nuno – *Salazar-Kennedy: a crise de uma aliança*, p. 11.

⁴¹ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, pp. 460-464.

⁴² RODRIGUES, Luís Nuno – *Salazar-Kennedy: a crise de uma aliança*, p. 54.

ocorrido através de “uma ação concertada com o governo dos EUA e com a participação do seu embaixador em Lisboa”⁴³ de forma a afastar Oliveira Salazar do Governo. Botelho Moniz pertencia a uma corrente dentro do Estado Novo que defendia uma abertura de Portugal a nível político e económico, bem como pretendia uma mudança radical relativamente a matérias coloniais, em especial da política africana. Neste sentido, procurou o apoio americano através do Embaixador dos Estados Unidos em Lisboa, Charles Elbrick, com quem teve contactos frequentes antes de tentar derrubar Salazar. Contudo, Botelho Moniz nunca contou com o apoio necessário, nem internamente, nem dos americanos, que apesar de terem interesse numa alteração de política colonial portuguesa não se queriam envolver diretamente na queda de Salazar. Desta forma, a Abrilada falhou e os intervenientes acabaram demitidos, acusados de terem conspirado com os Estados Unidos para remover Salazar do Governo, aumentando a desconfiança e a tensão nas relações luso-americanas⁴⁴.

Não obstante, os episódios do *Santa Maria* e da Abrilada terem ajudado a aumentar o clima de inquietação nas Relações entre Portugal e os Estados Unidos, a principal razão para a crise neste relacionamento foi a questão colonial. Para autores como Luís Nuno Rodrigues, esta foi a “causa principal da deterioração do relacionamento luso-americano”⁴⁵. A Administração Kennedy assumiu um novo rumo da política americana para o continente africano, passando a ser um interveniente importante na região, devido, especialmente, à crescente preocupação americana relativa à influência soviética em África. A mudança de posição dos Estados Unidos começou a fazer sentir-se no seio das Nações Unidas no que diz respeito a Angola e ao início dos movimentos independentistas no território. A 21 de fevereiro de 1961, a Libéria propôs a discussão da questão angolana no Conselho de Segurança. Portugal procurou o apoio dos Estados Unidos nesta questão, o que não aconteceu. Os americanos não se opuseram à discussão e votaram a favor da proposta da Libéria, procurando que Portugal adotasse novas políticas relativas às suas colónias, pois “por causa da sua estreita associação com Lisboa, a América estava «sob o crescente

⁴³ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, p. 464.

⁴⁴ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, pp. 465-468.

⁴⁵ RODRIGUES, Luís Nuno – *Salazar-Kennedy: a crise de uma aliança*, p. 70.

criticismo dos países afro-asiáticos»⁴⁶. Mais tarde, a 14 de março de 1961, foi apresentada nova resolução no Conselho de Segurança, desta feita de forma a obrigar Portugal a empreender uma série de reformas nas suas colónias que conduzissem, em última instância, à autodeterminação. No dia seguinte, os Estados Unidos da América votaram favoravelmente esta resolução, que acabou por ser chumbada devido ao apoio de outros Estados aliados de Portugal, mas que levou, no entanto, a uma séria crise nas relações luso-americanas. Este episódio gerou uma grande onda de antiamericanismo em Portugal. A imprensa portuguesa encheu-se de notícias contra os Estados Unidos e verificaram-se várias manifestações públicas, ora em Lisboa, junta da Embaixada americana, ora no Porto ou em Luanda, onde também se fez sentir o descontentamento do povo português.

Outro motivo que explicou a grave crise nas relações luso-americanas foram os contactos e a ajuda que os Estados Unidos forneceram aos nacionalistas angolanos, particularmente nos anos de 1961 e 1962. O apoio americano em Angola refletiu-se em comunicações constantes com a União dos Povos de Angola (UPA), que obteve contribuições através de organizações privadas americanas a Holden Roberto, líder da UPA, bem como “financiamento secreto da CIA”⁴⁷. Para mais, no início de 1962 vai-se verificar uma alteração da política de venda de armas efetuada no âmbito da NATO por parte dos Estados Unidos a Portugal, porque os americanos queriam garantir que o material militar não era desviado para o conflito em África.

Além disso, outro ponto de tensão na relação luso-americana foi o da questão da falta de apoio americano relativamente à invasão militar do Estado Português da Índia por parte da União Indiana. Mais uma vez, o Governo português, através de Franco Nogueira, Ministro dos Negócios Estrangeiros, procurou uma condenação pública por parte dos Estados Unidos sobre o sucedido na Índia. Apesar da tentativa de atenuar a situação, por via diplomática, por parte dos Estados Unidos, quando as forças indianas invadiram e ocuparam os territórios portugueses, em 17 de dezembro de 1961, Franco Nogueira informou Charles Elbrick que se os portugueses levassem a questão ao

⁴⁶ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, p. 471.

⁴⁷ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, p. 475.

Conselho de Segurança e não obtivessem a colaboração dos Estados Unidos isso iria significar um corte de relações entre os dois Estados. No dia seguinte, em reunião do Conselho de Segurança, os Estados Unidos apoiaram a posição de Portugal, atenuando um pouco a situação, muito devido às palavras de Adlai Stevenson, representante da delegação dos Estados Unidos da América junto das Nações Unidas, que apesar de tudo “não foram suficientes para reparar o péssimo estado das relações luso-americanas”⁴⁸.

1.2. Relações Brasil-Estados Unidos

Pretende-se agora sintetizar as relações entre o Brasil e os EUA, desde o início do século XX, ainda durante a Primeira República Brasileira, passando pelo Regime de Getúlio Vargas, terminando com a Era Democrática do pós-Estado Getulista.

Os Estados Unidos reconheceram a independência do Brasil a 26 de maio de 1824, estabelecendo relações diplomáticas prontamente, sendo ativa a relação entre os dois Estados, na generalidade, como, aliás, se vai verificar de seguida.

O início do século XX foi o momento da “primeira política de aproximação com os Estados Unidos”⁴⁹, verificando-se uma competição entre o Brasil e a Argentina pela atenção dos Estados Unidos. Durante o princípio do século, os temas principais de conexão entre os dois países prendiam-se com questões do foro militar e económico, sendo que os Estados Unidos pretendiam criar um bloco pan-americano para rivalizar com a Europa, após reinterpretação da Doutrina Monroe que conduziu a um maior intervencionismo dos Estados Unidos no Continente Americano.

Contudo, as relações entre o Brasil e Estados Unidos tornaram-se um pouco distantes durante a República Velha, situação que se alterou em 1930, com a implementação do regime de Getúlio Vargas. Isto deveu-se à atitude isolacionista brasileira e ao facto do Brasil estar ainda muito dependente do Reino Unido, passando oficialmente da esfera britânica para a americana a partir de 1930⁵⁰. Os Estados Unidos

⁴⁸ SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal-EUA: (1776-2015)*, p. 482.

⁴⁹ ALMEIDA, Paulo Roberto de; BARBOSA, Rubens Antônio – *Relações Brasil-Estados Unidos. Assimetrias e Convergências*, p. 17.

⁵⁰ ALMEIDA, Paulo Roberto de; BARBOSA, Rubens Antônio – *Relações Brasil-Estados Unidos. Assimetrias e Convergências*, pp. 17-21.

constituíam, antes até de 1930, um dos mais importantes aliados comerciais do Brasil, sendo o maior importador do principal produto brasileiro, o café⁵¹.

A Revolução que colocou fim à Primeira República Brasileira trouxe consigo o crescimento e a modernização industrial, atraindo, naturalmente, o investimento norte-americano. É de referir que o período de incentivo às indústrias no Brasil começou durante a Primeira Guerra Mundial, devido à “interrupção da concorrência de produtos importados”⁵², sendo, contudo, um processo que vai ter continuidade e alcançar nova dimensão após a Revolução. Contudo, não foram apenas os americanos que ganharam interesse no Brasil por esta altura, surgindo um novo jogador, a Alemanha. A Alemanha Nazi procurou espalhar a sua ideologia na América do Sul em geral, e no Brasil em particular. Neste sentido, o Brasil “adotou uma orientação pragmática [...] tratou de negociar com quem lhe oferecesse melhores condições”⁵³. O início da Segunda Guerra Mundial trouxe consigo o bloqueio alemão, que restringiu o fornecimento de bens à Alemanha Nazi, que assim recuou a nível comercial no continente sul-americano a par de um avanço significativo por parte dos Estados Unidos. Por esta altura, os Estados Unidos da América fizeram incidir a sua atenção na questão da defesa do continente americano, no qual procuravam ser líderes, promovendo várias conferências pan-americanas para este fim.

A entrada dos Estados Unidos no conflito, em dezembro de 1941, levou a uma maior aproximação do Brasil aos americanos, levando Getúlio Vargas a seguir a linha do pan-americanismo e a procurar o apoio económico e militar dos Estados Unidos. Em agosto de 1942, o Brasil entrou oficialmente na Guerra após a destruição de vários navios brasileiros por parte de forças alemãs. De forma a auxiliar os esforços relativos à defesa do Atlântico e do continente americano, foram sendo construídas numerosas bases militares ao longo da costa nordeste brasileira. Por outro lado, a partir de junho de 1944, verificou-se o envio de contingentes da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para lutar na

⁵¹ FAUSTO, Boris – *História do Brasil*, p. 293.

⁵² FAUSTO, Boris – *História do Brasil*, p. 288.

⁵³ FAUSTO, Boris – *História do Brasil*, p. 379.

Europa, mais precisamente em Itália, tendo mais de vinte mil brasileiros combatido em solo europeu durante o conflito⁵⁴.

Como já foi referido anteriormente, o fim da Segunda Guerra Mundial provocou a eclosão de um sistema internacional bipolar, dominado pelos Estados Unidos da América, de um lado, e pela URSS, do outro.

De facto, o ano de 1945 trouxe consigo não apenas o final da Segunda Guerra Mundial, mas também o final do regime do Estado Novo de Getúlio Vargas no Brasil, depois de ser destituído por membros do seu próprio Governo. Após eleições presidenciais, o novo Presidente Eurico Gaspar Dutra propiciou um breve período de democratização ao Brasil, que resultou numa maior aproximação com os Estados Unidos. Foi também durante o Governo de Dutra que se acentuou a repressão do Partido Comunista Brasileiro e se verificou o corte de relações do Brasil com a União Soviética. Este Governo levou a cabo uma maior abertura do país ao exterior, motivando o aumento do investimento americano⁵⁵.

Porém, em 1951, Getúlio Vargas voltou à liderança política do Brasil, desta feita após vencer as eleições de outubro de 1950. O seu retorno correspondeu a um afastamento nas relações entre os Estados Unidos e o Brasil, bem como um regresso ao nacionalismo económico que se tinha verificado anteriormente. Durante este período, Getúlio Vargas colocou ainda em prática uma política de sustentação dos preços altos do café exportado, causando alguma tensão com os Estados Unidos, um dos principais destinos do produto. A era de Vargas chegou a um fim abruptamente após o seu suicídio a 24 de agosto de 1954, muito devido à grande pressão interna de que era alvo.

Juscelino Kubitschek ganhou as eleições seguintes, em 1955, marcando uma nova rota na política externa do Brasil e nas relações com os Estados Unidos. O novo Presidente do Brasil abriu as portas ao investimento exterior e, por conseguinte, procurou melhorar o relacionamento com os Estados Unidos⁵⁶. Foi por iniciativa do Governo de Juscelino Kubitschek que, em 1958, o Brasil apresentou a sua primeira resolução multilateral regional, a Operação Pan-Americana, um programa que visava o

⁵⁴ FAUSTO, Boris – *História do Brasil*, pp. 379-382.

⁵⁵ FAUSTO, Boris – *História do Brasil*, pp. 397-405.

⁵⁶ FAUSTO, Boris – *História do Brasil*, pp. 419-437.

desenvolvimento económico da América Latina. Deste programa iria resultar, numa “primeira etapa, o Banco Interamericano de Desenvolvimento e, mais adiante, a Aliança para o Progresso”⁵⁷.

As relações entre o Brasil e os Estados Unidos conheceram uma fase diferente após o breve Governo de Jânio Quadros, que durou apenas alguns meses em 1961. Contudo, e apesar do curto período de governação, Quadros conseguiu antagonizar os Estados Unidos através da sua Política Externa Independente, a qual visava manter relações com qualquer nação, independentemente da esfera de influência, de forma a obter as vantagens que advinham da possibilidade de negociar com ambos os lados. Desta forma, os Estados Unidos desconfiavam da amizade que Quadros travou com alguns países comunistas, Cuba inclusive. Aliás, Jânio Quadros foi apoiante do regime de Fidel Castro após a Invasão da Baía dos Porcos pelos Estados Unidos em abril de 1961⁵⁸. Em agosto desse ano, Jânio Quadros renunciou à Presidência do Brasil, tomando posse o então Vice-Presidente João Goulart, em cujo Governo as relações entre o Brasil e os Estados Unidos atingiram o ponto mais baixo, culminando no apoio americano ao Golpe de Estado que derrubou Goulart, ocorrido em abril de 1964. A maior preocupação da Administração de John F. Kennedy relativamente ao Brasil prendeu-se com a contínua proximidade do Governo brasileiro aos países do bloco soviético, vendo a destituição de Goulart com bons olhos. Os Estados Unidos começaram então a procurar aliados dentro dos movimentos militares que já conspiravam para derrubar o Governo. Desta forma, entre 31 de março e 1 de abril de 1964, deu-se o Golpe de Estado que derrubou João Goulart, colocando um final na “experiência democrática”⁵⁹ e dando início ao Regime Militar no Brasil, que iria perdurar até 1985.

⁵⁷ ALMEIDA, Paulo Roberto de; BARBOSA, Rubens Antônio – *Relações Brasil-Estados Unidos. Assimetrias e Convergências*, p. 21.

⁵⁸ FAUSTO, Boris – *História do Brasil*, p. 439.

⁵⁹ FAUSTO, Boris – *História do Brasil*, p. 461.

1.3. John Fitzgerald Kennedy – família e ação política

1.3.1. O clã Kennedy

É inconcebível tentar entender John F. Kennedy sem primeiro compreender o “Clã Kennedy”⁶⁰. É impossível distanciar John Kennedy da sua família, pois ela esteve intimamente associada aos passos mais significativos da sua vida.

John F. Kennedy era o segundo de nove filhos de Joseph Patrick Kennedy e Rose Fitzgerald Kennedy. Natural de Boston, Massachusetts, Joseph Kennedy era um empresário de sucesso e um importante membro da comunidade irlandesa de Boston. Em 7 de outubro de 1914, Joseph Kennedy casou com Rose Elizabeth Fitzgerald, filha de John Francis Fitzgerald (também conhecido por Honey Fitz), Mayor de Boston, um dos políticos mais reconhecidos da cidade. Em dezembro de 1937, Joseph Kennedy foi nomeado Embaixador dos Estados Unidos no Reino Unido por Franklin D. Roosevelt. Fazendo-se acompanhar da família, Joseph Kennedy teve uma curta estadia na Europa. Após o início da Segunda Guerra Mundial, Kennedy questionou publicamente a capacidade britânica face aos ataques da Alemanha Nazi, criando tensão com o Governo Britânico, numa fase inicial, e com o seu próprio Governo, numa fase posterior, resultando na sua demissão em novembro de 1940⁶¹.

Em 25 de julho de 1915, o casal Kennedy teve o seu primeiro filho, Joseph P. Kennedy Jr. O primogénito iria ser a grande aposta do pai, que ambicionou a sua ascensão à presidência dos Estados Unidos da América. Joe Jr., como era melhor conhecido, era o filho predileto, parecendo que o destino de John era viver na sua sombra, não fosse a precoce morte de Joe Jr. em agosto de 1944, enquanto combatia na Segunda Guerra Mundial⁶².

Em 13 de setembro de 1918 nasceu Rosemary Kennedy, a primeira das quatro raparigas Kennedy. Foi evidente desde bastante cedo que Rosemary sofria de dificuldades de aprendizagem e de défices do foro intelectual, áreas sobre as quais se sabia muito pouco na época. Aos 23 anos, Joseph Kennedy autorizou que realizassem

⁶⁰ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, p. 85.

⁶¹ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 7-67.

⁶² DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 20-107.

uma lobotomia à filha, operação que iria deixar Rosemary permanentemente incapacitada⁶³.

Kathleen Kennedy (“Kick”), a quarta filha Kennedy, nasceu a 20 de fevereiro de 1920. Enquanto frequentava a faculdade, Kick começou a fazer voluntariado para a Cruz Vermelha em Nova York, em 1940, tentando auxiliar no esforço de guerra. Em 1941, tomou a decisão de abandonar a faculdade e começou a trabalhar para o jornal *Times-Herald* em Washington, D. C. Após curta experiência com o periódico, Kick decidiu voltar à Cruz Vermelha, desta feita em Londres, onde casou, em maio de 1944, com William Cavendish, Marquês de Hartington, que morreria em combate poucos meses depois. Kick permaneceu em Londres depois da morte do marido e, em 13 de maio de 1948, perdeu a vida num acidente de aviação, em França⁶⁴.

A 10 de julho de 1921 nasceu Eunice Kennedy Shriver, cujo legado se prendeu com a criação e desenvolvimento da Special Olympics, uma organização sem fins lucrativos de apoio a pessoas com deficiências físicas ou intelectuais, motivada pela relação próxima que tinha com Rosemary⁶⁵.

Patricia Kennedy Lawford nasceu em 6 de maio de 1924. Após terminar a faculdade, Patricia, devido ao seu interesse pelas artes, começou a trabalhar como assistente na National Broadcasting Company em Nova Iorque. Mais tarde, mudou-se para Los Angeles para perseguir outros projetos. Em abril de 1954, casou-se com o ator Peter Lawford, de quem teve quatro filhos e acabou por se divorciar em 1965. No ano seguinte, Patricia mudou-se novamente para Nova Iorque onde esteve envolvida ativamente no campo das artes⁶⁶.

Robert Francis Kennedy, sétimo dos irmãos Kennedy, nasceu a 20 de novembro de 1925. Bobby, como era conhecido, foi provavelmente o membro familiar mais próximo de John, acompanhando-o durante grande parte da sua carreira política. Em 1952, Bobby tornou-se diretor de campanha do irmão na corrida para o Senado por

⁶³ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 22-72.

⁶⁴ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 22-154.

⁶⁵ Não confundir com Jogos Paraolímpicos. Apesar de ambos serem reconhecidos pelo Comité Olímpico Internacional, os Jogos Mundiais da Special Olympics não são organizados em associação com os Jogos Olímpicos.

⁶⁶ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 22-48.

Massachusetts. No ano seguinte, fez parte do Subdepartamento de Investigações liderado pelo Senador Joseph McCarthy, renunciando ao cargo seis meses mais tarde devido a discórdias com McCarthy. Mais tarde, Bobby voltou ao Subdepartamento e ganhou notoriedade nacional após expor o caso de corrupção de Jimmy Hoffa. Contudo, em 1960 regressou à equipa do irmão Jack, liderando a sua campanha, para as Presidenciais. Depois da vitória de John F. Kennedy nas eleições, Bobby foi nomeado Procurador-Geral, sendo simultaneamente um dos membros mais próximos da Administração a Jack e um Conselheiro imprescindível. Enquanto ocupava o cargo lançou uma forte ofensiva contra o crime organizado nos Estados Unidos. Robert Kennedy foi ainda um grande defensor dos Direitos Civis, lutando pelo direito de voto dos afro-americanos e integração racial. Após a morte do irmão, Bobby manteve o seu cargo durante algum tempo, abandonando-o apenas para concorrer com sucesso ao Senado por Nova Iorque em 1964. Quatro anos depois, candidatou-se à nomeação democrática, tornando-se rapidamente o principal candidato, vencendo importantes primárias em Estados como Indiana e Nebraska. A 5 de junho de 1968, venceu as primárias na Califórnia. Neste mesmo dia, Bobby Kennedy foi atingido a tiro por Sirhan Sirhan, um palestineano de 24 anos, devido ao apoio de Kennedy a Israel, sucumbindo aos ferimentos horas mais tarde⁶⁷.

Jean Kennedy Smith, a filha mais nova do casal nasceu a 20 de fevereiro de 1928. Em 1960, auxiliou o irmão John na sua campanha presidencial, naquela que seria a sua primeira experiência política. Em março de 1993, Jean Kennedy foi nomeada pelo Presidente Bill Clinton Embaixadora americana na República da Irlanda, cargo que ocupou até 1998⁶⁸.

O último filho, Edward M. Kennedy, mais conhecido por Ted, nasceu a 22 de fevereiro de 1932. Teve uma importante carreira na política americana, sendo o terceiro membro com mais tempo no Senado dos Estados Unidos da América. Eleito para esse órgão por Massachusetts nove vezes, a prolixa carreira política de Ted Kennedy expandiu-se durante quase 50 anos. De notar alguns marcos mais relevantes, como a

⁶⁷ TYE, Larry – *Bobby Kennedy: The Making of a Liberal Icon*. New York: Random House, 2016, 157-463.

⁶⁸ CYNTHIA, Fagen; PATTERSON, James – *The House of Kennedy*. New York: Little, Brown and Company, 2020, pp. 13-18.

sua candidatura falhada à nomeação democrática em 1980 e a liderança de vários Departamentos de grande importância como o da Saúde ou da Educação⁶⁹.

A dinâmica na casa Kennedy era bastante peculiar. Joseph Kennedy colocava grande pressão nos filhos, em especial nos rapazes. O pai encorajava os filhos a competir constantemente uns com os outros, incentivando até que estes lutassem entre si. À mesa de jantar era comum que os assuntos fossem relacionados com História ou Política e era esperada a participação das crianças⁷⁰.

Hyannis Port, em Massachusetts, era o destino habitual de verão da família. Aqui, a família aproveitava para fazer atividades como natação, vela ou jogar futebol americano⁷¹.

A família esteve sempre marcada pela tragédia. A “maldição Kennedy” diz respeito aos vários acidentes, mortes ou assassinatos que aconteceram na família. Muitos dos infortúnios mais relevantes já foram referidos anteriormente, como a morte de Joseph Jr. e Kick, a lobotomia falhada de Rosemary e o assassinato de Bobby. Outros exemplos incluem o AVC de Joseph Kennedy, que o deixou paralizado e praticamente incapaz de comunicar, ou o acidente de avião de Ted Kennedy, que apesar de fatal para o piloto e um assessor de campanha do Senador, não resultou na morte de Ted, que sofreu várias lesões e esteve acamado durante um longo período de tempo⁷². Esta aura de tragédia tocava também a geração seguinte.

1.3.2. Juventude, Carreira Militar e Vida Política

John Fitzgerald Kennedy nasceu a 29 de maio de 1917 em Brookline, Massachusetts. Recebeu o nome do avô materno, John Francis Fitzgerald (“Honey Fitz”), mas rapidamente começou a ser tratado por Jack⁷³.

⁶⁹ BZDEK, Vincent – *The Kennedy Legacy: Jack, Bobby and Ted and a Family Dream Fulfilled*. New York: St. Martin's Press, 2009, pp. 145-227.

⁷⁰ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 3-68.

⁷¹ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 27-68.

⁷² A este respeito, ver em especial: KLEIN, Edward – *The Kennedy Curse: Why Tragedy Has Haunted America's First Family for 150 Years*. New York: St. Martin's Griffin, 2003.

⁷³ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, p. 20.

A família mudou-se para Riverdale, um subúrbio de Manhattan, Nova Iorque, quando Jack tinha 10 anos de idade. A mudança deveu-se, em grande parte, à crescente intolerância em Boston para com a comunidade católica-irlandesa, da qual os Kennedy faziam parte⁷⁴.

Com 13 anos, John Kennedy foi mandado para a Canterbury School em New Milford, no Connecticut, onde apenas iria permanecer durante um ano escolar. No ano seguinte, Jack juntou-se ao irmão mais velho Joseph Jr. no internato Choate, em Wallingford, Connecticut. Durante a sua estadia em Choate, Jack passou por várias dificuldades médicas, algo que, aliás, não era novo na sua vida, já que desde os 3 anos de idade sofria de vários problemas de saúde, os quais o acompanhariam ao longo de toda a vida⁷⁵.

Procurando desviar-se do caminho percorrido pelo pai, formado em Harvard, Jack concorreu à Universidade de Princeton. Contudo, o seu tempo em Princeton durou apenas uns meses, devido a dificuldades de saúde. Durante a sua recuperação, que levou o jovem Kennedy até aos ares quentes de Arizona, Jack teve tempo para refletir na sua opção universitária e em setembro de 1936, matriculou-se na *alma mater* do pai, Harvard. John F. Kennedy nunca foi um aluno exemplar, focando-se mais nas atividades extracurriculares e sociais, como o futebol americano, golfe ou natação⁷⁶.

Em julho de 1938, após a nomeação do pai como Embaixador dos Estados Unidos no Reino Unido, Jack viajou até Londres para trabalhar na Embaixada Americana durante o verão. Esta estadia deu oportunidade ao jovem Kennedy de socializar e, por breves momentos, fazer parte da alta sociedade britânica⁷⁷.

Durante 1939, John Kennedy viajou pela Europa e Médio Oriente, numa altura de grande tensão política no continente europeu. Simultaneamente, estava a trabalhar na sua tese sobre assuntos contemporâneos, que mais tarde iria ser publicada em forma de livro, com grande sucesso. No decorrer da sua viagem, Jack foi recebido por várias

⁷⁴ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, p. 29.

⁷⁵ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 29-33.

⁷⁶ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 41-43.

⁷⁷ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 53-54.

embaixadas americanas devido ao estatuto do seu pai, tendo também oportunidade de conviver com importantes membros das várias delegações que visitava⁷⁸.

Com a invasão da Polónia pela Alemanha a 1 de setembro de 1939, levando à declaração de guerra por parte do Reino Unido, Jack juntou-se à família, na Casa dos Comuns para assistirem à explicação do Primeiro-Ministro Britânico Neville Chamberlain e outros membros do Parlamento, sobre a decisão do Reino Unido combater. Ainda neste mês, Jack teve a sua primeira experiência diplomática. Como representante do seu pai, foi enviado a Glasgow para fornecer assistência a cidadãos americanos sobreviventes após a destruição de um navio britânico por forças alemãs⁷⁹.

No ano de 1940, Jack terminou o seu curso em Harvard, e inscreveu-se em Stanford, onde iria estudar Direito Empresarial. Contudo, os seus interesses prendiam-se principalmente com Ciência Política e Relações Internacionais. Ponderou candidatar-se à *Yale Law School*, mas teve de cancelar os seus planos devido à iminente entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial⁸⁰.

John Kennedy queria, por um lado, servir o seu país, e, por outro, não queria ficar atrás do seu irmão mais velho, que se tinha tornado piloto da Marinha. Porém, os seus problemas de saúde dificultaram tais ambições, não conseguindo passar exames físicos no Exército, numa fase inicial, e na Marinha, posteriormente. Recorreu ao seu pai, que utilizou a sua influência junto de um velho conhecido, Alan Kirk, diretor do *Office of Naval Intelligence* (ONI) e ingressou na Marinha em outubro de 1941, juntando-se ao ramo de *Foreign Intelligence*, em Washington, D.C. Em janeiro de 1942, foi transferido para o *Charleston Navy Yard* na Carolina do Sul, e em julho do mesmo ano, a Marinha aceitou o seu pedido para efetuar serviço marítimo, mudando-se para Chicago de forma a realizar a respetiva formação, que terminou a 2 de dezembro, sendo-lhe atribuídas funções no Sul do Pacífico como comandante de um torpedeiro⁸¹.

A 2 de agosto de 1943, ao longo das Ilhas Salomão, a tripulação comandada por John Kennedy recebeu indicações para impedir o fornecimento de suplementos por

⁷⁸ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 54-58.

⁷⁹ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 58-59.

⁸⁰ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 48-68.

⁸¹ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 81-90.

parte de navios japoneses às suas tropas. Nessa noite, um destruidor japonês embateu contra o barco liderado por Jack, resultando na morte de dois dos tripulantes e causando danos irreparáveis à embarcação. John Kennedy conseguiu guiar os sobreviventes até uma pequena ilha nas proximidades, tendo que transportar um elemento da sua tripulação que tinha sofrido uma série de ferimentos e queimaduras, apesar das suas próprias lesões. Os sobreviventes foram encontrados seis dias depois por nativos da ilha, que os levaram até um campo de Infantaria da Nova Zelândia e no dia seguinte, a tripulação estava de volta a mãos americanas. John F. Kennedy era agora um herói de guerra, recebendo várias honras pelo serviço prestado⁸².

De volta aos Estados Unidos, e após a trágica morte do irmão mais velho, as atenções do pai viraram-se para Jack, conseguindo persuadir o filho a seguir a vida política.

Em 1946, com o apoio financeiro e a influência do pai, concorreu ao Congresso dos Estados Unidos da América, através do Distrito Congressional de Massachusetts. John F. Kennedy, democrata, derrotou o seu adversário republicano, com mais de 70% dos votos. Iria servir na Câmara dos Representantes durante seis anos, integrando importantes Departamentos como o da Educação e dos Assuntos dos Veteranos, e focando-se ainda em temas como Relações Internacionais ou Habitação Pública⁸³.

No ano de 1949, Jack começou a preparar a sua corrida ao Senado dos Estados Unidos para as eleições de 1952. Mais uma vez, a campanha teve o apoio financeiro do pai e Bobby Kennedy juntou-se como diretor de campanha do irmão. John F. Kennedy derrotou o republicano Harry Cabot Lodge, conquistando Massachusetts para os democratas⁸⁴.

Pouco tempo após a sua vitória para o Senado, em 12 de setembro de 1953, John F. Kennedy casa com Jacqueline Bouvier, que trabalhava no *Washington Times-Herald* quando se conheceram. No começo do casamento, Jack teve de ser alvo de duas operações às costas, devido a lesões recorrentes que advinham da prática de futebol americano e do tempo de guerra. Enquanto recuperava, Jackie encorajou Jack a escrever

⁸² DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 94-100.

⁸³ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 117-176.

⁸⁴ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 157-176.

um livro, que se intitularia *Profiles in Courage*, e foi um sucesso, vencendo o Prémio Pulitzer em 1957, ano em que nasceu o primeiro filho do casal, Caroline Kennedy⁸⁵.

Com o aumento da sua popularidade política, especialmente dentro do Partido Democrata, John F. Kennedy decidiu concorrer à presidência dos Estados Unidos da América. A 13 de julho de 1960, obteve a nomeação democrática e escolheu Lyndon B. Johnson, Senador sulista do Texas, como parceiro e seu candidato a Vice-Presidente. A 8 de novembro de 1960, John F. Kennedy derrotou Richard Nixon e tornou-se o 35º Presidente dos Estados Unidos da América. Além de ter sido o primeiro Presidente Católico do país, John Kennedy permanece até hoje como o mais jovem Presidente eleito dos Estados Unidos – tinha então 43 anos⁸⁶.

1.3.3. A Administração de John F. Kennedy e o seu assassinato

John F. Kennedy fez o seu juramento presidencial a 20 de janeiro de 1961. No agora famoso discurso de inauguração, o Presidente afirmou: “Não perguntes o que o teu país pode fazer por ti, pergunta sim o que podes fazer pelo teu país”⁸⁷.

Jack mudou-se para a Casa Branca com Jacqueline, a filha Caroline e o filho John Jr., nascido pouco depois da eleição do pai. Jackie fez questão de personalizar a Casa Branca, renovando praticamente todas as divisões, substituindo quadros e mobílias. Devido, em grande parte, à juventude dos novos inquilinos, a Casa Branca aparentava agora ser um local mais divertido, um traço da personalidade de John F. Kennedy, que misturava trabalho e prazer sempre que possível, numa abordagem muito diferente do seu antecessor Dwight Eisenhower; na realidade, o seu *modus operandi* era distinto de qualquer outro político americano⁸⁸.

Durante a sua Administração, John Kennedy vai ter de se debruçar sobre vários temas de crucial importância, tanto na agenda doméstica, como na externa.

Internamente, um dos grandes problemas que afrontava a nação americana era o da questão racial, que permanece uma matéria pertinente até hoje. Um dos desafios

⁸⁵ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 192-225.

⁸⁶ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 229-296.

⁸⁷ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, p. 326.

⁸⁸ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 321-323.

relativamente à injustiça racial prendia-se com a falta de cooperação no Congresso, por parte dos membros sulistas, que constituíam a maior fatia desse órgão. Este aspeto tornava extremamente complicado passar legislação progressiva, uma das promessas de campanha de Kennedy. A este respeito, é importante referir que a nomeação para Vice-Presidente de Lyndon Johnson, natural do Texas e uma das principais figuras políticas do Sul, serviu, em grande medida, para que John F. Kennedy tivesse obtido o maior apoio possível do Sul dos Estados Unidos. Jack nomeou vários afro-americanos durante a sua Administração, como Robert C. Weaver para Administrador da *Housing and Home Finance Agency* (HHFA) ou Clifford R. Wharton como Embaixador dos Estados Unidos na Noruega, só para dar alguns exemplos⁸⁹. Em 1963, John F. Kennedy anunciou a proposta de uma nova *Civil Rights bill*, procurando proporcionar acesso igualitário a estabelecimentos públicos, nomeadamente escolas, melhores condições de trabalho, bem como fornecer maior proteção e acesso aos direitos de voto à comunidade afro-americana. Estas propostas apenas viriam a ser colocadas em prática através do *Civil Rights Act of 1964*, após a morte de John Kennedy⁹⁰.

Ainda sobre a agenda doméstica, através do programa *New Frontier* (Nova Fronteira)⁹¹ John Kennedy propôs reformas relativamente à Educação e à Saúde, forneceu apoio económico, especialmente em zonas rurais, que permitiu uma melhoria na habitação e nos transportes, fez passar leis de controlo de poluição de águas, entre outras medidas⁹².

Os episódios de política externa mais significativos da Administração de John F. Kennedy foram os da Baía dos Porcos e a consequente crise de mísseis de Cuba. Em plena Guerra Fria, a política externa dos Estados Unidos era marcada, predominantemente, por confrontos com a União Soviética, através de ações preventivas ou reativas.

A invasão da Baía dos Porcos foi um plano criado para derrubar o regime de Fidel Castro em Cuba, através de uma invasão da ilha por parte de exilados cubanos treinados

⁸⁹ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 328-336.

⁹⁰ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 649-708.

⁹¹ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 276.

⁹² DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 708.

por americanos e liderados pela Central Intelligence Agency (CIA). O plano foi aprovado por John Kennedy a 4 de abril de 1961 e a 17 de abril desse mês foi dada a ordem para efetuar a invasão. Uma força de cerca de 1500 homens invadiram Cuba, mas devido à falta de apoio aéreo acabou por fracassar, sendo um momento de especial humilhação para os Estados Unidos da América e para John F. Kennedy⁹³.

A crise de mísseis de Cuba teve início a 14 de outubro de 1962 quando aviões americanos recolheram fotografias de várias instalações de mísseis de média distância a serem construídos na ilha cubana, a menos de 600 quilómetros de Miami, Florida. John Kennedy foi aconselhado a lançar uma ofensiva imediata a Cuba e a invadir a ilha. O Presidente, mas preferiu uma abordagem mais comedida, dando ordem à Marinha para intercetar qualquer navio cargueiro soviético rumo a Cuba. Após um período de alta tensão mundial, John Kennedy chegou a um acordo com Nikita Khrushchev para remover qualquer míssil de Cuba em troca da promessa de que os Estados Unidos nunca invadissem a ilha e de removeram instalações de mísseis que tinham na Turquia e em Itália. Este incidente foi o momento em que a Guerra Fria esteve mais próxima de se tornar num conflito *de facto*⁹⁴.

No dia 21 de novembro de 1963, John F. Kennedy viajou até ao Estado do Texas, acompanhado por Jacqueline Kennedy, para fazer vários discursos, numa viagem política que, em parte, era a preparação para a sua reeleição em 1964, e, por outro lado, visava acalmar tensões entre importantes membros do Partido Democrata (Ralph Yarborough, Don Yarborough e John Connally)⁹⁵.

No dia 22 de novembro de 1963, enquanto o desfile presidencial seguia pelo Dealey Plaza na baixa de Dallas, John F. Kennedy foi assassinado. Três tiros foram disparados em direção ao automóvel em que seguia, tendo dois deles atingido o Presidente. John F. Kennedy foi transportado para o Hospital de Parkland, juntamente com o Governador do Texas, John Connally, que apesar de baleado sobreviveu aos ferimentos⁹⁶.

⁹³ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 356-372.

⁹⁴ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 535-574.

⁹⁵ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 691-692.

⁹⁶ DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*, pp. 693-694.

Os tiros originaram de uma janela do sexto andar do *Texas School Book Depository* (um edifício que ladeava a rua onde o carro do Presidente seguia) e, de acordo com os relatos oficiais, foram disparados por Lee Harvey Oswald. Cerca de uma hora depois dos disparos iniciais, e após assassinar J. D. Tippit, um polícia de Dallas, Oswald foi detido enquanto se escondia numa sala de cinema. Dois dias mais tarde, Lee H. Oswald seria também assassinado enquanto abandonava o departamento de polícia de Dallas, por um homem chamado Jack Ruby⁹⁷.

O Vice-Presidente Lyndon B. Johnson teve a responsabilidade de assumir a presidência dos Estados Unidos da América, fazendo o juramento presidencial dentro do *Air Force One*, ainda em Dallas. Uma semana após o assassinato de John F. Kennedy, o novo Presidente criou uma comissão para investigar as circunstâncias do assassinato. Esta comissão foi liderada pelo chefe do Supremo Tribunal de Justiça dos Estados Unidos, Earl Warren, ficando então conhecida como *The Warren Comission*⁹⁸. Esta comissão concluiu que Lee Harvey Oswald atuou sozinho⁹⁹.

⁹⁷ KNIGHT, Peter – *The Kennedy Assassination*, pp. 3-5.

⁹⁸ A este respeito, ver em especial: *Report of the Warren Commission on the Assassination of President Kennedy*. New York: McGraw-Hill Book Co, 1964.

⁹⁹ KNIGHT, Peter – *The Kennedy Assassination*, pp. 3-4.

2. A Imprensa Portuguesa

2.1. A Reação Portuguesa

A imprensa nacional noticiou a par e passo os atos protocolares do Estado, eventos dinamizados por associações diversas, missas em sufrágio, atos de homenagem variados que em Portugal tiveram lugar no seguimento da morte de John F. Kennedy.

A primeira reação do Estado português teve lugar apenas duas horas após a morte de John Kennedy, através do Ministro dos Negócios Estrangeiros, Franco Nogueira, uma pessoa que lidara de modo direto com o Presidente dos Estados Unidos da América, nomeadamente três semanas antes, a dia 7 de novembro, na Casa Branca, onde se sentiu recebido como “um velho amigo”¹⁰⁰. Sobre esse encontro e o assassinato do Presidente americano, Franco Nogueira declarou:

Não há muitos dias tive a honra de, mais uma vez, ser recebido pelo Presidente Kennedy, numa longa conversa de uma hora. E mais uma vez pude admirar a sua juventude, a sua inteligência, as suas agudas faculdades políticas. Não podia, por isso, deixar de me causar um forte choque a notícia da sua morte. Lamento-a profundamente, e deploro as trágicas circunstâncias em que se verificou o desaparecimento do Presidente Kennedy, como resultado de um ato que não pode deixar de suscitar a mais vigorosa repressão¹⁰¹.

Franco Nogueira enviou ainda um telegrama a Dean Rusk, Secretário de Estado dos EUA, no qual expressou o seu profundo choque e apresentou condolências pela morte de John Kennedy¹⁰². Dias mais tarde, numa das suas habituais conferências de Imprensa no Palácio das Necessidades realizada no dia 27 de novembro, o Ministro começou o seu discurso por dizer umas palavras a respeito do Presidente americano. Franco Nogueira aproveitou para relembrar o seu último encontro com John Kennedy e para mais uma vez tecer elogios de teor idênticos aos que deixou expresso no seu

¹⁰⁰ NOGUEIRA, Franco – *Um Político Confessa-se. (Diário: 1960-1968)*. 3ª edição. Porto: Livraria Editora Civilizações, 1987, p. 80. Ver Anexo 1.

¹⁰¹ *Diário de Lisboa*, nº 14706, 22 de novembro de 1963, p. 16.

¹⁰² *O Comércio do Porto*, nº 320, 23 de novembro de 1963, p. 1.

*Diário*¹⁰³. Questionado sobre o futuro das relações luso-americanas após a morte de John F. Kennedy, Franco Nogueira disse ser prematuro colocar a questão, referindo apenas que Lyndon Johnson e John Kennedy eram pessoas diferentes e que, certamente, teriam abordagens diferentes¹⁰⁴.

Por sua vez, Américo Tomás enviou o seguinte telegrama diretamente ao novo Presidente dos Estados Unidos, Lyndon Johnson:

Acabo de saber da inesperada morte do Presidente John Kennedy em trágicas condições como resultado de um atentado contra a sua vida. Em meu nome e em nome do povo português desejo transmitir-lhe e ao povo americano a expressão das minhas profundas condolências. Quero assegurar a V. Ex.^a da compreensão do povo português pela grave perda que acaba de sofrer a Nação Americana. Peço-lhe que aceite, Excelência, a garantia da minha mais alta consideração¹⁰⁵.

O Presidente da República portuguesa dirigiu também um telegrama à Primeira-Dama, Jacqueline Kennedy, no qual apresentou os seus sentimentos pelo falecimento do marido e Presidente.

De forma semelhante, o Presidente do Conselho de Ministros expressou as suas condolências a Jackie Kennedy através de um breve telegrama¹⁰⁶, tendo dirigido outro ao Presidente Lyndon Johnson:

Acabo de ser informado da morte trágica do presidente John Kennedy. Em meu nome e em nome do Governo português, peço a V. Ex.^a para aceitar a expressão das minhas condolências e da minha compreensão pela perda que acabam de sofrer o povo e o Governo americanos. Aceite, Excelência, a expressão da minha mais alta consideração¹⁰⁷.

¹⁰³ *Diário de Lisboa*, nº 14711, 27 de novembro de 1963, p. 1. Ver Anexo 2.

¹⁰⁴ *O Comércio do Porto*, nº 325, 28 de novembro de 1963, p. 9.

¹⁰⁵ *Diário de Lisboa*, nº 14706, 22 de novembro de 1963, p. 16.

¹⁰⁶ *O Comércio do Porto*, nº 320, 23 de novembro de 1963, p. 7.

¹⁰⁷ *Diário de Lisboa*, nº 14706, 22 de novembro de 1963, p. 16.

A 23 de novembro, o Presidente da Câmara de Lisboa, António Vitorino da França Borges, enviou um telegrama de condolências em nome da cidade a George W. Anderson, Embaixador dos Estados Unidos em Portugal¹⁰⁸.

No dia seguinte, o Ministro das Obras Públicas, Eduardo de Arantes e Oliveira, que se encontrava em visita oficial à ilha de São Miguel, apresentou as suas condolências pela morte de John F. Kennedy ao cônsul dos Estados Unidos em Ponta Delgada, William G. Keen¹⁰⁹.

Durante a sessão de 25 de novembro da Assembleia Nacional, o seu Presidente, Mário de Figueiredo, iniciou os trabalhos proferindo “algumas palavras sobre a morte, em trágicas circunstâncias, do presidente Kennedy”¹¹⁰. A seguinte citação são as palavras iniciais dessa sessão:

A morte do Presidente Kennedy produziu a mais profunda emoção e, pelas circunstâncias em que ocorreu, a maior repulsa no mundo. Homem novo que pelos seus talentos, tinha sabido fazer-se elevar à chefia da mais poderosa Nação da Terra, era natural que fosse objeto da admiração dos seus concidadãos e por eles olhando com o afeto de quem esperava ser conduzido por ele a momentos de maior grandeza.

Compreende-se a dor que invadiu e assolou as almas e enlutou a nação americana; compreende-se a repulsa pelo crime que o vitimou. A dor e a repulsa são proporcionais à esperança que se depositava no homem. São intensos aqueles sentimentos na nação americana que dão bem a medida daquela esperança.

Afirmemos-lhe a nossa solidariedade.

O Chefe de Estado e o Presidente do Conselho, em nome do Governo, já expediram ao Chefe de Estado e Governo americanos a sua condolência. E também a exprimiram à senhora Kennedy.

A Assembleia Nacional fará exarar no Diários das Sessões, da sessão com que inicia os seus trabalhos, o voto do seu profundo sentimento¹¹¹.

¹⁰⁸ *O Século*, nº 29319, 24 de novembro de 1963, p. 9.

¹⁰⁹ *O Comércio do Porto*, nº 323, 25 de novembro de 1963, p. 2.

¹¹⁰ *Diário de Lisboa*, nº 14709, 25 de novembro de 1963, p. 13.

¹¹¹ *O Comércio do Porto*, nº 323, 26 de novembro de 1963, p. 11.

A representação do Governo português no funeral de John F. Kennedy foi chefiada pelo Presidente da Câmara Corporativa, Luís Supico Pinto, que partiu para Nova Iorque às 18 horas de 23 de novembro¹¹², tendo-se George W. Anderson deslocado ao aeroporto para lhe apresentar cumprimentos antes da partida¹¹³. Questionado sobre o significado desta nomeação Franco Nogueira afirmou:

– Não sei – respondeu o dr. Franco Nogueira – que a designação do sr. dr. Luís Supico Pinto tenha qualquer significado, salvo o de querer indicar ao Governo dos Estados Unidos que o Governo português desejou fazer-se representar por uma alta individualidade da vida pública e política portuguesa. Bastará recordar que o dr. Luís Supico Pinto, na sua qualidade de presidente da Câmara Corporativa, é a quarta personalidade do Estado português, acima e com precedência de hierarquia em relação a qualquer membro do Governo, excepto o Presidente do Conselho de Ministros. Pareceu que essa era a maneira apropriada e condigna de o Governo se fazer representar¹¹⁴.

No decorrer da sua estadia nos Estados Unidos, para além de participar nas cerimónias fúnebres, Luís Supico foi recebido no dia 27 de novembro, por Dean Rusk, Secretário de Estado dos Estados Unidos da América¹¹⁵. Durante a sua ausência, na Câmara Corporativa, Francisco de Paula Leite Pinto, Reitor da Universidade Técnica de Lisboa e Primeiro Vice-Presidente da Câmara Corporativa, presidiu a sessão do dia 25 de novembro¹¹⁶ e prestou desta forma homenagem ao Presidente americano:

Todos nos perturbamos. Entrou em colapso em todo o mundo o trabalho persistente das Chancelarias para a manutenção de um estado de paz em ambiente generalizado de lutas ideológicas.

O trágico acontecimento tem incalculáveis repercussões em todas as atividades humanas, qualquer que seja o canto da Terra em que elas se processem. Este

¹¹² *Diário de Lisboa*, nº 14707, 23 de novembro de 1963, p. 8.

¹¹³ *O Comércio do Porto*, nº 321, 24 de novembro de 1963, p. 1.

¹¹⁴ *O Comércio do Porto*, nº 325, 28 de novembro de 1963, p. 9.

¹¹⁵ *O Século*, nº 29323, 28 de novembro de 1963, p. 16.

¹¹⁶ *Diário de Lisboa*, nº 14709, 25 de novembro de 1963, p. 13.

facto fatal, só por si, devia mostrar ao mundo, que os «ventos da História» têm de contar com as figuras excepcionais, quer sejam homens fortes pela sua personalidade, quer vultos que se agigantam quando recebem mandatos institucionais.

O funesto desaparecimento do Presidente dos Estados Unidos suspende, necessariamente, a prossecução de milhentas ações - políticas, diplomáticas, económicas e militares - que não interessam apenas à Nação líder do Ocidente. Ficam, de facto, interrompidas ou hesitantes mil trajetórias de pensamento e de gestão e, certamente, decorrerá longo período de tempo até que novas vias se estabeleçam e se fixem¹¹⁷.

Em 23 de novembro, Oliveira Salazar decretou luto nacional, que teve a duração de três dias; todas as bandeiras nacionais em edifícios públicos foram colocados a meia haste¹¹⁸, muito “à semelhança do que é hábito fazer-se quando do falecimento de chefes de Estado que morrem no exercício das suas funções”¹¹⁹. Foi também visível a bandeira a meia-haste em vários edifícios privados, vendo-se “em alguns locais, lado a lado, as bandeiras nacionais, portuguesa e norte-americana”¹²⁰. Por sua vez, o edifício da Embaixada dos Estados Unidos, em Lisboa, encontrava-se “com a sua bandeira nacional a meia adriça, vendo-se o cimo do mastro envolvido em crepes”¹²¹. No interior deste edifício, “os retratos do presidente Kennedy foram igualmente envolvidos em crepes”¹²² e o Embaixador dos Estados Unidos em Portugal “George Anderson, trajava de preto, bem como todo o pessoal que presta serviço ali, no consulado e na Câmara de Comércio”¹²³.

Logo no dia 22 de novembro, mal se soube da notícia do assassinato de John F. Kennedy, começaram a afluir ao edifício da Embaixada dos Estados Unidos da América “diversas individualidades, que ali deixavam os seus cartões ou se inscreviam no livro de

¹¹⁷ *O Comércio do Porto*, nº 323, 26 de novembro de 1963, p. 11.

¹¹⁸ *O Comércio do Porto*, nº 320, 23 de novembro de 1963, p. 1.

¹¹⁹ *O Século*, nº 29318, 23 de novembro de 1963, p. 1.

¹²⁰ *O Comércio do Porto*, nº 321, 24 de novembro de 1963, p. 10.

¹²¹ *O Comércio do Porto*, nº 321, 24 de novembro de 1963, p. 10.

¹²² *O Século*, nº 29319, 24 de novembro de 1963, p. 9.

¹²³ *O Século*, nº 29319, 24 de novembro de 1963, p. 9.

pêssimas”¹²⁴. No dia seguinte, vários foram os que exprimiram as suas condolências na Embaixada Americana, inclusive “Todo o Corpo Diplomático, acreditado em Lisboa, oficiais das Forças Armadas, elementos da Colónia Americana, representantes de casas bancárias, escritores, jornalistas”¹²⁵. O Embaixador americano George W. Anderson recebeu as “mais altas figuras”¹²⁶, inclusive José Luís Archer, Secretário-Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, pelas 10 horas e 15 minutos, Humberto Pais, Chefe da Casa Militar do Presidente da República, por volta das 11 horas e, meia hora depois, fazendo-se acompanhar por Theodore Xanthaky, Conselheiro da Embaixada Americana em Portugal, recebeu também Franco Nogueira¹²⁷.

Este diplomata fez públicas as seguintes declarações após a morte de John F. Kennedy:

Partilho da grande mágoa de todos os meus compatriotas e das pessoas de boa vontade de todo o Mundo pela trágica perda do meu presidente, John Fitzgerald Kennedy. O Governo Português, através do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, o Sr. Dr. Alberto Franco Nogueira, exprimi-me a mágoa que o Governo de Portugal e todo o povo de Portugal compartilham com o governo e o povo dos Estados Unidos da América do Norte¹²⁸.

No dia 28 de novembro, Anderson expressou um agradecimento, pessoal e coletivo, por todas as demonstrações de simpatia e pelas condolências manifestadas publicamente durante os dias após o atentado de John Kennedy¹²⁹.

A respeito de missas de sufrágio e outras cerimónias realizadas, a mais importante teve lugar em 25 de novembro no Mosteiro dos Jerónimos, uma “missa solene em intenção de Kennedy”¹³⁰. Pelas 11 horas, William Blue e Theodore Xanthaky, conselheiros da Embaixada Americana em Portugal, começaram a receber as primeiras

¹²⁴ *Diário de Lisboa*, nº 14707, 23 de novembro de 1963, p. 8.

¹²⁵ *O Comércio do Porto*, nº 321, 24 de novembro de 1963, p. 10.

¹²⁶ *Diário de Lisboa*, nº 14707, 23 de novembro de 1963, p. 8.

¹²⁷ *Diário de Lisboa*, nº 14707, 23 de novembro de 1963, p. 9. Ver Anexo 3 e 4.

¹²⁸ *O Século*, nº 29318, 23 de novembro de 1963, p. 1.

¹²⁹ *O Século*, nº 29323, 28 de novembro de 1963, p. 2. Ver Anexo 5.

¹³⁰ *Diário de Lisboa*, nº 14709, 25 de novembro de 1963, p. 13.

personalidades oficiais, sendo auxiliados pelos “srs. Ministro dr. Nunes da Silva e drs. Carlos Wemans e Ernesto Feu, do Protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros”¹³¹. Sir Archibald Ross, Embaixador do Reino Unido em Portugal, foi o primeiro diplomata a chegar à cerimónia. Seguiram-se o Embaixador de Espanha, José Ibáñez Martín, e o Embaixador da Noruega, Christian Prahls Reusch. Por volta das 11 horas e 45 minutos, chegou ao Mosteiro D. Duarte Nuno de Bragança acompanhado pelo Visconde de Asseca, António Correia de Sá, ocupando “lugar num cadeirão especial situado no transepto, do lado da epístola”¹³². Pouco depois, George W. Anderson chegou acompanhado pela esposa, Mary Lee Lamar Anderson. Franco Nogueira e sua esposa Vera Wang Franco Nogueira estiveram também presentes na cerimónia, tal como o General Câmara Pina, Chefe do Estado-Maior do Exército; José Soares da Fonseca, Vice-Presidente da Assembleia Nacional; Almirante Noronha de Andrade, Secretário Adjunto da Defesa Nacional; General Bernardo Tiago Mira Delgado, Chefe do Estado-Maior da Força Aérea; Inocêncio Galvão Teles, Ministro da Educação Nacional, e esposa Isabel Maria de Mendonça Monteiro; Mário de Figueiredo, Presidente da Assembleia Nacional; Alfredo dos Santos Júnior, Ministro do Interior; Francisco de Paula Leite Pinto, Primeiro Vice-Presidente da Câmara Corporativa, bem como “diversos oficiais-gerais das Forças Armadas, componentes do Corpo Diplomático e secretário de Estado do Comércio”¹³³. Pelas 11 horas e 50 minutos, chegou o General Humberto Pais, Chefe da Casa Militar, em representação de Américo Tomás. Pouco depois, verificou-se a entrada do Almirante Armando Roboredo, Chefe do Estado-Maior da Armada, de Osório Vaz, Governador Civil de Lisboa, e do General França Borges, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, tal como de “diversas senhoras da nossa melhor sociedade”¹³⁴. O Presidente do Conselho de Ministros, foi a última personalidade do Estado português a chegar ao Mosteiro dos Jerónimos por volta das 12 horas; após ter dado entrada por uma porta lateral, Salazar dirigiu-se para o “alto-mor, ocupando o seu lugar, entre o representante do Chefe do Estado e o Presidente da Assembleia Nacional”¹³⁵.

¹³¹ *Diário de Lisboa*, nº 14709, 25 de novembro de 1963, p. 13.

¹³² *Diário de Lisboa*, nº 14709, 25 de novembro de 1963, p. 13.

¹³³ *Diário de Lisboa*, nº 14709, 25 de novembro de 1963, p. 13.

¹³⁴ *Diário de Lisboa*, nº 14709, 25 de novembro de 1963, p. 13.

¹³⁵ *Diário de Lisboa*, nº 14709, 25 de novembro de 1963, p. 13. Ver Anexo 6, 7, 8 e 9.

A cerimónia religiosa no Mosteiro dos Jerónimos foi celebrada pelo núncio apostólico em Lisboa, monsenhor Furstenberg, e mais cinco sacerdotes, Padres António Bechetti, João Baptista Carrara e Lino Baptista, da Nunciatura; e Carlos Póvoa Alves e António Mendes Machado, coadjutores do Mosteiro. Alunos das Oficinas de S. José constituíram o pessoal menor. No transepto da Igreja do Mosteiro encontrava-se uma essa dourada, coberta pela bandeira norte-americana, a simbolizar a urna do ilustre falecido, prestando guarda de honra quatro fuzileiros da Embaixada¹³⁶.

No mesmo dia, na Sé do Porto realizou-se uma missa em sufrágio de John F. Kennedy, mandada rezar pelo Cônsul dos Estados Unidos nessa cidade. Na cerimónia estiveram presentes: Vítor Lopes Dias em representação do Chefe do Distrito; General Ferraz Pinto de Oliveira, Comandante da I Região Militar; António Arlindo Teixeira Martins, Presidente da Relação do Porto; Veiga de Faria Vice-Presidente da Câmara Municipal do Porto; Coronel Aires Martins, Chefe do Estado Maior da I Região Militar; Abel de Campos, Procurador da República; Correia de Barros Reitor da Universidade do Porto; António Pinheiro Torres, Delegado do Secretariado Nacional de Informação no Porto; Fernando Pinto de Oliveira, Presidente da Câmara Municipal de Matosinhos; Comandante Machado de Sousa em representação do Departamento Marítimo do Norte; Comandante Carlos Alberto de Fonseca, Capitão do Porto de Leixões; Coronel Francisco Nazareth, Comandante da Guarda Nacional Republicana; Domingos Braga da Cruz, Provedor da Santa Casa da Misericórdia; Henrique da Graça Oliveira Monteiro de Barros Gomes e esposa; António Ribeiro e José Dias Figueiredo, em representação da delegação do Porto da Liga dos Combatentes da Grande Guerra; os Cônsules de Inglaterra, Espanha, Brasil, Alemanha, Suíça e Japão e o Vice-Cônsul do Brasil; Carlos Clavel do Carmo, em representação da Cruz Vermelha Portuguesa; Ramiro de Queirós, Sub-Delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência; Carlos Valle, Presidente da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto e José Mesquita, em representação do Ateneu Comercial do Porto¹³⁷.

¹³⁶ *Diário de Lisboa*, nº 14709, 25 de novembro de 1963, p. 13.

¹³⁷ *O Comércio do Porto*, nº 323, 26 de novembro de 1963, p. 14. Ver Anexo 10.

Além destas duas cerimónias religiosas ocorridas em Lisboa e no Porto, com as mais altas individualidades da política e da sociedade da época, realizaram-se muitas outras no país, diligenciadas por grupos muito diversos – económicos, culturais, religiosos, etc., que, embora de forma mais breve, a imprensa também noticiou. No dia 27 de novembro, por iniciativa da Firestone em Portugal, celebrou-se em Alcochete, onde se localizava a grande fábrica de pneus dessa empresa¹³⁸, uma missa com idêntico desígnio, à qual assistiram o “diretor-geral da Firestone Portuguesa, sr. Pierre de Larosiére, diretores de serviços e muitos empregados da companhia, bem como personalidades daquela vila e muito povo”¹³⁹.

No mesmo dia, no Porto, às 19 horas realizou-se uma missa em memória ao Presidente Kennedy, “na igreja dos Padres Redentoristas, à Rua Firmeza, 161”¹⁴⁰, da qual não foram noticiados mais pormenores, desconhecendo-se inclusive de quem partiu a iniciativa.

No Dia de Ação de Graças dos Estados Unidos da América, 28 de novembro, realizaram-se comemorações desta festividade na Igreja do Corpo Santo, em Lisboa. Presente esteve o Embaixador George W. Anderson, bem como vários americanos residentes na capital. Anderson aproveitou a oportunidade para, uma vez mais, honrar John F. Kennedy durante um discurso¹⁴¹.

No Funchal, foi mandada celebrar no dia 29 de novembro uma cerimónia de sétimo dia por John F. Kennedy pelo Cabido¹⁴².

Outros atos de respeito e sentimento pela morte de John Kennedy ocorreram em variadas circunstâncias, nos dias posteriores ao seu assassinato, assim como algumas homenagens.

A direção da Casa da Imprensa enviou o seguinte telegrama ao Embaixador dos Estados Unidos em Portugal: “A Direcção da Casa da Imprensa, na sua última reunião

¹³⁸ *Estudo de Impacte Ambiental do Complexo Lúdico – Comercial “Designer Village” Alcochete: Resumo Não Técnico*. Mitchell McFarlane & Parteners Ltd. Disponível em: <https://siaia.apambiente.pt/AIADOC/AIA1003/RNT1003.pdf> [consult. 16 de nov. 2021].

¹³⁹ *O Século*, nº 29323, 28 de novembro de 1963, p. 9.

¹⁴⁰ *O Comércio do Porto*, nº 324, 27 de novembro de 1963, p. 7.

¹⁴¹ *Diário de Lisboa*, nº 14712, 28 de novembro de 1963, p. 9.

¹⁴² *O Século*, nº 29324, 29 de novembro de 1963, p. 7.

exarou um voto de profundo pesar pela perda do Presidente Kennedy, associando-se ao luto da Nação americana”¹⁴³.

De modo a honrar a memória de John Kennedy, a Federação Portuguesa de Futebol decretou que antes dos jogos oficiais do dia 24 de novembro seria feito um minuto de silêncio¹⁴⁴.

De forma semelhante, no decorrer do jantar servido durante a inauguração do Salão de Artes Domésticas na Feira Internacional de Lisboa, realizada no dia 23, foi guardado um minuto de silêncio em memória de John F. Kennedy¹⁴⁵.

O Instituto Britânico em Portugal cancelou as comemorações do 25º aniversário da sua fundação devido à morte de Kennedy. Também o jantar de confraternização da Liga dos Combatentes foi adiado em sinal de respeito pela morte do Presidente dos Estados Unidos¹⁴⁶. A Liga dos Combatentes “deliberou exarar em acta um voto de profundo pesar e da maior repulsa pelo atentado que vitimou o presidente Kennedy”¹⁴⁷. A ação foi mais tarde comunicada ao Embaixador dos Estados Unidos, bem como “ao adido militar, com o pedido de que este, por sua vez, o transmit[isse] à American Legion”¹⁴⁸.

A morte de John F. Kennedy provocou reações espontâneas na população portuguesa, designadamente na capital, pois “causou profunda emoção em Lisboa”¹⁴⁹. Como medida de precaução, formou-se um perímetro policial na Avenida Duque de Loulé, em frente da embaixada dos Estados Unidos da América em Lisboa, de forma a evitar que se formasse uma multidão junto ao edifício¹⁵⁰.

Segundo o jornal *O Século*, a RTP foi a primeira emissora a informar o público português relativamente à morte do Presidente John F. Kennedy e “todas as outras emissoras portuguesas alteraram totalmente os seus programas”¹⁵¹.

¹⁴³ *O Comércio do Porto*, nº 324, 27 de novembro de 1963, p. 6.

¹⁴⁴ *Diário de Lisboa*, nº 14707, 23 de novembro de 1963, p. 8.

¹⁴⁵ *O Comércio do Porto*, nº 320, 23 de novembro de 1963, p. 10.

¹⁴⁶ *O Século*, nº 29318, 23 de novembro de 1963, p. 9.

¹⁴⁷ *O Comércio do Porto*, nº 324, 27 de novembro de 1963, p. 6.

¹⁴⁸ *O Comércio do Porto*, nº 324, 27 de novembro de 1963, p. 6.

¹⁴⁹ *O Século*, nº 29318, 23 de novembro de 1963, p. 9.

¹⁵⁰ *O Século*, nº 29318, 23 de novembro de 1963, p. 9.

¹⁵¹ *O Século*, nº 29318, 23 de novembro de 1963, p. 9.

A antestreia do filme *Lawrence da Arábia* no Teatro Tivoli, que estaria marcada para dia 25 de novembro, foi adiada dois dias, tendo em conta o luto nacional decretado¹⁵².

O Rotary Clube de Lisboa prestou homenagem a John F. Kennedy durante um almoço realizado no Hotel Tivoli. O evento realizado no dia 26 de novembro foi presidido por Sérgio Medeiros que retratou John F. Kennedy como um “rotário honorário, que nutria pelo movimento rotário e pelos seus ideais uma afeição muito especial”¹⁵³.

Na reunião do Rotary Clube de Vila Franca de Xira, realizada no dia 28 de novembro, o seu presidente, Edmundo Duarte, lamentou a morte de John F. Kennedy, enaltecendo “a sua figura de grande homem público”, sendo depois guardado um minuto de silêncio¹⁵⁴.

De forma a honrar, ou simplesmente evocar, John Kennedy, o *Diário de Lisboa*, na sua edição de 23 de novembro, ofereceu o testemunho do artista português Carlos Botelho, que então se encontrava em Nova Iorque, cuja entrevista se transcreve na íntegra pela sua originalidade:

O primeiro avião vindo da América após o atentado que vitimou o presidente Kennedy chegou à Portela às 9 horas de hoje. Saiu de Nova York às 3 da manhã, hora de Lisboa (22 locais), isto é, algumas horas apenas depois do dramático assassinato de Dallas.

Entre os passageiros figurava o pintor Carlos Botelho, nosso estimado colaborador, que regressava a Portugal após uma estada nos Estados Unidos de dois meses. Era, assim, o primeiro português a chegar a Lisboa que assistiu à emoção causada no povo americano pelo inesperado e trágico acontecimento. A nosso pedido, Carlos Botelho dispôs-se a dar-nos as impressões colhidas nas ruas de Nova York, após o atentado.

– Tinha estado dois meses nos Estados Unidos a convite do Governo americano. O tempo havia sido magnífico, um belo Outono sem frio nem chuva, coisa rara há muitos anos nesta quadra. Tudo decorrera num ambiente agradável e calmo,

¹⁵² *Diário de Lisboa*, nº 14708, 24 de novembro de 1963, p. 3.

¹⁵³ *Diário de Lisboa*, nº 14710, 26 de novembro de 1963, p. 9.

¹⁵⁴ *O Século*, nº 29324, 29 de novembro de 1963, p. 9.

para mim inesquecível. E precisamente no último dia, quando me preparava para o regresso, fui surpreendido por este infausto acontecimento. O facto não podia ser mais triste e chocou-me profundamente.

– Como receberam os americanos a notícia?

– Com profunda emoção. Às 2 horas da tarde (19 de Lisboa) no centro de Nova York, as edições especiais dos jornais eram compradas febrilmente, esgotando-se rapidamente.

Na Rua 42 apercebi-me de que algo de grave se passava, pela febre com que o público «assaltava» os vendedores de jornais. Transeuntes aglomeravam-se em torno dos que possuíam rádios-transistors. Começaram a registar-se engarrafamentos do trânsito e a televisão e a rádio começaram a ocupar-se exclusivamente do atentado.

– Pouco depois – prosseguiu Carlos Botelho –, as lojas começaram a fechar, pondo nas portadas avisos do motivo e quase logo, também principiaram a aparecer bandeiras a mais haste nos grandes edifícios da cidade, bancos, hotéis e outras empresas.

– A atitude era, de um modo geral, de protesto, ou de tristeza?

– De tristeza. O americano tem um modo de reagir diferente do latino. Era evidente que o povo americano sofrera um choque brusco e violento. O espanto e a emoção eram visíveis. Quando o novo presidente Lyndon Johnson apareceu na televisão, prometendo continuar a defender os direitos do homem e a Constituição americana, fê-lo em meia dúzia de palavras, firmes, sentidas, mas sóbrias e sem marchas fúnebres como música de fundo.

E Carlos Botelho concluiu as suas impressões:

– Mas não há duvida que o ritmo da América foi, por momentos, paralisado. O povo americano dificilmente acreditava que «aquilo» pudesse ter acontecido...¹⁵⁵

Por sua vez, *O Século* visou honrar a memória do Presidente assassinado relembrando o episódio da erupção do vulcão dos Capelinhos, na ilha do Faial, e o auxílio do então Senador do Estado de Massachusetts. Devido à “sua estima pelo povo

¹⁵⁵ *Diário de Lisboa*, nº 14707, 23 de novembro de 1963, p. 9.

português”¹⁵⁶, John Kennedy, juntamente com o Senador de Rhode Island, John O. Pastore, ajudou a que o *Azorean Refugee Act of 1958* fosse aprovado no Congresso dos Estados Unidos da América. Este diploma permitiu a concessão de mil e quinhentos vistos de imigrantes extra-quota a chefes de família provenientes da ilha do Faial e seus dependentes¹⁵⁷. Devido a esta e outras ações que praticou em benefício dos portugueses e dos luso-americanos, em outubro de 1958, John Kennedy recebeu “o Prémio Anual Pedro Francisco, instituído pela União Continental Portuguesa para galardoar quem preste serviços valiosos às comunidades luso-americanas”¹⁵⁸.

Outra amostra do tato diplomático de Kennedy para com Portugal fica exemplificado no telegrama enviado a 4 de julho de 1962 ao Presidente da República, Américo Tomás, quando o seu avião sobrevoava Portugal em direção aos Açores:

Ao sobrevoar Portugal em direcção aos Açores para uma curta paragem de reabastecimento, envio a Vossa Excelência os meus calorosos agradecimentos pelas amabilidades recebidas dos funcionários portugueses que se ocuparam desta viagem. Constitui para mim um prazer estar em solo português, ainda que por um período tão breve, e aproveito esta oportunidade para exprimir a minha convicção de que as nossas duas nações continuarão a ser aliadas e amigas¹⁵⁹.

Durante os breves instantes em que estive no aeroporto das Lajes, o Presidente Kennedy aproveitou para comentar com os “funcionários portugueses ali em serviço: «Espero, um dia, visitar o vosso País»”¹⁶⁰.

¹⁵⁶ *O Século*, nº 29318, 23 de novembro de 1963, p. 9.

¹⁵⁷ ANACLETO, M. Helena A. G. – *Os Azorean Refugee Acts de 1958 e 1960. Polissema – Revista de Letras do ISCAP*. Porto: Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, 2002, p. 39-45.

¹⁵⁸ *O Século*, nº 29318, 23 de novembro de 1963, p. 9. Ver Anexo 11.

¹⁵⁹ *Diário de Lisboa*, nº 14708, 24 de novembro de 1963, p. 9.

¹⁶⁰ *Diário de Lisboa*, nº 14708, 24 de novembro de 1963, p. 9.

2.2. Análise qualitativa do discurso jornalístico

As primeiras páginas ou capas dos três periódicos portugueses analisados denotam em grande medida a importância e destaque conferidos ao assassinato de John F. Kennedy. O acontecimento impôs-se nas capas dos três periódicos a partir de 22 até dia 30 de novembro, contudo não constituiu manchete na totalidade deste intervalo de tempo. No caso de *O Diário de Lisboa*, a notícia foi manchete nos dias 22, 23, 24, 26 e 30; no diário *O Comércio do Porto* entre os dias 23 e 26; e em *O Século* nos dias 23, 24, 26, 27 e 29. Por outro lado, é possível verificar, através dos títulos das manchetes, que os periódicos analisados utilizam, de forma intencional ou não, diferentes processos de intensificação e dramatização do discurso que vão para além do principal objetivo de um jornal, informar. Veja-se, por exemplo, as manchetes do dia seguinte ao assassinato de John Kennedy, o dia 23 de novembro. O título de *O Diário de Lisboa*, “A Morte de Kennedy Abalou o Mundo Inteiro”¹⁶¹, utiliza dois processos comuns de intensificação e dramatização, o exagero e a simplificação. O uso do verbo “Abalou” sugere sentimentos de comoção, sendo feita a sua associação ao “Mundo Inteiro”, insinuando que a morte de Kennedy provocou comoção a nível mundial, o que não tem correspondência efetiva. Por sua vez, o título de *O Comércio do Porto*, “Vítima de um Atentado a Tiro Morreu o Presidente Kennedy”¹⁶², recorre a processos distintos, como a amplificação emocional e a condenação do ato, através da utilização do substantivo “Vítima” e de “Atentado a Tiro”, que servem para atrair a atenção do leitor, enquanto, simultaneamente, provocam choque e emoção. Este jornal utilizou também a ênfase gráfica do título por meio do sublinhado do mesmo, numa tentativa de captar maior atenção do leitor. Por fim, o título de *O Século*, “Kennedy Morto: uma Bala na Cabeça Quando Chegava a Dallas”¹⁶³, socorre-se também de amplificação emocional mas utiliza um discurso mais descritivo e chocante através da expressão “Bala na Cabeça”, provocando uma imagem mental forte ao leitor. Este título é o único que localiza o leitor no espaço, o que, apesar

¹⁶¹ *Diário de Lisboa*, nº 14706, 23 de novembro de 1963, p. 1.

¹⁶² *O Comércio do Porto*, nº 325, 23 de novembro de 1963, p. 1.

¹⁶³ *O Século*, nº 29324, 23 de novembro de 1963, p. 1.

não ser uma escolha editorial totalmente condenável, parece ser um elemento um pouco desnecessário de incluir no título da notícia.

O assassinato de John F. Kennedy foi tratado pelos três periódicos como um mega-acontecimento (acontecimento que resulta em vários outros acontecimentos interligados)¹⁶⁴. Assim, para além do atentado em si, verificou-se o relato de outras ocorrências que fazem o processo jornalístico evoluir. Em relação a matérias estruturantes da narrativa, os periódicos focaram-se, numa fase inicial, na descrição do atentado, na caracterização e papel das personagens (John Kennedy, Lyndon Johnson, Jackie Kennedy, etc.), na descrição de espaços (Dallas, Dealey Plaza) e consequências imediatas (políticas, económicas, sociais e pessoais). Focam, depois, o suposto autor do assassinato, Lee Harvey Oswald e a condenação do ato (reações internacionais) e, por conseguinte, do autor, equacionando, em todos os momentos, os motivos pelos quais este teria cometido o atentado.

No que diz respeito aos protagonistas ou personagens das matérias, tema aprofundado na análise quantitativa, é de referir que as menções feitas acerca de John F. Kennedy são, na sua generalidade, realizadas através do nome próprio ou por substantivos como “Presidente”, “Líder”, etc. Em contraste, por exemplo, referências a respeito de Lee H. Oswald tomam a forma de “Assassino”, “Criminoso”, “Acusado” ou “Suspeito”, sofrendo de uma diluição numa categoria, resultando na despersonalização do sujeito em questão. Os periódicos portugueses não são particularmente descritivos no que toca ao assassinato ou ao Presidente Kennedy. Estes destacam principalmente a sua “juventude”¹⁶⁵ e as suas aptidões políticas, focando-se mais no acontecimento em si, que é caracterizado maioritariamente como “trágico”¹⁶⁶ ou em “trágicas circunstâncias”¹⁶⁷, sendo evidenciado também o carácter de imprevisibilidade do assassinato.

Os três periódicos portugueses fazem-se valer, de forma sistemática, das mesmas fontes (France Press, Associated Press, Reuter e Agência de Notícias e de

¹⁶⁴ A este respeito, ver em especial: SOUSA, Jorge Pedro – *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. 2ª edição. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.

¹⁶⁵ *Diário de Lisboa*, nº 14706, 22 de novembro de 1963, p. 16.

¹⁶⁶ *O Comércio do Porto*, nº 323, 26 de novembro de 1963, p. 11.

¹⁶⁷ *Diário de Lisboa*, nº 14706, 22 de novembro de 1963, p. 16.

Informações), aspeto que revela uma certa tendência editorial de recorrer a argumentos de autoridade, provenientes de fontes das várias agências de notícias.

Sobre o contexto visual, mais precisamente, acerca de imagens e fotografias utilizadas pelos periódicos, é de referir que pode ser através da imagem de um gesto ou de uma expressão indicativa do carácter e da personalidade de um sujeito fotográfico que, por vezes, se traduzem os acontecimentos ou personagens a que estas imagens se referem. No caso de John F. Kennedy, fotografias com os filhos ou acompanhado pela esposa tentam mostrá-lo como um homem de família. Por sua vez, fotografias em que ele está a sorrir (caso da maioria das imagens utilizadas pelos periódicos) visam apresentar o lado mais carismático do Presidente. Por outro lado, fotografias de John Kennedy acompanhado de figuras políticas revelam a sua autoridade e importância no cenário político internacional.

2.3. Análise quantitativa do discurso jornalístico

Neste subponto ensaia-se uma análise quantitativa do discurso dos periódicos portugueses em estudo, mais precisamente sobre as os protagonistas/personagens das matérias, das fontes utilizadas e do contexto gráfico utilizado. Para tal, contabilizou-se as chamadas correspondentes a cada personagem mencionada em notícias relativas a John F. Kennedy. Uma chamada equivale a uma menção da personagem por nome ou qualquer sinónimo, seja substantivo, diminutivo, alcunha, cargo, etc. (exemplo: John F. Kennedy – Presidente, líder, estadista). Esta análise foi feita no total de textos dos periódicos das edições de dia 23 a dia 30, um intervalo de uma semana, de forma a obter resultados mais uniformes.

Em suma, de acordo com o *Diário de Lisboa*, o protagonismo recai, sem surpresa sobre John F. Kennedy com 43 chamadas, que corresponde a quase ¼ do total das chamadas; Lyndon Johnson com 13 chamadas, correspondente a 7,26% das chamadas do periódico; e Jacqueline Kennedy com 9 chamadas, 5,02% do total das chamadas. No caso deste periódico, o português mais mencionado foi o Presidente da República Américo Tomás, com 3 chamadas, 1,67% do total das menções.

Quadro 1 - Protagonistas no Diário de Lisboa

Personagem	Número de Chamadas	Percentagem de Chamadas
John F. Kennedy	43	24,02
Lyndon Johnson	13	7,26
Jacqueline Kennedy	9	5,02
Lee H. Oswald	8	4,46
John Connally	6	3,35
Abraham Lincoln	4	2,23
Dwight Eisenhower	4	2,23
Harry Truman	4	2,23
Nikita Kruchchev	4	2,23
Alec Douglas-Home	3	1,67
Américo Tomás	3	1,67
Franklin D. Roosevelt	3	1,67
Henry Wade	3	1,67
Lady Bird Johnson	3	1,67
Andrei Gromyko	2	1,11
Andrew Hatcher	2	1,11
Caroline Kennedy	2	1,11
Dean Rusk	2	1,11
Franco Nogueira	2	1,11
J. D. Tippit	2	1,11
Marina Oswald	2	1,11
Oliveira Salazar	2	1,11
Rómulo Bettancourt	2	1,11
Adlai Stevenson	1	0,55
Bill Greer	1	0,55
Carlos Botelho	1	0,55
Carlos Bringuier	1	0,55
Carlos Lechuga	1	0,55
Charles de Gaulle	1	0,55
Edgar Hoover	1	0,55
Edward Hicks	1	0,55
Fidel Castro	1	0,55
Foy D. Kohler	1	0,55
Francis Spellman	1	0,55
George W. Anderson	1	0,55
George Wallace	1	0,55
Georges Ball	1	0,55
Georges Pompidou	1	0,55
Guy Moilet	1	0,55
Harold Macmillan	1	0,55
Helen Markham	1	0,55
Henry Cabot	1	0,55
Henry Gonzalez	1	0,55
Herbert Hoover	1	0,55
Humberto Pais	1	0,55
James Garfield	1	0,55
Jerry Hill	1	0,55
Jesse Curry	1	0,55
John Kennedy Jr.	1	0,55

John Love	1	0,55
José Luís Archer	1	0,55
Joseph Kennedy	1	0,55
Leonid Brejnev	1	0,55
Leonid Smirnov	1	0,55
Ludwig Erhard	1	0,55
Luís Supico Pinto	1	0,55
Maude Shaw	1	0,55
Maurice Couve de Murville	1	0,55
Oscar Huber	1	0,55
Papa Paulo VI	1	0,55
R. C. Roberts	1	0,55
Rainha Elizabeth II	1	0,55
Richard Butler	1	0,55
Richard Cushing	1	0,55
Richard Kleberg	1	0,55
Richard Nixon	1	0,55
Robert McNamara	1	0,55
Robert Shaw	1	0,55
Theodore Xanthaky	1	0,55
Vasco Vieira Garin	1	0,55
Will Fritz	1	0,55
William Blue	1	0,55
William Kemp Clark	1	0,55
William McKinley	1	0,55

Fonte: *Diário de Lisboa*, números 14707, 14708, 14709, 14710, 14711, 14712, 14713, 14714 de 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30 de novembro de 1963, respetivamente.

Mais uma vez, John F. Kennedy foi a principal personagem com um total de 25 chamadas, correspondendo a 18,65% das chamadas deste periódico. Jacqueline Kennedy foi a segunda personagem com mais relevância de acordo ao *Comércio*, com 9 chamadas, 6,71% das menções totais. Lyndon Johnson foi a terceira personagem com maior importância, com 8 menções totais, 5,97% no total de chamadas. No caso de *O Comércio do Porto*, não se verifica um português mais mencionado, sendo que Oliveira Salazar, Américo Tomás e Franco Nogueira foram referidos de igual forma, com 2 chamadas cada, correspondente a 1,49% (cada) do número total de chamadas.

Quadro 2 - Protagonistas no O Comércio do Porto

Personagem	Número de Chamadas	Percentagem de Chamadas
John F. Kennedy	25	18,65
Jacqueline Kennedy	9	6,71
Lyndon Johnson	8	5,97
John Connally	4	2,98
Franklin D. Roosevelt	3	2,23
Joseph Kennedy	3	2,23
Nikita Kruchtchev	3	2,23
Américo Tomás	2	1,49
Andrei Gromyko	2	1,49
Dean Rusk	2	1,49
Dwight Eisenhower	2	1,49
Franco Nogueira	2	1,49
Lady Bird Johnson	2	1,49
Lee H. Oswald	2	1,49
Malcolm Killduff	2	1,49
Oliveira Salazar	2	1,49
Rainha Isabel II	2	1,49
Rose Fitzgerald	2	1,49
Abraham Lincoln	1	0,74
Adelino Gonçalves	1	0,74
Adlai Stevenson	1	0,74
Adolfo de Andrade	1	0,74
Ahmed Ben Bella	1	0,74
Albert Thomas	1	0,74
Alec Douglas-Home	1	0,74
Barry Golwater	1	0,74
Bob Jackson	1	0,74
Carlos Alberto Pereira da Rosa	1	0,74
Carlos Alves	1	0,74
Caroline Kennedy	1	0,74
César Moreira Baptista	1	0,74
Charles de Gaulle	1	0,74
Cortez Pinto	1	0,74
Denis Healey	1	0,74
Edward Kennedy	1	0,74
Eunice Shiver	1	0,74
Fernando Cruz	1	0,74
Fidel Castro	1	0,74
Foy Kohler	1	0,74
Francis Spellman	1	0,74
George W. Anderson	1	0,74
Georges Pompidou	1	0,74
Guilherme Pereira da Rosa	1	0,74
Harold Lasky	1	0,74
Harold MacMilliam	1	0,74
Harry Truman	1	0,74
Henrique Pavão	1	0,74
Henry R. Luce	1	0,74
James Garfield	1	0,74

Joaquim Pavão	1	0,74
John Fitzgerald	1	0,74
John Kennedy Jr.	1	0,74
John McCormack	1	0,74
Jorge Duarte	1	0,74
Jorge Segurando	1	0,74
José Rocha	1	0,74
Joseph Kennedy Jr.	1	0,74
Julian Read	1	0,74
Kenneth O'Donnel	1	0,74
Lourence O'Brien	1	0,74
Ludwig Erhard	1	0,74
Nelson Rockefeller	1	0,74
Norberto Lopes	1	0,74
Papa Paulo VI	1	0,74
Pedro Vicente	1	0,74
Pierre Salinger	1	0,74
Príncipe Filipe, Duque de Edimburgo	1	0,74
Richard Kleberg	1	0,74
Richard Nixon	1	0,74
Salwyn Lloyd	1	0,74
Sarah Hughes	1	0,74
Tom Connally	1	0,74
William McKinley	1	0,74
Winston Churchill	1	0,74
Zachary Taylor	1	0,74

Fonte: *O Comércio do Porto*, números 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327 de 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30 de novembro de 1963, respetivamente.

As principais personagens de *O Século* foram John F. Kennedy, com um total de 52 chamadas, correspondendo a 24,07% do total de chamadas do periódico. Jacqueline Kennedy, com 17 chamadas foi a segunda personagem mais mencionada, com 7,87% do total de chamadas. Finalmente, Lyndon Johnson, com 14 chamadas, 6,48% das chamadas do periódico, foi a terceira personagem com mais menções. Por sua vez, o português maior número de vezes mencionado foi o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Franco Nogueira, com 5 chamadas, um total de 2,31% das mesmas.

Quadro 3 - Protagonistas no O Século

Personagem	Número de Chamadas	Porcentagem de Chamadas
John F. Kennedy	52	24,07
Jacqueline Kennedy	17	7,87
Lyndon Johnson	14	6,48
John Connally	10	4,62
Franco Nogueira	5	2,31
Franklin D. Roosevelt	4	1,85
Lady Bird Johnson	4	1,85
Nellie Connally	4	1,85
Bob Jackson	3	1,38
Dean Rusk	3	1,38
Harry Truman	3	1,38
Lee H. Oswald	3	1,38
Nikita Khrushchev	3	1,38
Abraham Lincoln	2	0,92
Adlai Stevenson	2	0,92
Américo Tomás	2	0,92
Barry Goldwater	2	0,92
Charles de Gaulle	2	0,92
Dwight Eisenhower	2	0,92
Fidel Castro	2	0,92
George W. Anderson	2	0,92
J. D. Tippet	2	0,92
John McCormack	2	0,92
Joseph Kennedy Sr.	2	0,92
Ludwig Erhard	2	0,92
Malcolm Terry	2	0,92
Oliveira Salazar	2	0,92
Oscar L. Huber	2	0,92
Papa Paulo VI	2	0,92
Richard Nixon	2	0,92
Robert McNamara	2	0,92
Willy Brandt	2	0,92
Albert Thomas	1	0,46
Andrei Gromyko	1	0,46
Ann Gargan	1	0,46
Bill Greer	1	0,46
Bill Stinson	1	0,46
Carlos Sosa-Rodriguez	1	0,46
Caroline Kennedy	1	0,46
Charles Brehm	1	0,46
Charles E. Bohlen	1	0,46
Charles J. Guiteau	1	0,46
Chester Bowles	1	0,46
Chester Clifton	1	0,46
Edward Kennedy	1	0,46
Erich Kaminski	1	0,46
Erich Mende	1	0,46
Evelyn Lincoln	1	0,46
Foster Dulles	1	0,46

Foy Kohler	1	0,46
Francisco Franco	1	0,46
George Marshall	1	0,46
Georges Ball	1	0,46
Godfrey Mchugh	1	0,46
Harold Macmillan	1	0,46
Heinrich von Brentano	1	0,46
Herbert Wehner	1	0,46
J. H. Sawyer	1	0,46
James Garfield	1	0,46
John O. Pastore	1	0,46
John Wilkes Booth	1	0,46
Julie Postal	1	0,46
Konrad Adenauer	1	0,46
Leon Czolgosz	1	0,46
Lou Bullington	1	0,46
Lucius D. Clay	1	0,46
Lucy Johnson	1	0,46
Lynda Johnson	1	0,46
Malcolm Kilduff	1	0,46
Marina Oswald Porter	1	0,46
Pamela Tanure	1	0,46
Richard Cushing	1	0,46
Richard Kleberg	1	0,46
Robert Frost	1	0,46
Robert Oswald	1	0,46
Robert Shaw	1	0,46
Rose Fitzgerald	1	0,46
Samuel Ealy Johnson	1	0,46
Sarah Hughes	1	0,46
U Thant	1	0,46
Walter Schirra	1	0,46
Will Fritz	1	0,46
William D. Leahy	1	0,46
William Mckinley	1	0,46
Winston Churchill	1	0,46
Zachary Taylor	1	0,46

Fonte: *O Século*, números 29318, 29319, 29320, 29321, 29322, 29323, 29324, 29325 de 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30 de novembro de 1963, respetivamente.

Ao comparar os três periódicos, verifica-se que John Kennedy foi, naturalmente, o grande protagonista de todos jornais analisados, com 120 de chamadas totais. Jacqueline Kennedy foi por duas vezes a segunda personagem mais mencionada, no caso de *O Comércio do Porto* e de *O Século*, sendo que Lyndon Johnson ocupa esta posição uma vez, desta feita no *Diário de Lisboa*. Contudo, ambos Jackie Kennedy e Lyndon

Johnson partilham o mesmo número de chamadas totais, com 35 menções cada. Sob outra perspetiva, *O Século* foi o periódico com o maior número de personagens, com 86. Os restantes periódicos, registam um número muito semelhante de personagens, com um total de 75, no caso de *O Comércio do Porto*, e 74, no caso de *O Diário de Lisboa*. Contudo, o *Diário* tem um número mais elevado de chamadas com 179 contra as 134 do *Comércio*. Por sua vez, o *Século* tem o maior número de chamadas totais com 216.

No que diz respeito às fontes de informação utilizadas pelos periódicos portugueses, e como já foi referido anteriormente, é de realçar que estes recorreram continuamente às mesmas fontes. O *Diário de Lisboa* e *O Século* valem-se especificamente de três, a Agência de Notícias e de Informações (A.N.I.), a France Press e a Reuter. No seu caso, *O Comércio do Porto* utilizou mais uma, a Associated Press. Sobre o número total de utilizações, é de realçar que o periódico que mais se serviu das fontes foi *O Século*, com 200 utilizações totais. O *Diário de Lisboa* fez uso das fontes 173 vezes, sendo que *O Comércio do Porto* foi o periódico que menos recorreu às fontes, com 153 utilizações. A média de utilizações por fonte (por periódico) segue a mesma ordem hierárquica, sendo que *O Século* tem uma média de 66,6, o *Diário de Lisboa* uma de 57,6 e o *Comércio do Porto* tem, de longe, a menor média com um valor de 38,25. Todos os periódicos recorreram com maior regularidade à France Press, revelando, desta forma, que dentro da pequena e idêntica amostra de fontes utilizadas pelos periódicos, esta foi a fonte de referência. De notar ainda, que *O Século* foi o periódico que mais uniformemente utilizou as fontes, com percentagens de utilização bastante aproximadas, como se pode verificar no quadro 6.

Quadro 4 - Fontes no Diário de Lisboa

Fonte	Número de Utilizações	Percentagem de utilização
France Press	74	42,7
Reuter	62	35,8
Agência de Notícias e de Informações	37	21,3
Número de Fontes		3
Número Total de Utilizações		173

Fonte: *Diário de Lisboa*, números 14707, 14708, 14709, 14710, 14711, 14712, 14713, 14714 de 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30 de novembro de 1963, respetivamente.

Quadro 5 - Fontes no O Comércio do Porto

Fonte	Número de Utilizações	Percentagem de utilização
France Press	88	57,51
Reuter	42	27,45
Agência de Notícias e de Informações	22	14,37
Associated Press	1	0,65
Número de Fontes		4
Número Total de Utilizações		153

Fonte: *O Comércio do Porto*, números 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327 de 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30 de novembro de 1963, respetivamente.

Quadro 6 - Fontes no O Século

Fonte	Número de Utilizações	Percentagem de utilização
France Press	79	39,5
Agência de Notícias e de Informações	63	31,5
Reuter	58	29
Número de Fontes		3
Número Total de Utilizações		200

Fonte: *O Século*, números 29318, 29319, 29320, 29321, 29322, 29323, 29324, 29325 de 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30 de novembro de 1963, respetivamente.

A utilização de imagens por parte de um periódico ajuda o leitor a visualizar o acontecimento, tornando-se, de certa forma, uma testemunha do mesmo. Relativamente ao contexto gráfico, é de notar que o *Diário de Lisboa* foi o periódico que mais se socorreu de imagens para dar mais contexto visual ao leitor, com 46 imagens no total. Por sua vez, *O Comércio do Porto* foi o periódico que menos imagens utilizou, 29, enquanto *O Século* se valeu de imagens 39 vezes. Acerca de imagens de John F. Kennedy, o *Diário de Lisboa* foi, mais uma vez, o periódico que mais vezes fez uso dos recursos visuais, com 24 utilizações. *O Século* utilizou 10 imagens de Kennedy, sendo que o periódico que menos fez usufruto das imagens foi *O Comércio do Porto*, com 9. Por outro

lado, relativamente a imagens utilizadas na capa, sobre o acontecimento, foi *O Comércio do Porto* que o fez mais vezes, com 13 imagens, apesar de ser o periódico com os menores valores nas outras duas categorias. O *Diário de Lisboa* e *O Século* utilizaram, exatamente, o mesmo número de imagens nas suas capas, com 11 imagens cada um. É interessante notar que se verificam valores muito aproximados nos três periódicos, independentemente do valor total de imagens utilizadas. Estes valores são explicados por políticas editoriais praticamente idênticas por parte dos periódicos, sendo que todos entendem a importância do contexto visual na primeira página de forma muito semelhante, senão igual.

Quadro 7 - Contexto Gráfico no Diário de Lisboa

Número Total de Imagens	46
Número de Imagens de John F. Kennedy	24
Imagens na Capa	11

Fonte: *Diário de Lisboa*, números 14707, 14708, 14709, 14710, 14711, 14712, 14713, 14714 de 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30 de novembro de 1963, respetivamente.

Quadro 8 - Contexto Gráfico no O Comércio do Porto

Número Total de Imagens	29
Número de Imagens de John F. Kennedy	9
Imagens na Capa	13

Fonte: *O Comércio do Porto*, números 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327 de 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30 de novembro de 1963, respetivamente.

Quadro 9 - Contexto Gráfico no O Século

Número Total de Imagens	39
Número de Imagens de John F. Kennedy	10
Imagens na Capa	11

Fonte: *O Século*, números 29318, 29319, 29320, 29321, 29322, 29323, 29324, 29325 de 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30 de novembro de 1963, respetivamente.

3. A Imprensa Brasileira

3.1. A Reação Brasileira

Durante a sua Administração, John Kennedy vai ter de se debruçar sobre vários temas de crucial importância, tanto na agenda doméstica, como na externa.

A imprensa brasileira, tal como se verificou com a portuguesa, acompanhou noticiou com detalhe as ações levadas a cabo após a morte de John F. Kennedy, designadamente a realização de atos protocolares e resoluções de vários tipos por parte do Presidente da República e do Governo brasileiros, assim como de outras instituições e personalidade políticas, tanto federais como estaduais, em homenagem ao Presidente americano.

João Goulart, Presidente do Brasil, declarou que recebeu inicialmente a notícia da morte de John F. Kennedy quando voltava de Niterói para o Rio de Janeiro, por um homem que o abordou enquanto aguardava num semáforo¹⁶⁸. Goulart decidiu imediatamente cancelar os compromissos agendados no dia 22, inclusive a sua presença na festa de aniversário de seu filho, João Vicente¹⁶⁹.

O Presidente decretou luto nacional de três dias pela “perda irreparável para a humanidade [...] motivo de geral e profunda consternação para o povo brasileiro”. Mais tarde, em declarações oficiais, Goulart afirmou que recebeu com forte pesar a “trágica notícia da morte do jovem e grande Presidente”, elogiou os esforços políticos de John Kennedy em diversos âmbitos, como o racial, descrevendo-o como um “corajoso defensor” desta causa, o de política externa, com destaque para a Guerra Fria, bem como sobre assuntos relativos ao desenvolvimento do continente americano. Caracterizou Kennedy como um “Estadista dos grandes ideais, criador de progresso, promotor de melhores dias de paz para o seu povo e para o mundo”¹⁷⁰.

O Presidente do Brasil enviou telegramas ao novo Presidente dos Estados Unidos, Lyndon Johnson e à viúva Kennedy, expressando o seu pesar e a partilha da “grande dor” sentida pela população brasileira pela morte de John F. Kennedy. Ainda no dia 22

¹⁶⁸ *Folha de S. Paulo*, nº 12584, 29 de novembro de 1963, p. 5.

¹⁶⁹ *O Globo*, nº 11518, 22 de novembro de 1963, p. 1.

¹⁷⁰ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

de novembro, João Goulart dirigiu-se à residência do Embaixador Lincoln Gordon, de modo a apresentar condolências por parte do Governo e do povo brasileiro¹⁷¹. O Presidente do Brasil tomou a decisão de enviar Roberto Campos, Embaixador brasileiro em Washington, de volta à capital americana para que este apresentasse pessoalmente os sentimentos do Governo e da população brasileira à família Kennedy e ao novo Presidente¹⁷², e de forma a representar o Governo nas cerimónias fúnebres de Kennedy¹⁷³.

O antigo Presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek, lamentou publicamente a morte de Kennedy, afirmando que a “sua lembrança jamais desaparecerá da memória de todos os homens amantes da paz e defensores da democracia”. Kubitschek enviou vários telegramas de pesar, nomeadamente a Jacqueline Kennedy, a Lyndon Johnson e ao Supremo Tribunal dos Estados Unidos¹⁷⁴.

O Ministro das Relações Exteriores, João Augusto de Araújo Castro, recebeu com grande emoção a notícia da morte de John Kennedy e, após descrever o Presidente como um “defensor da causa da paz e da compreensão entre os povos”, disse que esta era uma “enorme perda” que se repercutia “em toda a humanidade”. O Ministro referiu também que Kennedy tinha dedicado a sua vida aos ideais da “liberdade”, “justiça” e “fraternidade humana”. Araújo Castro enviou ainda uma mensagem a Dean Rusk, na qual expressou ao Secretário de Estado americano os seus profundos sentimentos¹⁷⁵. Dirigiu-se também à Embaixada dos Estados Unidos de modo a apresentar condolências pessoalmente a Lincoln Gordon em nome do Governo brasileiro¹⁷⁶. Ainda no dia 23 de novembro, Araújo Castro viajou para Washington de forma a representar o Governo brasileiro nas cerimónias fúnebres de John F. Kennedy, após ordem do Presidente João Goulart¹⁷⁷. Durante a sua estadia nos Estados Unidos, o Ministro teve a oportunidade de apresentar pessoalmente condolências a Jaqueline Kennedy e de reunir com o novo Presidente Lyndon Johnson, com quem falou sobre a

¹⁷¹ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 15.

¹⁷² *Folha de S. Paulo*, nº 12578, 23 de novembro de 1963, p. 1.

¹⁷³ *O Globo*, nº 11520, 25 de novembro de 1963, p. 2.

¹⁷⁴ *Folha de S. Paulo*, nº 12578, 23 de novembro de 1963, p. 9.

¹⁷⁵ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

¹⁷⁶ *Folha de S. Paulo*, nº 12578, 23 de novembro de 1963, p. 9.

¹⁷⁷ *Correio Braziliense*, nº 1078, 24 de novembro de 1963, p. 1.

agenda relativa à América Latina¹⁷⁸. Reuniu também com Dean Rusk em Washington, no dia 27 de novembro, num encontro onde discutiram o programa da Aliança para o Progresso e questões relativas ao desenvolvimento do continente americano¹⁷⁹. Em sessão especial da Assembleia Geral das Nações Unidas, o Ministro das Relações Exteriores fez um discurso em homenagem à memória de John Kennedy¹⁸⁰.

Por sua vez, o Ministro da Justiça, Abelardo Jurema, mostrou também as suas condolências pela morte de John Kennedy, afirmando que se tratava de um acontecimento “muito negativo”, e que o povo brasileiro partilhava do “sentimento de desespero” do povo americano¹⁸¹.

Carlos de Carvalho Pinto, Ministro da Fazenda, afirmou receber a notícia com “o mais profundo pesar”, assegurando que a morte de John F. Kennedy atingia “todo o mundo civilizado”, e não apenas os Estados Unidos¹⁸². Em afirmações posteriores disse estar confiante que Lyndon Johnson iria continuar na linha política de John Kennedy relativamente à América do Sul. Carvalho Pinto frisou ainda que nesta questão, Kennedy tinha um “ponto de vista que correspondia ao nosso pensamento”¹⁸³.

O Ministro da Educação, Júlio Sambaquy, expressou os seus sentimentos e descreveu John Kennedy como um “presidente eminentemente progressista e particularmente um grande amigo da educação e do Brasil”. A seu ver, Kennedy representava “uma esperança de paz” e esperava que o seu sucessor seguisse a sua linha política¹⁸⁴. O Ministro suspendeu as aulas na totalidade do território nacional brasileiro no dia 23 de novembro¹⁸⁵.

Ministro da Viação e Obras Públicas, Expedito Machado caracterizou John Kennedy como “o líder democrata autêntico”, afirmando ainda que a notícia da sua morte traumatizou “não só o Brasil e toda a América do Norte, como todo o mundo”¹⁸⁶.

¹⁷⁸ *Folha de S. Paulo*, nº 12582, 27 de novembro de 1963, p. 11.

¹⁷⁹ *O Globo*, nº 11523, 28 de novembro de 1963, p. 11.

¹⁸⁰ *O Globo*, nº 11521, 26 de novembro de 1963, p. 14.

¹⁸¹ *Folha de S. Paulo*, nº 12578, 23 de novembro de 1963, p. 9.

¹⁸² *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

¹⁸³ *Folha de S. Paulo*, nº 12581, 26 de novembro de 1963, p. 2.

¹⁸⁴ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

¹⁸⁵ *Folha de S. Paulo*, nº 12578, 22 de novembro de 1963, p. 1.

¹⁸⁶ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

Jair Dantas Ribeiro, Ministro da Guerra, apelidou John F. Kennedy de “grande líder”, afirmando que a sua morte representava um “profundo golpe” no paronama mundial¹⁸⁷. Como muitos outros membros do Governo brasileiro, enviou um telegrama de condolências ao Embaixador Gordon, no qual descreveu Kennedy como “grande Presidente”, notando que a falta da sua “grande esperança de paz e compreensão” iria ser prontamente notada¹⁸⁸. Jair Dantas enviou também um telegrama a George R. Mather, Chefe da Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos, no qual afirmou que John Kennedy era o “maior líder da humanidade de pós-guerra”¹⁸⁹.

Em breves declarações sobre o atentado ao Presidente americano, o Ministro da Marinha, Sílvio de Sousa Mota, descreveu John Kennedy como um “timoneiro para a democracia”¹⁹⁰.

O Capitão Antônio Cardoso de Castro, Chefe de Gabinete do Ministro da Marinha, mostrou grande pesar pela morte do Presidente americano, “o mais autêntico dos democratas” e “um grande amigo do Brasil e dos brasileiros”¹⁹¹.

O Ministro da Aeronáutica, Anísio Botelho, em breves declarações, afirmou que a morte de John Kennedy “enlutou não só os Estados Unidos como a todos os povos democráticos”¹⁹².

Clóvis Travassos, antigo Ministro da Aeronáutica à altura da morte de John Kennedy deslocou-se à Embaixada americana no Brasil de forma a apresentar os seus sentimentos, comunicando aos jornalistas presentes que a “democracia perdeu um de seus maiores líderes” num acontecimento “lastimável para toda a humanidade”¹⁹³.

San Thiago Dantas, antigo Ministro da Fazenda, descreveu John F. Kennedy como “um dos grandes representantes do idealismo e da vocação universalista do seu povo”, elogiando os seus esforços em relação à “preservação da paz e da liberdade”. Afirmou ainda que Kennedy “irradiava autoridade, confiança e integridade moral”¹⁹⁴.

¹⁸⁷ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

¹⁸⁸ *O Globo*, nº 11520, 25 de novembro de 1963, p. 6.

¹⁸⁹ *O Globo*, nº 11521, 26 de novembro de 1963, p. 21.

¹⁹⁰ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

¹⁹¹ *Correio Braziliense*, nº 1077, 23 de novembro de 1963, p. 6.

¹⁹² *Correio Braziliense*, nº 1077, 23 de novembro de 1963, p. 4.

¹⁹³ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

¹⁹⁴ *Correio Braziliense*, nº 1077, 23 de novembro de 1963, p. 4.

Sílvio Fernandes, Secretário de Serviços e Obras Públicas, em declarações públicas, afirmou que “o mundo está realmente de luto com o falecimento do grande estadista” e que a democracia perdera “um dos seus maiores baluartes”¹⁹⁵.

O Secretário dos Transportes, Dagoberto Sales, recebeu com grande pesar a notícia da morte de John Kennedy, caracterizando o Presidente americano como “um grande homem”, que atingiu uma posição preponderante no seu país e de “enorme influência no mundo todo”¹⁹⁶.

Para Aldévio Barbosa de Lemos, Secretário da Segurança Pública, a morte de Kennedy era um “ultraje para nossa civilização” e representava uma “verdadeira catástrofe sob o aspeto político”¹⁹⁷.

Já o Secretário da Educação, Padre Januário Baleeiro, caracterizou Kennedy como “o maior estadista da nossa época”, afirmando que a sua morte era “uma grande tristeza para o mundo cristão e democrático”¹⁹⁸.

Miguel Reale, Secretário da Justiça, declarou que a morte de John F. Kennedy marcava “todos os povos da terra”, não obstante quaisquer “divergências ideológicas” que existissem. Na sua opinião, Kennedy era um “um líder máximo do Ocidente” e um “guia que tinha a intenção das diretrizes fundamentais do mundo de amanhã”¹⁹⁹.

Oscar Thompson Filho, Secretário da Agricultura, caracterizou John Kennedy como um “grande líder da democracia” e utilizou o acontecimento para apelar à conservação da democracia brasileira²⁰⁰.

O Secretário da Saúde, Salvador Julianelli, recebeu a notícia do atentado com o mais profundo pesar, descrevendo a morte de Kennedy como uma “perda irreparável [...] para todos os povos do mundo”²⁰¹.

Antônio Lafayette de Andrada, Ministro e Presidente do Supremo Tribunal Federal, declarou que a morte de Kennedy era um dia de “luto para a democracia”, apresentando o Presidente americano como um defensor dos direitos humanos, que

¹⁹⁵ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

¹⁹⁶ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

¹⁹⁷ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

¹⁹⁸ *Folha de S. Paulo*, nº 12578, 23 de novembro de 1963, p. 9.

¹⁹⁹ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

²⁰⁰ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

²⁰¹ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

sempre lutou por uma “democracia sem discriminações” e pela “libertação económica da América Latina”²⁰². No Supremo Tribunal Federal, Lafayette de Andrada suspendeu a sessão que decorria neste órgão devido ao profundo choque provocado pela morte de John Kennedy. No dia 25 de novembro, este Tribunal efetuou uma homenagem póstuma ao Presidente americano²⁰³.

O Presidente do Tribunal dos Recursos, José da Cunha Vasconcelos, afirmou que a morte de John F. Kennedy tinha um grande significado para o continente americano e que o Presidente sempre lutou pelas condições e pelo progresso dos seus habitantes²⁰⁴. Tal como aconteceu no Tribunal Federal, também esta instituição realizou, no dia 25 de novembro, uma homenagem a John Kennedy²⁰⁵.

Cândido de Oliveira, Procurador-Geral da República, em declarações públicas, disse que “o ilustre Presidente americano” sempre mostrou “grandeza de coração” nas suas ações, levando a que fosse visto como “uma das mais altas figuras de um grande país”²⁰⁶.

Ranieri Mazzilli, Presidente da Câmara dos Deputados do Brasil, afirmou neste órgão, sobre o atentado, que “A Nação brasileira, pelo seu povo aqui representado, pranteia junto ao povo amigo americano este acontecimento”, descrevendo a morte de John Kennedy como uma das “desgraças da humanidade”²⁰⁷. Realizou-se nesta Câmara, no dia 26 de novembro, uma sessão especial em homenagem a John F. Kennedy, que contou com a “presença de 180 parlamentares e a manifestação de pesar de todas as lideranças”²⁰⁸.

No Senado do Brasil, o Presidente Moura Andrade interrompeu os trabalhos de forma a informar os senadores do “trágico acontecimento” que vitimou John F. Kennedy, caracterizando o líder americano como “ilustre homem da democracia e de toda a humanidade”. Os senadores apresentaram um requerimento para suspender a sessão, solicitando também a realização de uma sessão em homenagem a Kennedy, bem

²⁰² *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

²⁰³ *Folha de S. Paulo*, nº 12578, 23 de novembro de 1963, p. 9.

²⁰⁴ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

²⁰⁵ *Folha de S. Paulo*, nº 12578, 23 de novembro de 1963, p. 9.

²⁰⁶ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

²⁰⁷ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

²⁰⁸ *O Globo*, nº 11522, 27 de novembro de 1963, p. 12.

como luto oficial de oito dias no Senado²⁰⁹. Moura Andrade fez parte do grupo de brasileiros que assistiram presencialmente ao funeral de John F. Kennedy, no seu caso em representação do Senado²¹⁰.

O Presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Cândido Motta Filho, descreveu John Kennedy como “um dos mais nobres combatentes da história”, afirmando que este teria levado uma “vida heróica”, em especial através da luta que travou no campo dos direitos sociais²¹¹. Neste Tribunal teve lugar uma homenagem ao Presidente americano, na sessão de dia 26 de novembro, na qual Cândido Motta se referiu ao acontecimento como “a maior das terríveis surpresas do século”²¹².

O antigo Ministro do Supremo Tribunal Federal, Nélson Hungria, caracterizou o atentado como “um acontecimento trágico e profundamente deplorável para toda a humanidade”, pois John Kennedy era “uma das mais sólidas garantias da continuidade da democracia liberal”²¹³.

O Deputado federal Tancredo Neves elogiou o “idealismo, a bravura e o dinamismo” de John F. Kennedy, apelidando-o de “Campeão da paz”²¹⁴.

Carlos Lacerda, Governador do Estado de Guanabara (atualmente Rio de Janeiro), foi o primeiro elemento político a apresentar-se na Embaixada dos Estados Unidos. Não fez qualquer declaração ao entrar, contudo, à saída, disse simplesmente que a morte de Kennedy foi “lamentável”²¹⁵. Após a sua visita à Embaixada, o Governador decretou cinco dias de luto oficial no seu Estado e enviou uma mensagem de condolências a Lincoln Gordon, na qual descreveu Kennedy como “um amigo querido do nosso país”²¹⁶. Lacerda esteve presente numa cerimónia “que o Governo do Estado mandou celebrar [...] às 12 horas, na Candelária” em honra de John Kennedy²¹⁷.

²⁰⁹ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

²¹⁰ *Folha de S. Paulo*, nº 12578, 23 de novembro de 1963, p. 9.

²¹¹ *Folha de S. Paulo*, nº 12578, 23 de novembro de 1963, p. 9.

²¹² *O Globo*, nº 11522, 27 de novembro de 1963, p. 22.

²¹³ *Correio Braziliense*, nº 1077, 23 de novembro de 1963, p. 4.

²¹⁴ *Folha de S. Paulo*, nº 12578, 23 de novembro de 1963, p. 9.

²¹⁵ *O Globo*, nº 11518, 22 de novembro de 1963, p. 1.

²¹⁶ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

²¹⁷ *O Globo*, nº 11524, 30 de novembro de 1963, p. 6.

O deputado da Assembleia Legislativa de Guanabara, Everardo de Magalhães Castro afirmou que os Estados Unidos perderam “um dos maiores Presidentes em toda a sua história” e que o Brasil perdeu “um grande e inestimável amigo”, bem como o “maior líder da democracia”²¹⁸. Segundo o deputado Hilário Torloni, John Kennedy não era “apenas um cidadão”, antes “o maior baluarte da democracia”. Torloni acreditava que a morte de Kennedy representava um “abalo talvez irreparável na crença das liberdades humanas e no regime do respeito aos direitos do homem”²¹⁹.

A Assembleia Legislativa de Guanabara dedicou parte da sua sessão de 25 de novembro para homenagear John F. Kennedy, com vários Deputados a usarem da palavra, como foi o caso de Raul Brunini, que afirmou que o Presidente foi um “grande exemplo”, que sempre lutou com “coragem para vencer as tentações do poder”. Danilo Nunes, caracterizou John Kennedy como um “grande governante”, enquanto Edna Lott defendeu a política racial que o “grande líder” sempre defendeu. Finalmente, Augusto Amaral Peixoto descreveu o Presidente Kennedy como o “verdadeiro condutor da democracia para toda a humanidade”²²⁰.

O Secretário de Saúde de Guanabara, Raimundo de Brito, enviou um telegrama de condolências a Lincoln Gordon pelo “selvagem atentado” contra John F. Kennedy, expressando os seus mais profundos pesares²²¹.

O Governador de São Paulo, Ademar de Barros, foi informado da morte de Kennedy por volta das 17 horas e 35 minutos (hora do Brasil)²²², afirmando, de imediato, que esta parecia “irreal e inverosímil”. Em declarações públicas, e após caracterizar John Kennedy como “o verdadeiro campeão da democracia”, Barros deixou os seus mais profundos sentimentos ao povo americano, afirmando que o mundo estava “de luto”²²³. O Governador de São Paulo relembrou ainda um episódio ocorrido no ano anterior, quando conheceu John Kennedy pessoalmente, tendo oportunidade de constatar algumas virtudes do líder americano, tais como o seu “grande equilíbrio, rara energia e

²¹⁸ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

²¹⁹ *Folha de S. Paulo*, nº 12577, 22 de novembro de 1963, p. 3.

²²⁰ *O Globo*, nº 11521, 26 de novembro de 1963, p. 21.

²²¹ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

²²² *Folha de S. Paulo*, nº 12577, 22 de novembro de 1963, p. 3.

²²³ *O Globo*, nº 11518, 22 de novembro de 1963, p. 4.

vontade extremamente forte”²²⁴. Remeteu ainda um telegrama de pesar a Lincoln Gordon e decretou três dias oficiais de luto no Estado de São Paulo. Os seus chefes das Casas Militar e Civil foram enviados ao Consulado dos Estados Unidos em São Paulo de forma a expressar pessoalmente os sentimentos do Governador e da população do Estado paulista²²⁵.

Após a revelação da notícia da morte de Kennedy, os trabalhos foram suspensos na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, “sob profunda consternação”, com os seus membros reunirem-se na sala da presidência. Por sua vez, o Presidente deste órgão, Ciro Alburquerque, afirmou que o atentado constituiria “o maior impacto emocional para as democracias do universo”, elogiando também o “equilíbrio”, “sensatez” e a “energia” do Presidente americano. Ciro Alburquerque, juntamente com elementos vários da Assembleia, dirigiu-se, logo no dia 22, ao Consulado dos Estados Unidos em São Paulo de forma a demonstrar o seu pesar²²⁶. A Assembleia decretou ainda três dias de luto, nos quais se verificaram as bandeiras nacional e paulista a meia-haste, e se realizou uma sessão solene fúnebre em honra a John F. Kennedy no dia 25 de novembro²²⁷, na qual o Presidente Ciro Albuquerque proferiu um breve discurso²²⁸. O Cônsul dos Estados Unidos, Scott Lyon, esteve presente, tendo feito um breve discurso de agradecimento pelas várias manifestações de pesar²²⁹. O Presidente da Assembleia partiu para os Estados Unidos ainda na noite de dia 25, em representação não apenas do Governo brasileiro mas também de Ademar de Barros²³⁰.

Para o Prefeito de São Paulo, Prestes Maia, a morte de John Kennedy foi “um desastre para o mundo”, decretando três dias de luto oficial após enviar um telegrama de condolências dirigido ao Governo americano²³¹.

Peri Constant Bevilacqua, Comandante do II Exército de São Paulo, recebeu com “extremo pesar e perplexidade” a notícia da morte de John Kennedy, desejando que

²²⁴ *Folha de S. Paulo*, nº 12578, 23 de novembro de 1963, p. 9.

²²⁵ *O Globo*, nº 11518, 22 de novembro de 1963, p. 4.

²²⁶ *Folha de S. Paulo*, nº 12577, 22 de novembro de 1963, p. 3.

²²⁷ *Folha de S. Paulo*, nº 12580, 25 de novembro de 1963, p. 5.

²²⁸ *O Globo*, nº 11520, 25 de novembro de 1963, p. 6.

²²⁹ *Folha de S. Paulo*, nº 12581, 26 de novembro de 1963, p. 17.

²³⁰ *Folha de S. Paulo*, nº 12581, 26 de novembro de 1963, p. 8.

²³¹ *Folha de S. Paulo*, nº 12578, 23 de novembro de 1963, p. 9.

esta servisse para terminar com o “cancro da segregação racial”²³². Poucos dias mais tarde, o General afirmou, em declarações públicas, que se encontrava extremamente sentido com a morte do Presidente Kennedy, que ele considerava um “campeão da democracia e da liberdade”²³³.

Camilo Ashcar, líder da União Democrática Nacional (UDN), disse ser “profundamente lamentável o violento atentado”. Caracterizando Kennedy como “um dos mais autênticos líderes cristãos da democracia contemporânea”, Ashcar afirmou que John Kennedy representava “um centro de esperança para todos os povos” e que, pela sua luta pela paz, pagara “o mais alto preço”²³⁴.

Mauro Borges Teixeira, Governador de Goiás, descreveu o atentado contra o Presidente americano como “um mau exemplo para o mundo” e como um “estímulo para a precipitação de situações de violências potenciais”²³⁵.

O Governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto, decretou cinco dias de luto oficial no Estado após ser informado da morte de John Kennedy. Determinou ainda que todas as bandeiras nacionais e estaduais fossem colocadas a meia-haste e que fossem enviados telegramas de condolências a Lincoln Gordon e a Lyndon Johnson²³⁶.

Na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, efetuou-se uma sessão especial em homenagem a John F. Kennedy no dia 25 de novembro. Nesta, o Deputado Mário Hugo Ladeira propôs que Kennedy recebesse o título de cidadão honorário de Minas Gerais postumamente²³⁷.

Antônio Lomanto Júnior, Governador da Bahia, recebeu com choque a notícia do atentado contra o Presidente americano, declarando que era “Difícil mesmo de acreditar” naquela que era, na sua opinião, uma perda extremamente significativa não apenas para os Estados Unidos, mas para todo o mundo²³⁸.

²³² *Folha de S. Paulo*, nº 12578, 23 de novembro de 1963, p. 9.

²³³ *O Globo*, nº 11520, 25 de novembro de 1963, p. 2.

²³⁴ *Folha de S. Paulo*, nº 12577, 22 de novembro de 1963, p. 3.

²³⁵ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 15.

²³⁶ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 15.

²³⁷ *O Globo*, nº 11521, 26 de novembro de 1963, p. 21.

²³⁸ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 15.

Celso Ramos, Governador de Santa Catarina, devido à morte de Kennedy, decretou luto oficial no seu Estado, bem como o encerramento de todas as repartições públicas estaduais²³⁹.

No Rio de Janeiro, o Governador Badger Silveira, após expressar os mais profundos sentimentos pela morte do Presidente Kennedy, decretou três dias de luto no Estado. Na Assembleia Legislativa Estadual do Rio de Janeiro, Cordolino Ambrósio, Presidente deste órgão, suspendeu os trabalhos e enviou, em nome da mesma, um telegrama de condolências à Embaixada dos Estados Unidos no Brasil²⁴⁰.

Os comícios do Deputado Amaral Netto foram cancelados devido ao “brutal e covarde atentado contra o grande líder da democracia”. Estes comícios, a realizar em Rio de Janeiro, estavam planeados para dia 22 na Penha e dia 24 em Copacabana²⁴¹.

O Governador do Rio Grande do Sul, Ildo Meneghetti, manifestou grande pesar pela morte de John Kennedy, “acontecimento que enlutou o mundo”. Neste Estado, as sessões da Assembleia Legislativa e da Câmara Municipal foram suspensas após conhecimento da notícia. No Consulado dos Estados Unidos deste Estado “era tamanha a comoção que nem o cônsul nem os funcionários tiveram ânimo para fazer declarações”. Em Porto Alegre, capital do Estado, a notícia da morte de Kennedy abalou a população. De acordo com o que foi reportado, “Nas ruas, nos locais de trabalho, em toda [a] parte o povo comentava com emoção o assassinato do líder da nação norte-americana”²⁴².

No Estado do Ceará, a notícia do assassinato de John Kennedy “traumatizou a população” da sua capital, Fortaleza. O Cônsul dos Estados Unidos, Stanley Eddings Williams, “profundamente chocado” com o atentado, focou o trabalho de Kennedy “em favor da paz e do entendimento entre os povos”. Virgílio Távora, Governador do Estado, decretou luto oficial de cinco dias e declarou que John Kennedy, um “estadista, soldado, escritor a serviço da liberdade e da dignidade humana”, “corajoso e dinâmico”, morreu “em nome da justiça”²⁴³. Dias mais tarde, em novas declarações, o Governador

²³⁹ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 15.

²⁴⁰ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 15.

²⁴¹ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

²⁴² *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 15.

²⁴³ *O Globo*, nº 11520, 25 de novembro de 1963, p. 6.

caracterizou Lee H. Oswald como “um inimigo da democracia” e o Presidente Kennedy como “um lutador tenaz contra o preconceito racial e pela igualdade dos povos”, além de um dos “maiores amigos” do Brasil e da América Latina²⁴⁴.

Ivo de Magalhães, Prefeito de Brasília, recebeu com forte pesar a notícia do “lamentável acontecimento” que colocou fim à vida de John Kennedy e enviou telegramas de condolências a Jacqueline Kennedy e a Lincoln Gordon, em seu nome pessoal e em nome da população de Brasília²⁴⁵.

O Comandante Militar de Brasília, General Nicolau Fico, caracterizou Kennedy como um dos “mais ardorosos defensores” da democracia, “um bravo homem” e um “amigo do Brasil” que havia partido demasiado cedo²⁴⁶.

O Contra-Almirante Aldo Pessoa Rebello, Comandante Naval de Brasília, enviou um telegrama de condolências ao conselheiro da Embaixada dos Estados Unidos no Distrito Federal, Robert W. Dean, no qual lamentava profundamente o “desaparecimento prematuro” de John Kennedy²⁴⁷.

Ney Braga, Governador do Paraná, ao tomar conhecimento do assassinato de John F. Kennedy, em concordância com os restantes líderes políticos, declarou três dias de luto oficial no seu Estado. Considerou o atentado uma “perda lamentável para toda a América Latina e o mundo livre em geral” e afirmou que Kennedy “inspirou admiração e respeito a todos os povos da terra”²⁴⁸.

O Governador de Pernambuco, Miguel Arrais, declarou luto oficial de três dias no Estado e apresentou condolências ao Cônsul dos Estados Unidos em Recife. Paulo Guerra, Vice-Governador, apresentou o seu pesar através do envio de uma mensagem ao Cônsul mencionado²⁴⁹.

Em comunicado oficial, o Partido Socialista Brasileiro condenou o atentado que vitimou John F. Kennedy, “embora o PSB considerasse John Kennedy como um adversário ideológico”²⁵⁰.

²⁴⁴ *O Globo*, nº 11522, 27 de novembro de 1963, p. 12.

²⁴⁵ *Correio Braziliense*, nº 1077, 23 de novembro de 1963, p. 6.

²⁴⁶ *Correio Braziliense*, nº 1077, 23 de novembro de 1963, p. 6.

²⁴⁷ *Correio Braziliense*, nº 1077, 23 de novembro de 1963, p. 4.

²⁴⁸ *Correio Braziliense*, nº 1078, 24 de novembro de 1963, p. 4.

²⁴⁹ *O Globo*, nº 11520, 25 de novembro de 1963, p. 6.

²⁵⁰ *Folha de S. Paulo*, nº 12580, 25 de novembro de 1963, p. 6.

O Embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Lincoln Gordon, em declarações à imprensa, descreveu a morte de Kennedy como um “trágico momento para toda a humanidade”, caracterizou o Presidente como “Um grande americano e um grande cidadão do mundo [que] caiu pela causa da liberdade” e afirmou que o espírito de John Kennedy e as suas convicções iriam subsistir no tempo²⁵¹. Todos os eventos da Embaixada dos Estados Unidos marcados para a semana seguinte ao assassinato de John Kennedy foram cancelados devido à morte do Presidente²⁵². Lincoln Gordon recebeu, nos dias que se seguiram ao atentado de Kennedy, “milhares de mensagens de pesar”, dirigidas tanto ao Embaixador como à Embaixada dos Estados Unidos. De igual modo, os vários consulados americanos no Brasil receberam também uma grande quantidade de mensagens de condolências pela morte do Presidente²⁵³. No exterior da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil, a bandeira nacional americana esteve a meia-haste e verificou-se uma larga concentração de pessoas em frente do edifício no momento em que se desceu a bandeira²⁵⁴. O Embaixador esteve presente dias depois (28 de novembro) nas cerimónias do dia de Ação de Graças realizadas no Auditório da Associação Brasileira de Imprensa, onde citou John F. Kennedy e elogiou os esforços políticos do Presidente, bem como enalteceu o seu carácter²⁵⁵.

Gebhard Seelos, Embaixador da Alemanha Ocidental no Brasil, enviou um telegrama de condolências a Lincoln Gordon expressando o seu pesar e do povo alemão pela morte de um “presidente com espírito tão nobre” e “verdadeiro amigo”, que era “um símbolo e uma garantia para o mundo livre”²⁵⁶.

Thomas J. Duffield, Cônsul dos Estados Unidos no Estado de Rio Grande do Sul, agradeceu publicamente as várias manifestações relativas à morte de John F. Kennedy, realçando as mensagens de condolências do Governador Ildo Meneghetti e do Prefeito Lourenço da Silva. Duffield descreveu ainda Kennedy como “um grande líder”, mas mostrou-se confiante numa continuidade política com Lyndon Johnson²⁵⁷.

²⁵¹ *O Globo*, nº 11518, 22 de novembro de 1963, p. 1.

²⁵² *Folha de S. Paulo*, nº 12577, 22 de novembro de 1963, p. 3.

²⁵³ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 1.

²⁵⁴ *O Globo*, nº 11518, 22 de novembro de 1963, p. 4. Ver anexo 12.

²⁵⁵ *O Globo*, nº 11524, 29 de novembro de 1963, p. 9.

²⁵⁶ *O Globo*, nº 11520, 25 de novembro de 1963, p. 6.

²⁵⁷ *O Globo*, nº 11520, 25 de novembro de 1963, p. 6.

O diplomata Takeo Ueno, Secretário da Embaixada do Japão no Brasil, disse que a “perda irreparável” de John Kennedy, um “guardião [...] da Democracia e da Liberdade”, provocou grande pesar na sociedade japonesa intimamente ligada aos Estados Unidos e ao seu líder²⁵⁸.

Após caracterizar John Kennedy como “um dos maiores homens de todos os tempos”, Pierre Foucher, Encarregado da Embaixada de França no Brasil, afirmou que o atentado não poderia ser “outra coisa senão o gesto de um louco”²⁵⁹.

Dacre Colee, Encarregado da Embaixada do Canadá em Brasília, descreveu o assassinato de Kennedy como “um acontecimento lamentável” que provocara um “trágico desaparecimento”²⁶⁰.

Vários foram os elementos dos corpos diplomáticos presentes em São Paulo que manifestaram os mais profundos dos pesares pela morte de John F. Kennedy, entre eles: Lewe van Aduard, Embaixador da Holanda; Mirko Bruner, Cônsul-Geral da Jugoslávia; Otto Helier, Cônsul da Áustria; Osvaldo Morand, Cônsul da Suíça; Gustaf Stal, Cônsul da Letônia; Ake Eino Mattson, Cônsul da Finlândia; Leon Feffer, Cônsul de Israel; Shiehizo Tauruga, Cônsul do Japão²⁶¹.

Chefe do Departamento de Cooperação Técnica da Organização dos Estados Americanos, João Gonçalves de Sousa, descreveu John Kennedy como “um verdadeiro amante da Paz”, como “um líder dificilmente substituível” e como “um grande americano”²⁶².

A Comissão Brasileira da Aliança para o Progresso prestou homenagem à memória de John F. Kennedy numa cerimônia realizada no dia 2 de dezembro no Auditório da Associação Brasileira de Imprensa, tendo como orador o Vice-Presidente da Associação, o historiador Pedro Calmon²⁶³.

Várias foram as atribuições de títulos póstumos e alterações de toponímia que se verificaram em honra ao Presidente assassinado.

²⁵⁸ *Correio Braziliense*, nº 1077, 23 de novembro de 1963, p. 6.

²⁵⁹ *Correio Braziliense*, nº 1077, 23 de novembro de 1963, p. 6.

²⁶⁰ *Correio Braziliense*, nº 1077, 23 de novembro de 1963, p. 6.

²⁶¹ *Folha de S. Paulo*, nº 12579, 24 de novembro de 1963, p. 2.

²⁶² *Correio Braziliense*, nº 1078, 24 de novembro de 1963, p. 4.

²⁶³ *O Globo*, nº 11521, 26 de novembro de 1963, p. 21.

Carlos Lacerda, Governador de Guanabara, batizou com o nome de Vila Kennedy um conjunto residencial em construção neste Estado de forma a homenagear o Presidente que “simbolizava a esperança do mundo”. Este iria, originalmente, receber o nome de Vila Esperança e foi financiado através da Aliança para o Progresso²⁶⁴.

A Câmara Municipal de Petrópolis, no Rio de Janeiro aprovou no dia 25 de novembro um projeto que levaria à alteração do nome da Avenida Piabanha para Avenida Presidente Kennedy²⁶⁵.

O Deputado Federal Antônio de Medeiros Neto apresentou no dia 25 de novembro uma proposta para mudar o nome de Taguatinga, cidade-satélite de Brasília, para “Presidente Kennedy”²⁶⁶.

O Deputado Cunha Bueno, de São Paulo, apresentou uma proposta na Câmara Federal para mudar o nome da via São Paulo-Porto Alegre para o nome “Via John Kennedy” em homenagem ao Presidente americano²⁶⁷.

O Deputado Eurico Resende apresentou no dia 26 de novembro, no Senado, proposta de forma a conceder o estatuto de cidadão brasileiro honorário a John F. Kennedy²⁶⁸. Resende descreveu ainda o Presidente Kennedy como o “paladino da democracia” e como um “amigo do nosso país” antes de apelidar o acontecimento como o “crime do século”²⁶⁹.

O Deputado Nelson Pereira propôs a entrega póstuma do estatuto de cidadão paulista a John Kennedy “como homenagem do povo de São Paulo ao eminente 35º presidente dos Estados Unidos da América”²⁷⁰.

No dia 27 de novembro, o Governador Ademar de Barros apresentou proposta de forma a alterar o nome do Instituto de Educação de Americana em São Paulo para Instituto de Educação Presidente Kennedy²⁷¹.

²⁶⁴ *O Globo*, nº 11521, 26 de novembro de 1963, p. 5. Ver anexo 13.

²⁶⁵ *O Globo*, nº 11521, 26 de novembro de 1963, p. 21.

²⁶⁶ *Folha de S. Paulo*, nº 12581, 26 de novembro de 1963, p. 1.

²⁶⁷ *Folha de S. Paulo*, nº 12581, 26 de novembro de 1963, p. 32.

²⁶⁸ *O Globo*, nº 11522, 27 de novembro de 1963, p. 12.

²⁶⁹ *Correio Braziliense*, nº 1081, 27 de novembro de 1963, p. 3.

²⁷⁰ *Folha de S. Paulo*, nº 12583, 28 de novembro de 1963, p. 20.

²⁷¹ *Folha de S. Paulo*, nº 12583, 28 de novembro de 1963, p. 11.

A respeito das várias cerimónias religiosas realizadas, a congregação da Christ Church celebrou uma missa de réquiem em memória de John F. Kennedy no templo da Rua Real Grandeza, em Botafogo, Estado de Guanabara²⁷², que ocorreu no dia 24 de novembro e contou com a presença de membros da Embaixada dos Estados Unidos, de Inglaterra, da Índia, do Canadá e da Austrália, incluindo os respectivos Embaixadores, Lincoln Gordon (Estados Unidos); Leslie Fry (Inglaterra); Vincent Herbert Coelho (Índia); Jean Chapdelaine (Canadá) e Owen Lennox Davis (Austrália); bem como adidos e outros funcionários²⁷³.

Outras missas em homenagem de John Kennedy foram celebradas no Rio de Janeiro: na Igreja do Outeiro, organizada pela Irmandade do Outeiro da Glória; e na Igreja da Candelária, para a qual foi convidado o Embaixador americano Lincoln Gordon e o respetivo corpo diplomático²⁷⁴.

A Federação das Congregações Marianas da Arquidiocese de Niterói mandou rezar uma missa de sétimo dia pela alma de John Kennedy, em 29 de novembro na Igreja Matriz de São Lourenço²⁷⁵.

Em São Paulo, realizaram-se várias homenagens a John F. Kennedy, nomeadamente organizadas pela Câmara Americana de Comércio para o Brasil e pela Sociedade Americana de São Paulo. Estas tiveram lugar na Igreja Americana no dia 24 de novembro, na *The Fellowship Community Church* no dia 25 e na *Chapel of Our Lady Help Christians* no dia 24 e no dia 25²⁷⁶.

Dia 24 de novembro, pelas 11 horas locais, em São Paulo, realizou-se uma missa em homenagem a John F. Kennedy. De acordo com a imprensa, foi celebrada pelo capelão do II Exército Regional com a presença de centenas de pessoas na mesma²⁷⁷.

A Câmara Americana de Comércio para o Brasil e a Sociedade Americana de São Paulo mandaram rezar no dia 25 de novembro uma missa conjunta pela morte de John Kennedy na Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora²⁷⁸. As mesmas organizações planearam

²⁷² *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

²⁷³ *O Globo*, nº 11520, 25 de novembro de 1963, p. 6. Ver anexo 14.

²⁷⁴ *O Globo*, nº 11520, 25 de novembro de 1963, p. 6.

²⁷⁵ *O Globo*, nº 11521, 26 de novembro de 1963, p. 21.

²⁷⁶ *Folha de S. Paulo*, nº 12579, 24 de novembro de 1963, p. 27.

²⁷⁷ *O Globo*, nº 11520, 25 de novembro de 1963, p. 5.

²⁷⁸ *O Globo*, nº 11521, 26 de novembro de 1963, p. 21.

nova missa em memória do Presidente americano no dia 29 de novembro na Catedral de São Paulo, desta feita, agregando também a União Cultural Brasil-Estados Unidos²⁷⁹.

As Associações Paroquiais da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro do Bairro do Grajaú, localizadas em São Paulo, mandaram rezar uma missa de sufrágio pelo Presidente Kennedy no dia 28 de novembro²⁸⁰.

A Diocese de São Paulo celebrou uma missa em memória de John Kennedy no dia 28 de novembro na Catedral Metropolitana²⁸¹. A cerimônia foi oficiada pelo Bispo-auxiliar de São Paulo, Antônio Ferreira de Macedo, e contou com a presença de Scott Lyon, Cônsul dos Estados Unidos em São Paulo, bem como de membros do corpo consular²⁸². No mesmo dia neste Estado, realizou-se outra missa, na Igreja de São Francisco, mandada rezar pela secção de São Paulo da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil que foi celebrada pelo Padre João Pheney²⁸³.

O Bispo-Auxiliar de São Paulo, Antônio Ferreira de Macedo, descreveu o atentado contra o Presidente Kennedy como um “acontecimento funesto para a história americana”, relembrando ainda que o falecido Presidente era o primeiro líder católico dos Estados Unidos²⁸⁴.

Em Brasília, uma multidão “lotou o amplo saguão do Palácio do Planalto” onde assistiram a uma missa de réquiem por John Kennedy, mandada rezar pelo Presidente Goulart em nome do Governo e do povo brasileiro. O Presidente esteve presente juntamente com todos os Ministros que se encontravam na capital. Robert Dean, Encarregado de Negócios, esteve em representação do Governo dos Estados Unidos. Esta missa foi celebrada pelo Monsenhor Geraldo d’Ávila, que afirmou que Kennedy iria ser lembrado como “uma vítima no altar do sacrifício”²⁸⁵.

No dia 25 de novembro, pelas 12 horas, realizou-se uma missa na Igreja da Candelária, no Estado de Brasília, em homenagem a John Kennedy. Mandada rezar pela Embaixada dos Estados Unidos, a missa contou com a presença de cerca de duas mil

²⁷⁹ *Folha de S. Paulo*, nº 12583, 28 de novembro de 1963, p. 15.

²⁸⁰ *O Globo*, nº 11521, 26 de novembro de 1963, p. 21.

²⁸¹ *Folha de S. Paulo*, nº 12584, 29 de novembro de 1963, p. 23.

²⁸² *Folha de S. Paulo*, nº 12585, 30 de novembro de 1963, p. 1. Ver anexo 15.

²⁸³ *O Globo*, nº 11524, 29 de novembro de 1963, p. 5.

²⁸⁴ *Folha de S. Paulo*, nº 12578, 23 de novembro de 1963, p. 9.

²⁸⁵ *O Globo*, nº 11521, 26 de novembro de 1963, p. 15.

pessoas. João Goulart foi representado pelo Ministro da Viação e Obras Públicas Expedito Machado. Lincoln Gordon esteve presente, acompanhado pela sua esposa Allison Gordon²⁸⁶. A cerimônia foi celebrada pelo Padre Otto Fonser, da Ordem dos Frades Menores Conventuais da Capela de Nossa Senhora das Mercês. No final, Lincoln Gordon recebeu pessoalmente condolências de muitos dos presentes²⁸⁷.

A Cúria Arquidiocesana de Brasília celebrou uma missa de réquiem por John F. Kennedy no dia 25 de novembro, na Igreja de Santo Antônio²⁸⁸.

Por iniciativa de Pedro Cruz, um jornalista, realizou-se uma missa em intenção de John F. Kennedy na Capela do Bairro do Gavião, em Brasília, no dia 28 de novembro, à qual compareceram vários membros da imprensa do Distrito Federal²⁸⁹.

No Estado de Minas Gerais, e de acordo com o noticiado, foram mandadas rezar dez missas até dia 29 de novembro apenas na Capital de Belo Horizonte. É reportado ainda que grupos protestantes e judeus também realizaram cerimônias em honra ao Presidente Kennedy, sem serem divulgados mais detalhes²⁹⁰.

Kenneth Traxeler, Reverendo da Igreja Metodista do Brasil, afirmou que John F. Kennedy proporcionava “uma liderança necessária no campo social e racial” e, como primeiro Presidente Católico dos Estados Unidos, provou que “um homem pode manter-se dentro desses princípios de fé e governar”²⁹¹.

A imprensa brasileira noticiou ainda outras ocorrência de atitudes de respeito e homenagem pela morte de John F. Kennedy que aconteceram em vários contextos por todo o Brasil. Apresentam-se, em seguida, algumas dessas situações.

O Forum Latino-Americano de Desenvolvimento Econômico, que se encontrava reunido em São Paulo, suspendeu os seus trabalhos, depois de revelada a notícia da morte de John F. Kennedy²⁹². Os participantes do Forum assistiram a uma missa por John Kennedy no dia 23 de novembro, que teve lugar na Igreja de São Francisco, no Estado de São Paulo. No dia 25, com o encerrar do Forum, foi observado um minuto de silêncio

²⁸⁶ *O Globo*, nº 11521, 26 de novembro de 1963, p. 1. Ver anexo 16.

²⁸⁷ *O Globo*, nº 11521, 26 de novembro de 1963, p. 21.

²⁸⁸ *Correio Braziliense*, nº 1078, 24 de novembro de 1963, p. 3.

²⁸⁹ *Correio Braziliense*, nº 1078, 24 de novembro de 1963, p. 3.

²⁹⁰ *O Globo*, nº 11524, 29 de novembro de 1963, p. 5.

²⁹¹ *Correio Braziliense*, nº 1077, 23 de novembro de 1963, p. 6.

²⁹² *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 1.

em memória do Presidente Kennedy, a sugestão do Presidente do mesmo, Teodoro Quârtim Barbosa²⁹³.

A Federação Carioca de Futebol²⁹⁴ mandou que se efetuasse um minuto de silêncio antes de qualquer jogo da jornada seguinte à morte de John Kennedy, declarando também três dias de luto²⁹⁵. De forma semelhante, a Federação Paulista de Futebol, decretou três dias de luto oficial. Na sua sede, a bandeira foi colocada a meia-haste e foi ainda decidido que se respeitasse um minuto de silêncio antes dos jogos que se seguiram à morte de Kennedy²⁹⁶.

O Comitê Pró-Ambulatório da Praia do Pinto cancelou o seu baile marcado para a noite de 22 de novembro na Embaixada Britânica do Brasil, devido à morte de John Kennedy²⁹⁷.

A Diretoria da Casa das Beiras, através do seu Presidente Abel Rodrigues da Costa, cancelou uma série de eventos que teriam lugar nos três dias seguintes à morte de John F. Keenedy, incluindo o seu baile de aniversário no dia 23²⁹⁸.

A Ordem dos Músicos do Brasil, por indicações dos maestros José Siqueira e do presidente da Ordem, Gentil Guedes, suspendeu as suas atividades, inclusive dois concertos a realizar no dia 22 e 23 de novembro no Teatro Municipal²⁹⁹.

Aristóteles Luís Drumond, Presidente do Grupo de Ação Patriótica, afirmou que com o “final trágico” de John F. Kennedy a “juventude mundial perdeu um líder e amigo, assim como a democracia e a paz o seu grande defensor”, a seu ver, Kennedy foi “uma luz em meio às trevas que dominam o mundo de nossos dias”³⁰⁰.

A Sociedade Hípica Brasileira, “participando do sentimento público pelo falecimento do Presidente”, cancelou as comemorações do seu 25º aniversário, programadas para dia 24 de novembro³⁰¹.

²⁹³ *O Globo*, nº 11520, 25 de novembro de 1963, p. 3.

²⁹⁴ Actualmente, Federação de Futebol do Estado de Rio de Janeiro.

²⁹⁵ *O Globo*, nº 11518, 22 de novembro de 1963, p. 4.

²⁹⁶ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 15.

²⁹⁷ *O Globo*, nº 11518, 22 de novembro de 1963, p. 4.

²⁹⁸ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 3.

²⁹⁹ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

³⁰⁰ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

³⁰¹ *O Globo*, nº 11520, 25 de novembro de 1963, p. 20.

O Instituto dos Advogados Brasileiros marcou uma solenidade em homenagem a John F. Kennedy para a noite de 25 de novembro. Esta cerimônia foi mais tarde cancelada, sendo que não foi noticiado o motivo para o mesmo³⁰².

A União Cívica Feminina enviou também um telegrama a Lincoln Gordon, na qual apresentou o “mais profundo pesar da mulher paulista” pelo “inominável atentado” contra John F. Kennedy, bem como o seu choque para com a “irreparável perda”³⁰³.

A Casa Thomas Jefferson, instituto linguístico, suspendeu as suas actividades durante a semana que se seguiu ao atentado contra o Presidente John Kennedy, retomando a sua agenda normal apenas no dia 2 de dezembro³⁰⁴.

O Setor de Brasília da Comissão do Imposto Sindical suspendeu as suas actividades durante os dias 23 e 24 de novembro³⁰⁵.

Luís Ferreira Guimarães, Presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Guanabara, enviou um telegrama ao Embaixador Gordon apresentando as suas profundas condolências pelo “brutal atentado” que vitimou John Kennedy³⁰⁶.

O periódico *Folha de S. Paulo* adiou uma festa que havia marcado para dia 23 de novembro “em homenagem ao Dia do Jornaleiro”³⁰⁷.

O Presidente da Confederação Nacional da Indústria, Haroldo Correia Cavalcanti, afirmou em declarações públicas que a morte de John F. Kennedy significava a perda do “grande líder da democracia e da liberdade, campeão da paz e do entendimento entre os povos”. Cavalcanti acrescentou que a morte de Kennedy era um “rude golpe” para a América Latina e, particularmente, para o Brasil, do qual sempre foi “grande e leal amigo”³⁰⁸.

A Associação Nacional de Empresas de Transporte de Carga Rodoviária, ao tomar conhecimento da morte de John F. Kennedy, adiou a realização do seu seminário que teria lugar em São Paulo de 25 a 28 de novembro³⁰⁹.

³⁰² *O Globo*, nº 11521, 26 de novembro de 1963, p. 13.

³⁰³ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 15.

³⁰⁴ *Correio Braziliense*, nº 1078, 24 de novembro de 1963, p. 2.

³⁰⁵ *Correio Braziliense*, nº 1078, 24 de novembro de 1963, p. 3.

³⁰⁶ *O Globo*, nº 11520, 25 de novembro de 1963, p. 6.

³⁰⁷ *Folha de S. Paulo*, nº 12578, 23 de novembro de 1963, p. 1.

³⁰⁸ *O Globo*, nº 11520, 25 de novembro de 1963, p. 6.

³⁰⁹ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 11.

A Federação e o Centro das Indústrias de São Paulo (FIESP-CIESP) enviou um telegrama de condolências ao Embaixador Lincoln Gordon, na qual descreveu o Presidente americano como uma “inspiração constante e animador de todos os povos que lutam pela manutenção da liberdade”. Esta associação afirmou ainda ter total confiança que o seu sucessor, Lyndon Johnson, seguiria as pegadas políticas de Kennedy³¹⁰.

O Conselho da Associação Comercial do Rio de Janeiro, em sessão conjunta com a Confederação das Associações Comerciais do Brasil, prestou homenagem à memória de John Kennedy numa reunião realizada no dia 27 de novembro. De notar que ambas estavam de luto de cinco dias a partir do momento em que tomaram conhecimento do atentado³¹¹.

O Centro Industrial do Rio de Janeiro e a Federação das Indústrias da Guanabara dedicaram sessão especial em memória de John F. Kennedy no dia 26 de novembro. Estas enviaram telegrama de condolências ao Embaixador Lincoln Gordon em que descreveram o acontecimento como um “brutal sacrifício” e como “um novo motivo de defesa intransigente dos postulados da liberdade e da democracia”³¹².

A Diretoria do Sindicato dos Lojistas e do Clube de Diretores Lojistas recomendou que as lojas do Estado de Guanabara fechassem parcialmente entre os dias de 23 e 26 de novembro³¹³.

Muitos foram os estabelecimentos do Rio de Janeiro que fecharam as suas portas, adiando ou cancelando festividades e outros eventos. Por exemplo, o Clube Comercial e o Campestre da Guanabara suspenderam as suas atividades de aniversário. O Montanha manteve as portas abertas, fazendo luto em honra do Presidente americano. O Country Club da Tijuca suspendeu o seu I Baile de Debutantes e, de semelhante forma, o Grajaú Country Club adiou o seu baile para a semana seguinte. O clube desportivo Flamengo adiou a inauguração das suas piscinas, na qual estaria presente o filho do Presidente da República, João Goulart³¹⁴.

³¹⁰ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 15.

³¹¹ *O Globo*, nº 11521, 26 de novembro de 1963, p. 21.

³¹² *O Globo*, nº 11522, 27 de novembro de 1963, p. 14.

³¹³ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

³¹⁴ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 4.

As lojas da empresa americana *Sears* localizadas no Brasil fecharam as portas no dia 23 de novembro em honra ao Presidente³¹⁵.

Em Brasília, o Cota Mil late Clube adiou uma festa planeada para dia 25 de novembro na sua sede, em respeito à memória de John F. Kennedy. Pela mesma razão, o Lions Clube cancelou o seu baile que se realizaria no dia 23 de novembro no Hotel Nacional³¹⁶.

O Presidente da União Nacional dos Estudantes, José Serra, enviou um telegrama ao Presidente Lyndon Johnson, a Jacqueline Kennedy e à Associação Nacional de Estudantes dos Estados Unidos, onde expressava um “profundo pesar” pela morte de John Kennedy em nome dos estudantes universitários brasileiros³¹⁷.

A Executiva Nacional dos Estudantes de Geologia, pela mão do seu secretário-geral Pedro Loewenstein, lamentou o “estúpido, bárbaro e fanático atentado” que causou a morte ao Presidente americano³¹⁸.

O fundador e Vice-Presidente da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais, Marcelo da Silva Júnior, apelidou John Kennedy de “cidadão do mundo” e como “um dos mais devotados e sinceros amigos” da “criança retardada”³¹⁹.

O Reitor da Universidade Federal de Goiás, Professor Colemar Natal, após receber a notícia do atentado contra John Kennedy, descreveu o Presidente como “um dos mais lúcidos condutores da Humanidade” e como “um permanente defensor da causa da paz”³²⁰.

Várias foram as entidades estudantis do Estado de Guanabara que se manifestaram relativamente à morte de John F. Kennedy. Luís Carpenter, do Centro Acadêmico da Faculdade de Direito da Universidade do Estado de Guanabara, descreveu John Kennedy como um dos “grandes exemplos” da juventude brasileira num momento de “profunda dor” para os estudantes de Direito. O Clube Santa Ângela do Colégio Santa Úrsula mostrou publicamente o seu pesar pela morte do Presidente Kennedy, que era

³¹⁵ *Folha de S. Paulo*, nº 12578, 23 de novembro de 1963, p. 13.

³¹⁶ *Correio Braziliense*, nº 1077, 23 de novembro de 1963, p. 6.

³¹⁷ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

³¹⁸ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

³¹⁹ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

³²⁰ *Correio Braziliense*, nº 1077, 23 de novembro de 1963, p. 6.

uma “esperança de paz” na luta por um “futuro de concórdia”. Os alunos do Colégio Anglo-Americano revelaram a sua surpresa e revolta pela morte de um “corajoso defensor da liberdade e heróico semeador da verdadeira justiça social”. O Diretório Acadêmico Filadelfo Azevedo da Faculdade Brasileira de Ciências Jurídicas do Rio de Janeiro demonstrou a sua tristeza e dor relativamente a John Kennedy, afirmando que a sua memória seria “sempre reverenciada pela humanidade”. O Diretório Acadêmico da Escola Politécnica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro pronunciou-se sobre a “perda inestimável do grande líder das Américas e do mundo livre”, desejando que o sucessor de Kennedy desse continuidade às políticas dignas da sua “inolvidável memória”³²¹.

A inauguração da Escola Penedo, em Copacabana, Estado de Guanabara, foi adiada para dia 27 de novembro. Nesta cerimónia iria estar presente o Governador Carlos Lacerda³²².

A imprensa brasileira noticiou também alguns momentos e atitudes de respeito a John F. Kennedy, por parte da população e pessoas anónimas, que se verificaram em várias circunstâncias.

Na noite de 25 de novembro, naquele que foi descrito como um “gesto espontâneo”, milhares de habitantes do Rio de Janeiro colocaram velas acesas nas janelas de suas casas em memória do Presidente John Kennedy³²³.

A edição de 24 de novembro do *Folha de S. Paulo* reporta o testemunho do “último brasileiro (não diplomata) a manter um encontro com Kennedy”. Francisco Calazans Fernandes, jornalista e secretário de Educação do Estado do Rio Grande do Norte, teve a oportunidade de conversar brevemente com o Presidente dos Estados Unidos na Casa Branca, após convite da Organização dos Estados Americanos em preparação de uma reunião do Conselho Interamericano Económico e Social. Fernandes afirmou que foi recebido por um John F. Kennedy “sorridente, bem humorado”, que “vestia um terno azul-claro, gravata vermelha”. O jornalista entregou em mão um discurso intitulado

³²¹ *O Globo*, nº 11520, 25 de novembro de 1963, p. 6.

³²² *O Globo*, nº 11522, 27 de novembro de 1963, p. 3.

³²³ *O Globo*, nº 11521, 26 de novembro de 1963, p. 6.

"Resposta ao Desafio do Nordeste", pronunciado pelo governador Aluisio Alves e ficou surpreendido quando Kennedy afirmou "que já conhecia o documento"³²⁴.

Um brasileiro residente nos Estados Unidos, Roberto Martins, ligou para *O Globo* apenas alguns minutos após o atentado contra John F. Kennedy de forma a relatar o sucedido. O estudante em Aramillo, Texas, praticamente não "continha a emoção". O jovem narrou deste modo os acontecimentos ao periódico:

– O Presidente Kennedy sofreu um atentado. Vocês já sabem? É incrível. Toda a população americana está traumatizada. O assassino deu dois tiros na cabeça do Presidente, disse Roberto Martins, quase sem voz – e ele está muito mal. Estou vendo na televisão a cobertura do fato. Os jornais já puseram edições extras na rua. Sobre o assassino, não sei. Parece que prenderam um suspeito. Mas a Sra. Kennedy, que estava ao lado do Presidente, nada sofreu. O Governador do Texas também foi ferido mas está melhor do que o Presidente³²⁵.

Joaquim Batista de Sena, poeta e cantor, conhecido por ser um dos nomes mais importantes da literatura de cordel (folheto) no Brasil, lançou no dia seguinte à morte de John F. Kennedy uma obra sobre o presidente americano. Com estreia na Praça General de Tibúrcio, em Fortaleza, o cantor revelou o seu folheto acompanhado de guitarra, folheto este que colocou à venda por 50 cruzeiros. O conteúdo do mesmo foi disponibilizado, por inteiro, na edição de 28 de novembro do *Correio Braziliense*³²⁶.

O periódico *O Globo* dedicou esforços de forma a obter a reação da população do Rio de Janeiro após a morte de John Kennedy para o que entrevistou várias pessoas que expressaram as suas opiniões relativamente ao Presidente e ao atentado que colocou fim à sua vida. Aristide de Carvalho, um motorista, afirmou ser a "perda inconsolável para toda a humanidade" de um homem que "aliava à simpatia pessoal uma política que estava satisfazendo a todo o mundo". Oscar Ornstein, gerente do clube Copacabana Palace, descreveu o acontecimento como "a maior tragédia dos nossos tempos" e o

³²⁴ *Folha de S. Paulo*, nº 12579, 24 de novembro de 1963, p. 15.

³²⁵ *O Globo*, nº 11518, 22 de novembro de 1963, p. 1.

³²⁶ *Correio Braziliense*, nº 1082, 28 de novembro de 1963, p. 7. Ver anexo 17.

Presidente como “o campeão da liberdade, da democracia”. Ronald Golias, comediante, afirmou sentir a morte de John Kennedy como se de um ente querido se tratasse, acrescentando que a sua esposa havia chorado quando soube da notícia; para ele, Kennedy “foi o maior Chefe de Estado dos últimos tempos”. José Leite Vidal, um funcionário público, disse tratar-se de “uma grande perda para todos”, elogiando a sua política, nomeadamente no campo da igualdade. José Vilarinho Antelo, um comerciante, chamou John Kennedy de “homem maravilhoso”, distinguindo o facto de ser o primeiro Presidente católico dos Estados Unidos. Edmundo Rocha, vereador de Goiânia, lamentou profundamente a morte de Kennedy, que considerava “um dos homens políticos mais autênticos”. Hélia Monteiro de Almeida, uma comerciante, descreveu o atentado como “uma barbaridade inominável” e acrescentou que o modo de governar de John Kennedy era “realmente dinâmico”, sendo “grande pena ter morrido tão estupidamente e tão jovem”. Helena Mayworn, comerciante, disse ter ficado “muito emocionada” com a morte de John F. Kennedy, afirmando que este era “muito estimado em todo o mundo” e que era “uma grande perda” para o Brasil. Eunice Araújo Jorge, uma funcionária pública, disse que a morte de John Kennedy se tratava de um “crime tão bárbaro, um crime contra a humanidade inteira”, acrescentando que um “homem como ele não podia morrer”. Ana Pereira Coelho, hospedeira de bordo, disse ser um acontecimento “muito triste”, afirmando que pensava na dor e sofrimento de Jacqueline Kennedy e dos filhos do casal³²⁷.

3.2. Análise qualitativa do discurso jornalístico

Tal como no caso dos periódicos portugueses, é crucial entender a cobertura jornalística dos periódicos brasileiros analisados do assassinato de Kennedy. Tendo em conta as capas dos três periódicos, o acontecimento está presente de 22 a 30 de novembro, não sendo, porém, manchete na plenitude deste período. No *Correio Braziliense*, a notícia constituiu manchete entre os dias 23 e 27; na *Folha de S. Paulo* de 22 a 27; e em *O Globo* nos dias 22, 23, 26 e 27. Recorrendo às manchetes do dia seguinte

³²⁷ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 7.

ao assassinato de John Kennedy (23 de novembro), é possível identificar, através da análise do grafismo e conteúdo dos títulos, diferentes processos de intensificação e dramatização do discurso. O título do *Correio Braziliense*, “Luto no Mundo: Assassinado o Presidente Kennedy”³²⁸, empregou ênfase gráfica através do recurso ao negrito, com uma localização no topo da página, verificando-se dois processos de intensificação e dramatização que outros periódicos analisados também utilizam, o exagero e a simplificação. Estes processos verificam-se na expressão “Luto no Mundo”, sugerindo que a morte de John F. Kennedy causou um pesar internacional, o que é, naturalmente, exagerado. Por sua vez, a *Folha de S. Paulo*, com o título “John Kennedy Assassinado”³²⁹, localizado no topo da página, e totalmente em letra maiúscula, também utiliza negrito de forma a realçar o mesmo graficamente. Com este título breve e sem rodeios, o periódico tenta captar a atenção do leitor através da clareza e simplicidade. Finalmente, *O Globo* utiliza “A Morte de Kennedy Abala o Mundo”³³⁰ como manchete, colocada no topo da página. Mais uma vez, negrito e a letra maiúscula também são aplicados no título como forma de ênfase gráfica. Este jornal recorre à simplificação através de “Abala o Mundo”, visto que a morte de John F. Kennedy abalou, de facto, praticamente todas as estruturas mundiais. Contudo, o que está implícito neste título é que a morte do Presidente Kennedy causou pesar a nível global, que, como já foi referido, não aconteceu efetivamente.

Tal como se verifica com os periódicos portugueses, os jornais brasileiros tratam o assassinato de John F. Kennedy como um mega-acontecimento, através da narração de eventos que estão relacionados ao atentado em si, mas que vão para além do mesmo. Os periódicos focaram-se, inicialmente, na descrição do atentado, caracterização e papel das personagens, descrição de espaços e consequências imediatas. Focam, depois, o alegado autor do assassinato, Lee Harvey Oswald e a condenação do ato.

Relativamente às fontes de informação, os periódicos brasileiros, tal como os portugueses, utilizam as mesmas fontes, denotando a sua tendência editorial. São cinco

³²⁸ *Correio Braziliense*, nº 1077, 23 de novembro de 1963, p. 1.

³²⁹ *Folha de S. Paulo*, nº 12578, 23 de novembro de 1963, p. 1.

³³⁰ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 1.

as fontes utilizadas: Associated Press, Press and Publications Service (IPS), United Press International, Meridional e France Press.

No que diz respeito a adjetivos, verbos, ou mesmo, advérbios associados a John F. Kennedy, é possível salientar que, na maior parte das instâncias, não se distingue o estadista da pessoa, nem o seu inverso. Os periódicos tratam John F. Kennedy como um aliado e “um amigo querido”³³¹ do Brasil. Descrito repetidamente como “campeão da democracia”³³², foi destacada sobretudo a juventude e a liderança do Presidente Kennedy. Foi também realçada de forma sistemática a sua coragem e determinação, especialmente no campo racial, no qual era visto como pioneiro. John F. Kennedy é ainda descrito como um “grande”³³³ ou o “maior”³³⁴ líder político da época. Já sobre o assassinato, a palavra que mais vezes foi utilizada para descrever o acontecimento foi “trágico”³³⁵, sendo também caracterizado frequentemente como “violento”³³⁶ ou “lamentável”³³⁷.

3.3. Análise quantitativa do discurso jornalístico

Este subponto trata a análise quantitativa do discurso jornalístico relativo aos periódicos brasileiros em estudo, concretamente a respeito dos protagonistas/personagens das matérias, das fontes utilizadas, bem como do contexto gráfico a que os periódicos recorrem, utilizando a mesma metodologia de análise do subponto 2.3.

O *Correio Braziliense* tem um número total de 80 personagens e de 178 chamadas totais. Neste periódico, o protagonismo recai sobre John F. Kennedy com 43 chamadas, correspondendo, praticamente, a quase uma quarta parte do total de ocorrências; Lyndon Johnson foi a segunda personagem com maior número de chamadas, 12, correspondente a quase 7% do total; e Abraham Lincoln vem em terceiro lugar, com 10

³³¹ *O Globo*, nº 11519, 23 de novembro de 1963, p. 5.

³³² *O Globo*, nº 11518, 22 de novembro de 1963, p. 4.

³³³ *O Globo*, nº 11520, 25 de novembro de 1963, p. 6.

³³⁴ *Folha de S.Paulo*, nº 12578, 23 de novembro de 1963, p. 9.

³³⁵ *O Globo*, nº 11518, 22 de novembro de 1963, p. 1.

³³⁶ *Folha de S.Paulo*, nº 12577, 22 de novembro de 1963, p. 3.

³³⁷ *Correio Braziliense*, nº 1077, 23 de novembro de 1963, p. 6.

chamadas, um pouco mais de 5% do total. O brasileiro mais mencionado neste periódico foi o Presidente João Goulart com 4 chamadas, com um pouco mais de 2% do total de ocorrências.

Quadro 10 - Protagonistas no Correio Braziliense

Personagem	Número de Chamadas	Porcentagem de Chamadas
John F. Kennedy	43	24,15
Lyndon Johnson	12	6,74
Abraham Lincoln	10	5,61
Jacqueline Kennedy	8	4,49
John Connally	4	2,24
Joseph Kennedy	4	2,24
João Goulart	4	2,24
Adlai Stevenson	3	1,68
Dwight Eisenhower	3	1,68
Lee Harvey Oswald	3	1,68
Alec Douglas-Home	2	1,12
Auro Moura Andrade	2	1,12
Caroline Kennedy	2	1,12
Charles de Gaulle	2	1,12
Franklin D. Roosevelt	2	1,12
Henry Cabot Lodge	2	1,12
James Garfield	2	1,12
John Kennedy Jr.	2	1,12
Lincoln Gordon	2	1,12
Papa Paulo VI	2	1,12
Rainha Isabel II	2	1,12
Richard Nixon	2	1,12
Rose Fitzgerald	2	1,12
William Mackinley	2	1,12
Aldo Pessoa Rebello	1	0,56
Andrei Gromyko	1	0,56
Anízio Botelho	1	0,56
Antônio Cardoso de Castro	1	0,56
Araújo Castro	1	0,56
Arthur Virgílio	1	0,56
Barros Carvalho	1	0,56
Carlos Lacerda	1	0,56
Cattete Pinheiro	1	0,56
Colemar Natal e Silva	1	0,56
Dacre Colle	1	0,56
Daniel Krieger	1	0,56
Dean Rusk	1	0,56
Doutel Andrade	1	0,56
Edward Kennedy	1	0,56
Eunice Kennedy	1	0,56
Foy D. Kohler	1	0,56
Francisco Franco	1	0,56
Fred Korth	1	0,56

George Bundy	1	0,56
Guido Mondim	1	0,56
Harry Truman	1	0,56
Henry Ryan	1	0,56
Henry Wade	1	0,56
Howard Eugene Shetter	1	0,56
Ivo de Magalhães	1	0,56
Jair Dantas Ribeiro	1	0,56
Jefferson de Aguiar	1	0,56
Jesse Curry	1	0,56
João Gonçalves de Sousa	1	0,56
John McCormack	1	0,56
John Robert Martin	1	0,56
José Figueres	1	0,56
Kenneth Traxler	1	0,56
Lady Bird Johnson	1	0,56
Malcolm Kilduff	1	0,56
Martins Rodrigues	1	0,56
Milton Campos	1	0,56
Nelson Hungria	1	0,56
Ney Braga	1	0,56
Nicolau Fico	1	0,56
Nikita Kruchtchev	1	0,56
Oscar Tenório	1	0,56
Pedro Aleixo	1	0,56
Pedro Luz	1	0,56
Pierre Foucher	1	0,56
Príncipe Filipe, Duque de Edimburgo	1	0,56
Ranieri Mazzilli	1	0,56
Robert Kennedy	1	0,56
Robert McNamara	1	0,56
Robert W. Dean	1	0,56
San Thiago Dantas	1	0,56
Takeo Ueno	1	0,56
Tancredo Neves	1	0,56
U. Thant	1	0,56
Will Fritz	1	0,56

Fonte: *Correio Braziliense*, números 1077, 1078, 1079, 1080, 1081, 1082, 1083, 1084, de 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30 de novembro de 1963, respetivamente.

Na *Folha de S. Paulo* verificou-se um número total de 134 personagens e de 310 chamadas. Mais uma vez, o protagonismo recai sobre John F. Kennedy com 59 chamadas, correspondendo, a um pouco mais de 44% do total de ocorrências; Jacqueline Kennedy foi a segunda personagem com maior número de chamadas com 17, correspondente a 12,6% do total; John Connally e Lyndon Johnson foram ambos

referidos, com 13 chamadas, quase 10% do total, cada. O brasileiro mais mencionado neste periódico foi, novamente, João Goulart, com 6 chamadas, quase 5% do total de ocorrências.

Quadro 11 - Protagonistas na Folha de S. Paulo

Personagem	Número de Chamadas	Porcentagem de Chamadas
John F. Kennedy	59	44,02
Jacqueline Kennedy	17	12,6
John Connally	13	9,70
Lyndon Johnson	13	9,70
Caroline Kennedy	7	5,22
Franklin D. Roosevelt	6	4,47
João Goulart	6	4,47
Abraham Lincoln	5	3,73
Joseph Kennedy	5	3,73
Lincoln Gordon	5	3,73
Adlai Stevenson	4	2,98
Harry Truman	4	2,98
Lee H. Oswald	4	2,98
Patrick Kennedy Jr.	4	2,98
Rose Fitzgerald	4	2,98
John Kennedy Jr.	3	2,23
Lady Bird	3	2,23
Nellie Connally	3	2,23
Robert Kennedy	3	2,23
Ademar de Barros	2	1,49
Alfred Smith	2	1,49
Bill Greer	2	1,49
Camilo Ashcar	2	1,49
Carlos Lacerda	2	1,49
Carvalho Pinto	2	1,49
Charles Guiteau	2	1,49
Ciro Albuquerque	2	1,49
Dwight Eisenhower	2	1,49
Estes Kefauver	2	1,49
Henry Cabot Lodge	2	1,49
Herbert Hoover	2	1,49
Hilario Torioni	2	1,49
James Garfield	2	1,49
John Fitzgerald	2	1,49
John Wilkes Booth	2	1,49
Joseph Kennedy Jr.	2	1,49
Julio Sambaqui	2	1,49
Leon Czolgosz	2	1,49
Marian Anderson	2	1,49
Mauro Borges Teixeira	2	1,49
Nikita Khrushchev	2	1,49
Oscar Huber	2	1,49
Richard Nixon	2	1,49

Stuart Symington	2	1,49
Tancredo Neves	2	1,49
William Mckinley	2	1,49
Abelardo Jurena	1	0,74
Aderbal Jurema	1	0,74
Aldevio Barbosa Lemos	1	0,74
Aliomar Baleeiro	1	0,74
America Sugai	1	0,74
Anísio Botelho	1	0,74
Antonio Carlos Lafaete de Andrade	1	0,74
Antonio Ferreira de Macedo	1	0,74
Araújo Castro	1	0,74
Ari Silva	1	0,74
Arthur Virgilio	1	0,74
Barros de Carvalho	1	0,74
Boaventura Cavalcanti	1	0,74
Candido de Oliveira	1	0,74
Candido Motta Filho	1	0,74
Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta	1	0,74
Carlos Sosa Rodriguez	1	0,74
Chester Clifford	1	0,74
Cunha Vasconcellos	1	0,74
Dagoberto Sales	1	0,74
Daniel Krieger	1	0,74
Dantes de Andrade	1	0,74
Dean Rusk	1	0,74
Dulce Sales Cunha Braga	1	0,74
Edmundo Ferreira Maciel	1	0,74
Eduardo de Oliveira	1	0,74
Edward Kennedy	1	0,74
Edwin Walker	1	0,74
Emilio Menerghini	1	0,74
Enrique Acosta	1	0,74
Ernest Hemingway	1	0,74
Evelyn Lincoln	1	0,74
George Bundy	1	0,74
George Wallace	1	0,74
Godfrey Mchurgh	1	0,74
Helio Dejtinr	1	0,74
Helio Mendonça	1	0,74
Humberto de Andrade	1	0,74
Januario Baleeiro	1	0,74
Jawaharlal Nehru	1	0,74
John Birch	1	0,74
José Bonifacio Coutinho Nogueira	1	0,74
Josué da Silva	1	0,74
Julio Bazan Alvarez	1	0,74
Juscelino Kubitschek	1	0,74
Kenneth O'Donnell	1	0,74

Lucy Johnson	1	0,74
Lynda Johnson	1	0,74
Mahatma Gandhi	1	0,74
Malcolm Kilduff	1	0,74
Malcolm Perry	1	0,74
Mam de Sá	1	0,74
Marcos Melega	1	0,74
Martins Rodrigues	1	0,74
Miguel Ronle	1	0,74
Moura Andrade	1	0,74
Murilho Macedo	1	0,74
Nikolai Fedorenko	1	0,74
Oscar Thompson	1	0,74
Pamela Turnere	1	0,74
Patrick Kennedy	1	0,74
Peri Constant Bevilaqua	1	0,74
Prestes Maia	1	0,74
Raneiri Mazzilli	1	0,74
Rebekah Baines Johnson	1	0,74
Richard Cushing	1	0,74
Richard Kleberg	1	0,74
Richard Paul Pavlick	1	0,74
Rio Branco Paranhos	1	0,74
Robert McNamara	1	0,74
Roberto Campos	1	0,74
Roberto Somogyi	1	0,74
Ross Barnett	1	0,74
Salvador Julianelli	1	0,74
Samuel Ealy	1	0,74
Sarah Hughes	1	0,74
Silva Ribeiro	1	0,74
Silveira Sampaio	1	0,74
Silvio Fernandes Lopes	1	0,74
Tenorio Cavalcanti	1	0,74
Tom Connally	1	0,74
U Thant	1	0,74
Valdir Pires	1	0,74
Vijaya Lakshimi	1	0,74
William Kemp Clark	1	0,74
Winston Kennedy	1	0,74
Zachary Taylor	1	0,74
Zaki Khancali	1	0,74

Fonte: *Folha de S. Paulo*, números 12578, 12579, 12580, 12581, 12582, 12583, 12584, 12585 de 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30 de novembro de 1963, respetivamente.

O Globo tem um número total de 193 personagens e de 391 chamadas totais. Mais uma vez, o protagonismo recai, sem surpresa, sobre John F. Kennedy com 71 chamadas, correspondendo, a quase a 20% do total de ocorrências; Jacqueline Kennedy

foi a segunda personagem com maior número de chamadas com 20, correspondente a um pouco mais de 5% do total; Lyndon Johnson foi a terceira personagem mais vezes mencionada, com quase 4% do total de ocorrências. O brasileiro mais mencionado neste periódico foi o Embaixador Lincoln Gordon, com 8 chamadas, um pouco mais de 2% do total.

Quadro 12 - Protagonistas no O Globo

Personagem	Número de Chamadas	Percentagem de Chamadas
John F. Kennedy	71	18,15
Jacqueline Kennedy	20	5,11
Lyndon Johnson	14	3,58
John Connally	10	2,55
Lincoln Gordon	8	2,04
Lee H. Oswald	7	1,79
Franklin D. Roosevelt	6	1,53
Robert Kennedy	6	1,53
Abraham Lincoln	5	1,27
João Goulart	5	1,27
Joseph Kennedy	5	1,27
Dean Rusk	4	1,02
Harry Truman	4	1,02
Lady Bird	4	1,02
Robert McNamara	4	1,02
Rose Fitzgerald	4	1,02
Albert Thomas	3	0,76
Carlos Lacerda	3	0,76
Caroline Kennedy	3	0,76
Charles de Gaulle	3	0,76
John Kennedy Jr	3	0,76
Nellie Connally	3	0,76
Nikita Khrushchev	3	0,76
Papa Paulo VI	3	0,76
Sarah Hughes	3	0,76
William Mckinley	3	0,76
Ademar de Barros	2	0,51
Adlai Stevenson	2	0,51
Alec Douglas-Home	2	0,51
Carvalho Pinto	2	0,51
Charles J. Guiteau	2	0,51
Clement Attlee	2	0,51
Dwight Eisenhower	2	0,51
Fidel Castro	2	0,51
J. D. Tippet	2	0,51
James Garfield	2	0,51
João Araújo Castro	2	0,51
João Vicente Goulart	2	0,51
John McCormack	2	0,51

John Wilkes Booth	2	0,51
M. N. MacDonald	2	0,51
Rainha Elizabeth II	2	0,51
Sílvia Mota	2	0,51
Abel Rodrigues da Costa	1	0,25
Adolf Hitler	1	0,25
Aldévio Barbosa de Lemos	1	0,25
Aldo Moro	1	0,25
Amaral Netto	1	0,25
Ana Pereira Coelho	1	0,25
Andrei Gromyko	1	0,25
Anthony Eden	1	0,25
Antônio do Passo	1	0,25
Antônio Lomanto Júnior	1	0,25
Antônio Segni	1	0,25
Aristides de Carvalho	1	0,25
Aristóteles Luís Drumond	1	0,25
Armando Ramos	1	0,25
Austregésito de Ataíde	1	0,25
Badger Silveira	1	0,25
Belaunde Terry	1	0,25
Bernard Fitzalan-Howard	1	0,25
Bob Jackson	1	0,25
Camilo Aschar	1	0,25
Cândido de Oliveira	1	0,25
Carlos Bringuier	1	0,25
Carlos Sosa Rodriguez	1	0,25
Cecil Stoughton	1	0,25
Celso Ramos	1	0,25
Charles Moritz	1	0,25
Chester Bowles	1	0,25
Ciro Albuquerque	1	0,25
Clementine Churchill	1	0,25
Clóvis Travassos	1	0,25
Cordolino Ambrósio	1	0,25
Cunha Vasconcelos	1	0,25
Dagoberto Sales	1	0,25
Darei Ribeiro	1	0,25
Denise Goulart	1	0,25
Douglas Dillon	1	0,25
Edmund Silveira	1	0,25
Edmundo Rocha	1	0,25
Edward Kennedy	1	0,25
Edward Scannel Butler	1	0,25
Erich Kaminski	1	0,25
Estes Kefauver	1	0,25
Ethel Kennedy	1	0,25
Eunice Araújo Jorge	1	0,25
Eunice Kennedy Shriver	1	0,25
Everardo de Magalhães Castro	1	0,25
Everet Dirksen	1	0,25
Exedito Machado	1	0,25

Fernando Belaunde	1	0,25
Foy D. Kohler	1	0,25
Francelísio Ferreira Leal	1	0,25
Francisco Franco	1	0,25
Gentil Guedes	1	0,25
George Ball	1	0,25
George Bundy	1	0,25
George Marshall	1	0,25
George Pompidou	1	0,25
Georges Álvares Maciel	1	0,25
Gonzalo Facio	1	0,25
Guilherme de Almeida	1	0,25
Harold Wilson	1	0,25
Helena Mayworn	1	0,25
Hélia Monteiro de Almeida	1	0,25
Hélio de Almeida	1	0,25
Hélio Mendonça	1	0,25
Henry Cabot Lodge	1	0,25
Hilário Torloni	1	0,25
Horald Laski	1	0,25
Iara Vargas	1	0,25
Ildo Meneghetti	1	0,25
J. H. Sawyer	1	0,25
Jack Brooks	1	0,25
Jack Valenti	1	0,25
Jair Dantas Ribeiro	1	0,25
Januário Baleeiro	1	0,25
Jean Kennedy Smith	1	0,25
Joan Kennedy	1	0,25
João Resende Costa	1	0,25
John Birch	1	0,25
John Gronouski	1	0,25
José Augusto Dias Bicalho	1	0,25
José Gomes	1	0,25
José Gomes Pimenta	1	0,25
José Leite Vidal	1	0,25
José Serra	1	0,25
José Siquestra	1	0,25
José Vilarinho Antelo	1	0,25
Josef Stalin	1	0,25
Joseph Kennedy Jr.	1	0,25
Julian Read	1	0,25
Júlio Sambaquy	1	0,25
Kemp Clark	1	0,25
Konrad Adenauer	1	0,25
Lafayette de Andrada	1	0,25
Lawrence O'Brien	1	0,25
Lee Radziwill	1	0,25
Leon Valencia	1	0,25
Loureiro da Silva	1	0,25
Lucy Johnson	1	0,25
Luther Hodges	1	0,25

Lynda Johnson	1	0,25
Magalhães Pinto	1	0,25
Mal Couch	1	0,25
Malcolm Kilduff	1	0,25
Malcolm Perry	1	0,25
Marcelo da Silva Júnior	1	0,25
Maria Moreira	1	0,25
Maria Thereza Goulart	1	0,25
Mauro Borges Teixeira	1	0,25
Maxwell D. Taylor	1	0,25
Miguel Reale	1	0,25
Mike Mansfield	1	0,25
Monete Monteiro Neto	1	0,25
Moura Andrade	1	0,25
Murilo Tavares	1	0,25
Oleg Cassini	1	0,25
Oscar Huber	1	0,25
Oscar Ornstein	1	0,25
Oscar Thompson Filho	1	0,25
Pat Kennedy Lawford	1	0,25
Patrick F. Kennedy	1	0,25
Patrick Kennedy	1	0,25
Paulo Alberto	1	0,25
Pedro Loewenstein	1	0,25
Peter Lawford	1	0,25
Prestes Maia	1	0,25
Ráimundo de Brito	1	0,25
Ralph Yarborough	1	0,25
Ranieri Mazzilli	1	0,25
Richard Cushing	1	0,25
Richard Kleberg	1	0,25
Roberto Campos	1	0,25
Roberto Martins	1	0,25
Ronald Golias	1	0,25
Salvador Julianelli	1	0,25
San Tiago Dantas	1	0,25
Sargent Shiver	1	0,25
Serafim Fernandes de Araújo	1	0,25
Sérgio Gouveia	1	0,25
Sílvio Fernandes Lopes	1	0,25
Stephen Smith	1	0,25
Stewart Udall	1	0,25
Ted Kennedy	1	0,25
Theodore Roosevelt	1	0,25
U Thant	1	0,25
Will Fritz	1	0,25
Willard Wirtz	1	0,25
William Halsey	1	0,25
Winston Churchill	1	0,25
Zachary Taylor	1	0,25

Fonte: *O Globo*, números 11519, 11520, 11521, 11522, 11523, 11524, 11525, de 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30 de novembro de 1963, respectivamente.

Sobre fontes de informação utilizadas pelos periódicos brasileiros, verificou-se que utilizaram cinco fontes diferentes, as norte-americanas Associated Press, Press and Publications Service (IPS) e United Press International, a brasileira Meridional e a France Press. Contudo apenas duas destas agências são utilizadas por todos os periódicos, especificamente, a Press and Publications Service e a United Press International. De notar, ainda, que esta última é, de longe, a fonte mais recorrente, com 261 utilizações pelos três periódicos, exatamente metade das menções totais. *O Globo* foi o periódico que maior número de fontes utilizou, servindo-se de todas menos da Meridional. Este foi o periódico que recorreu mais vezes às agências de notícias, com 213 menções, utilizando-as de forma bastante simétrica com três destas rondando os 30% de utilização. Em contrapartida, o *Correio Braziliense* foi o periódico que se vale das fontes em menos ocasiões, com 123 no total. *O Globo* utiliza mais vezes a Associated Press, sendo que o *Correio Braziliense* se serve mais vezes da United Press International e a *Folha de S. Paulo* recorre mais frequentemente à France Press.

Quadro 13 - Fontes utilizadas no Correio Braziliense

Fonte	Número de Utilizações	Percentagem de utilização
United Press International	105	85,36
Meridional	16	13,02
Press and Publications Service (IPS)	2	1,62
Número de Fontes		3
Número Total de Utilizações		123

Fonte: *Correio Braziliense*, números 1077, 1078, 1079, 1080, 1081, 1082, 1083, 1084, de 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30 de novembro de 1963, respectivamente.

Quadro 14 - Fontes utilizadas na Folha de S. Paulo

Fonte	Número de Utilizações	Porcentagem de utilização
France Press	86	51,19
United Press International	78	46,42
Press and Publications Service (IPS)	4	2,38

Número de Fontes	3
Número Total de Utilizações	168

Fonte: *Folha de S. Paulo*, números 12578, 12579, 12580, 12581, 12582, 12583, 12584, 12585 de 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30 de novembro de 1963, respetivamente.

Quadro 15 - Fontes utilizadas no O Globo

Fonte	Número de Utilizações	Porcentagem de utilização
Associated Press	83	35,93
United Press International	78	33,76
France Press	68	29,43
Press and Publications Service (IPS)	2	0,86

Número de Fontes	4
Número Total de Utilizações	231

Fonte: *O Globo*, números 11519, 11520, 11521, 11522, 11523, 11524, 11525, de 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30 de novembro de 1963, respetivamente.

No que diz respeito ao contexto gráfico utilizado pelos periódicos brasileiros, verificou-se que *O Globo* foi o periódico que maior número total de imagens utilizou, 78. Em comparação, o *Correio Braziliense* foi o periódico que menos imagens utilizou, com apenas 26 imagens no total. Contudo, foi precisamente este periódico que mais imagens de John F. Kennedy utilizou, 14, enquanto *O Globo* foi o periódico que menos vezes utilizou imagens do Presidente, com um total de 7. A respeito de imagens na capa, *O Globo* foi, novamente, o periódico que utilizou mais imagens, 24, e o *Correio Braziliense* foi o periódico que o fez menos vezes, com 11 imagens. De notar que a *Folha de S. Paulo* vem na segunda posição em todas as categorias.

Quadro 16 - Contexto Gráfico no Correio Braziliense

Número Total de Imagens	26
Número de Imagens de John F. Kennedy	14
Imagens na Capa	11

Fonte: *Correio Braziliense*, números 1077, 1078, 1079, 1080, 1081, 1082, 1083, 1084, de 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30 de novembro de 1963, respectivamente.

Quadro 17 - Contexto Gráfico na Folha de S. Paulo

Número Total de Imagens	62
Número de Imagens de John F. Kennedy	10
Imagens na Capa	14

Fonte: *Folha de S. Paulo*, números 12578, 12579, 12580, 12581, 12582, 12583, 12584, 12585 de 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30 de novembro de 1963, respectivamente.

Quadro 18 - Contexto Gráfico no O Globo

Número Total de Imagens	78
Número de Imagens de John F. Kennedy	7
Imagens na Capa	24

Fonte: *O Globo*, números 11519, 11520, 11521, 11522, 11523, 11524, 11525, de 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30 de novembro de 1963, respectivamente.

Conclusão

Como primeira nota conclusiva pretende-se realçar que as reações portuguesas e brasileiras foram muito semelhantes em numerosos aspetos, todavia muito distintas noutros.

John F. Kennedy foi representado, tanto pela imprensa portuguesa como pela imprensa brasileira, como um mártir. Ambas claramente elevaram a personagem do Presidente americano e as suas realizações ou orientações políticas, não apenas no seu mandato presidencial, mas também durante toda a sua carreira política, com frequentes notas sobre o clã Kennedy. A concentração dos periódicos caiu sobre temas como a Guerra Fria e a luta racial, sendo que a família Kennedy, e o seu inevitável luto, se manteve presente na narrativa durante todo o período de análise.

Os periódicos portugueses e brasileiros apresentam e encadeiam o acontecimento de forma bastante semelhante. Fazem, num primeiro momento, uma descrição do atentado, através da caracterização e papel das personagens, com especial destaque para John F. Kennedy obviamente, mas também para Lyndon Johnson e Jacqueline Kennedy. Focaram-se também na descrição de espaços como o Estado do Texas, a cidade de Dallas e o Dealey Plaza. Destacaram ainda consequências imediatas (políticas, económicas, sociais e pessoais), debruçando-se depois sobre o suposto autor do assassinato, Lee Harvey Oswald, embora de forma superficial e pouco frequente.

Tratado por ambas as imprensas como um mega-acontecimento, o assassinato de John F. Kennedy provocou uma cadeia de novos acontecimentos e teve consequências imediatas não apenas nos Estados Unidos da América mas também em Portugal e no Brasil. Assim, os periódicos portugueses e brasileiros dão uma preponderância praticamente idêntica ao assassinato do Presidente.

As reações dos periódicos resumem-se, fundamentalmente, a declarações governamentais públicas, a missas e outras cerimónias religiosas e, finalmente, a outras manifestações e homenagens de respeito por coletivos ou individualidades.

As reações governamentais são, na sua essência, iguais, sendo que diferem, obviamente, nos protagonistas, bem como na quantidade de reações/demonstrações, facto que se prende, fundamentalmente, ao modo de governo de cada Estado (Portugal

– República presidencialista autoritária / Brasil – República federativa parlamentarista). Paralelamente, é notório que a censura existente em Portugal foi um elemento extremamente condicionante naquelas que foram as reações governamentais portuguesas, limitando as declarações públicas ao Presidente da República, Presidente do Conselho, Ministro dos Negócios Estrangeiros e a um número muito reduzido de outros intervenientes políticos. No caso brasileiro, assiste-se a reações de membros de todos os degraus de governação, do federal ao municipal. Por outro lado, no caso da imprensa brasileira verifica-se uma relevância dada à reação da população e pessoas anónimas, o que não se observa no caso português.

No caso português, John Kennedy foi enaltecido pelas cúpulas do poder em qualquer declaração analisada, contudo nunca, em qualquer momento, foi mencionado o papel americano nos Açores ou a posição da Administração Kennedy sobre os territórios coloniais portugueses. A não menção destes temas por parte dos governantes portugueses prende-se, evidentemente, com o facto de gerirem o que pretendiam mostrar, e, sobretudo, ocultar nas relações bilaterais com os EUA. O mesmo acontece com a cultura de omissão dos membros de Estado que evitavam falar publicamente sobre temas mais controversos que poderiam colocar em causa a imagem do regime.

No caso brasileiro, o Presidente Kennedy era visto como um aliado e amigo que se importava genuinamente com o desenvolvimento da América do Sul e, mais especificamente, do Brasil. Kennedy era considerado uma pessoa de ações, ações essas que se julgavam ter um impacto efetivo na população destes territórios, razão que ajuda a explicar a reação de extrema consternação pela morte do Presidente Kennedy manifestada por um elevado número de pessoas no Brasil. Kennedy é representado repetidamente como o campeão da democracia e os seus esforços políticos são elogiados e louvados. Nas páginas dos periódicos brasileiros, John F. Kennedy aparece, com frequência, como o salvador e protetor dos fracos e oprimidos, que, por si só, através das suas ações, iria ser o catalisador da harmonia global. Todos estes factores funcionam quase como uma forma de propaganda, ajudando a cimentar uma perceção idealizada do Presidente americano, que vai resultar, derradeiramente, naquele que se tornou o legado de John F. Kennedy, não apenas no Brasil, mas de forma generalizada.

Em ambos os casos, o assassinato foi descrito como trágico, lamentável e violento, sendo mesmo denominado “o crime do século”³³⁸. Outro ponto de ênfase dado ao atentando foi a imprevisibilidade do mesmo, apesar do Estado do Texas e da cidade de Dallas serem “pontos quentes”, onde era de prever alguma tensão, mas não o que acabou por suceder.

De notar ainda o recurso dos periódicos à imagem. É importante relembrar que John F. Kennedy foi o primeiro Presidente americano a utilizar em seu benefício os media como arma política, sendo chamado por muitos, atualmente, como o Primeiro Presidente da Televisão. Os periódicos portugueses e brasileiros utilizam a imagem, não apenas nas suas capas, mas também ao longo da cobertura jornalística para aproximar o leitor ao acontecimento.

Por outro lado, a Administração Kennedy foi tratada, não como um coletivo, mas sim como uma só individualidade que, sem surpresa, era John F. Kennedy. Para clarificar, os periódicos olham para a Administração Kennedy e John Kennedy como sinónimos, negligenciando os contributos do resto do gabinete. Inclusive a ação dos seus mais próximos conselheiros, nomeadamente, do irmão Robert Kennedy, acabam por cair no esquecimento dos periódicos.

Por outro lado, a questão de Lee Harvey Oswald e do seu alegado crime não foi bem explorada por parte dos periódicos, portugueses e brasileiros. Este tema, praticamente, não entra na narrativa dos periódicos, podendo ser algo a explorar de forma mais profunda em estudos futuros.

Penso que é possível afirmar que este trabalho serve para confirmar, em grande parte, a posição portuguesa e brasileira para com John F. Kennedy verificada na bibliografia, que era visto como um líder político de excelência e como uma pessoa de valores honoráveis.

Relativamente aos problemas e tribulações que afetaram a realização deste trabalho, posso e devo admitir que, devido a várias razões pessoais, aliadas a encargos profissionais que retiraram muito do tempo que poderia dedicar a este estudo, os

³³⁸ *Correio Braziliense*, nº 1081, 27 de novembro de 1963, p. 3.

objetivos a que inicialmente me propus trabalhar foram cumpridos, mas não com a profundidade e qualidade que se desejaria.

Fontes e Referências Bibliográficas

Fontes hemerográficas

O Globo. Rio de Janeiro, 1925.

O Século. Lisboa, 1880-1977.

Folha de S. Paulo. São Paulo, 1921.

O Comércio do Porto. Porto, 1854-2005.

Diário de Lisboa. Lisboa, 1921-1990.

Correio Braziliense. Brasília, 1960.

Bibliografia

ALMEIDA, Paulo Roberto de; BARBOSA, Rubens Antônio – *Relações Brasil-Estados Unidos. Assimetrias e Convergências*. São Paulo: Saraiva, 2006.

AMARAL, Diogo Freitas do – *A tentativa falhada de um acordo Portugal-EUA sobre o futuro do Ultramar português*, Coimbra, 1994.

ANTUNES, José Freire – *Kennedy e Salazar. O leão e a raposa*. Lisboa, Difusão Cultural, 1991.

BZDEK, Vincent – *The Kennedy Legacy: Jack, Bobby and Ted and a Family Dream Fulfilled*. New York: St. Martin's Press, 2009.

CYNTHIA, Fagen; PATTERSON, James – *The House of Kennedy*. New York: Little, Brown and Company, 2020.

DALLEK, Robert – *John F. Kennedy 1917-1963: uma vida inacabada*. Lisboa: Bertrand, 2004.

Estudo de Impacte Ambiental do Complexo Lúdico – Comercial “Designer Village” Alcochete: Resumo Não Técnico. Mitchell McFarlane & Partners Ltd. Disponível em: <https://siaia.apambiente.pt/AIADOC/AIA1003/RNT1003.pdf> [consult. 16 de nov. 2021].

FAUSTO, Boris – *História do Brasil*. 2ª edição. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995.

GALTUNG, J. e RUGE, M. H. – *The structure of foreign news*. Journal of International Peace Research, 1965, p. 1.

HELENA, Maria; ANACLETO, Matias – *Os Azorean refugee acts de 1958 e 1960*. Polissema: revista de letras do ISCAP. Porto: Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, 2002, p. 39-45. Disponível em: https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/855/3/A_MHelenaAnacleto_2002.pdf [consult. 20 de maio de 2021].

KLEIN, Edward – *The Kennedy Curse: Why Tragedy Has Haunted America's First Family for 150 Years*. New York: St. Martin's Griffin, 2003.

KNIGHT, Peter – *The Kennedy Assassination*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

LIMA, Helena – *Meios de censura e formas de condicionamento do jornalismo na ditadura portuguesa*. Media & Jornalismo - Nº 23, Vol. 12, Nº 1 - 2013 - p. 165-188.

MANCHESTER, William – *The death of a President: November 20-November 25, 1963*. New York: Little, Brown and Company, 2013.

MILANI, Carlos – *A Importância das Relações Brasil – Estados Unidos na Política Externa Brasileira*. Boletim de Economia e Política Internacional - Nº 6. Brasília: Ipea. Dinte, 2011.

NASAW, David – *The Patriarch: The Remarkable Life and Turbulent Times of Joseph P. Kennedy*. New York: The Penguin Press, 2012.

NOGUEIRA, Franco – *Um Político Confessa-se. (Diário: 1960-1968)*. 3ª edição. Porto: Livraria Editora Civilizações, 1987.

O'REILLY, Bill – *Kennedy's last days: The assassination that defined a generation*. New York: Henry Holt and Company, 2013.

RODRIGUES, Luís Nuno – *Salazar-Kennedy: a crise de uma aliança*. 2ª edição. Lisboa : Editorial Notícias, 2002.

ROSAS, Fernando – *História de Portugal. Volume VII. O Estado Novo (1926-1974)*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994.

SÁ, Tiago Moreira de – *História das relações Portugal - EUA : (1776-2015)*. Alfragide: D. Quixote, cop. 2016.

SCHLESINGER, Arthur Meier – *A thousand days: John F. Kennedy in the White House*. Boston: Houghton Mifflin, 1965

SOUSA, Jorge Pedro – *Elementos de Jornalismo Impresso*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.

SOUSA, Jorge Pedro – *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. 2ª edição. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.

SOUSA, Jorge Pedro – *Introdução à Análise do Discurso Jornalístico Impresso. Um Guia para Estudantes de Graduação*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

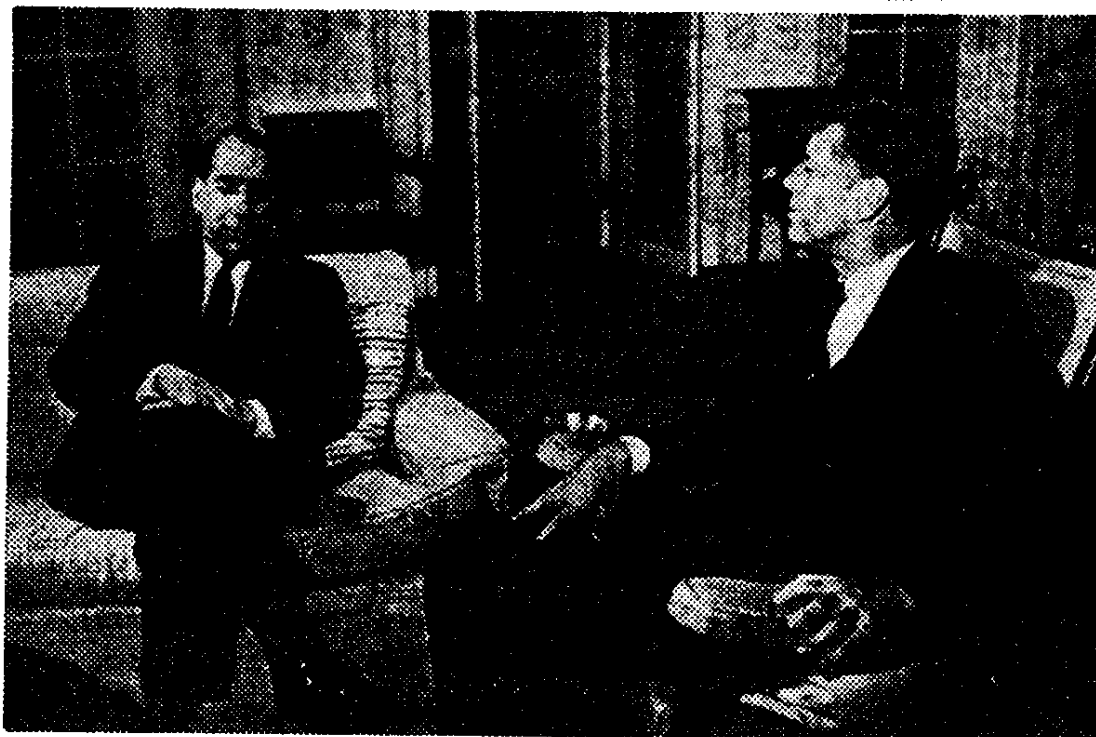
SOUSA, Jorge Pedro – *Uma história do jornalismo em Portugal até ao 25 de abril de 1974*. Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Media & Jornalismo, 2008.

SWANSON. James L. – *End of days: The assassination of John F. Kennedy*. New York: William Morrow, 2013.

TYE, Larry – *Bobby Kennedy: The Making of a Liberal Icon*. New York: Random House, 2016.

Anexos

Anexo 1 – Franco Nogueira é recebido por John F. Kennedy na Casa Branca³³⁹



Com Franco Nogueira

³³⁹ *Diário de Lisboa*, nº 14708, 24 de novembro de 1963, p. 9.

Anexo 2 – Franco Nogueira faz declaração pública, referindo John F. Kennedy³⁴⁰



O ministro dos Negócios Estrangeiros, de pé, lê a sua exposição

³⁴⁰ *Diário de Lisboa*, nº 14711, 27 de novembro de 1963, p. 1.

Anexo 3 – O Embaixador americano George W. Anderson recebe Franco Nogueira
(em *O Século*)³⁴¹



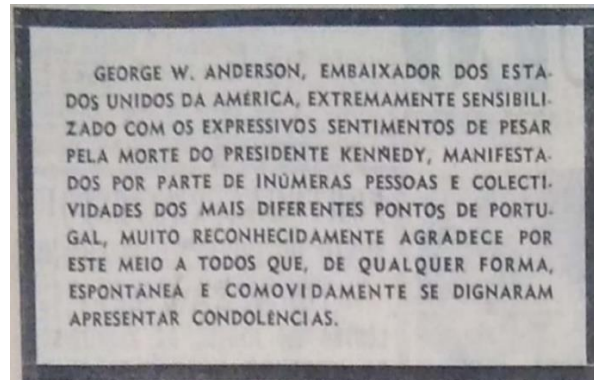
³⁴¹ *O Século*, nº 29319, 24 de novembro de 1963, p. 9.

Anexo 4 – O Embaixador americano George W. Anderson recebe Franco Nogueira
(em *O Comércio do Porto*)³⁴²



³⁴² *O Comércio do Porto*, nº 321, 24 de novembro de 1963, p. 1.

Anexo 5 – O Embaixador americano George W. Anderson agradece publicamente as condolências recebidas³⁴³



Anexo 6 – António de Oliveira Salazar e outros membros do governo assistem a cerimónia em honra a John F. Kennedy nos Mosteiros dos Jerónimos (em *O Diário de Lisboa*)³⁴⁴



³⁴³ *O Século*, nº 29323, 28 de novembro de 1963, p. 2.

³⁴⁴ *Diário de Lisboa*, nº 14709, 25 de novembro de 1963, p. 1.

Anexo 7 – António de Oliveira Salazar e outros membros do governo assistem a cerimónia em honra a John F. Kennedy nos Mosteiros dos Jerónimos (em *O Comércio do Porto*)³⁴⁵



³⁴⁵ *O Comércio do Porto*, nº 323, 26 de novembro de 1963, p. 14.

Anexo 8 – António de Oliveira Salazar apresenta condolências ao Embaixador americano George W. Anderson em cerimónia nos Mosteiros dos Jerónimos³⁴⁶



³⁴⁶ *O Século*, nº 29321, 26 de novembro de 1963, p. 1.

Anexo 9 – Cerimónia em honra a John F. Kennedy nos Mosteiros dos Jerónimos³⁴⁷



³⁴⁷ *O Século*, nº 29321, 26 de novembro de 1963, p. 16.

Anexo 10 – Missa de sufrágio de John F. Kennedy na Sé do Porto³⁴⁸



³⁴⁸ *O Comércio do Porto*, nº 323, 26 de novembro de 1963, p. 14.

Anexo 11 – John Kennedy recebe o Prémio Anual Pedro Francisco³⁴⁹



O senador John Kennedy, em Outubro de 1959, recebe o Prémio Pedro Francisco, com que fora galardoado pela União Continental Portuguesa, que agrupa as comunidades luso-americanas, de cuja Associação o falecido presidente era membro ilustre

³⁴⁹ *Diário de Lisboa*, nº 14707, 23 de novembro de 1963, p. 9.

Anexo 12 – Bandeira a meia-haste no exterior da Embaixada dos Estados Unidos
no Brasil³⁵⁰



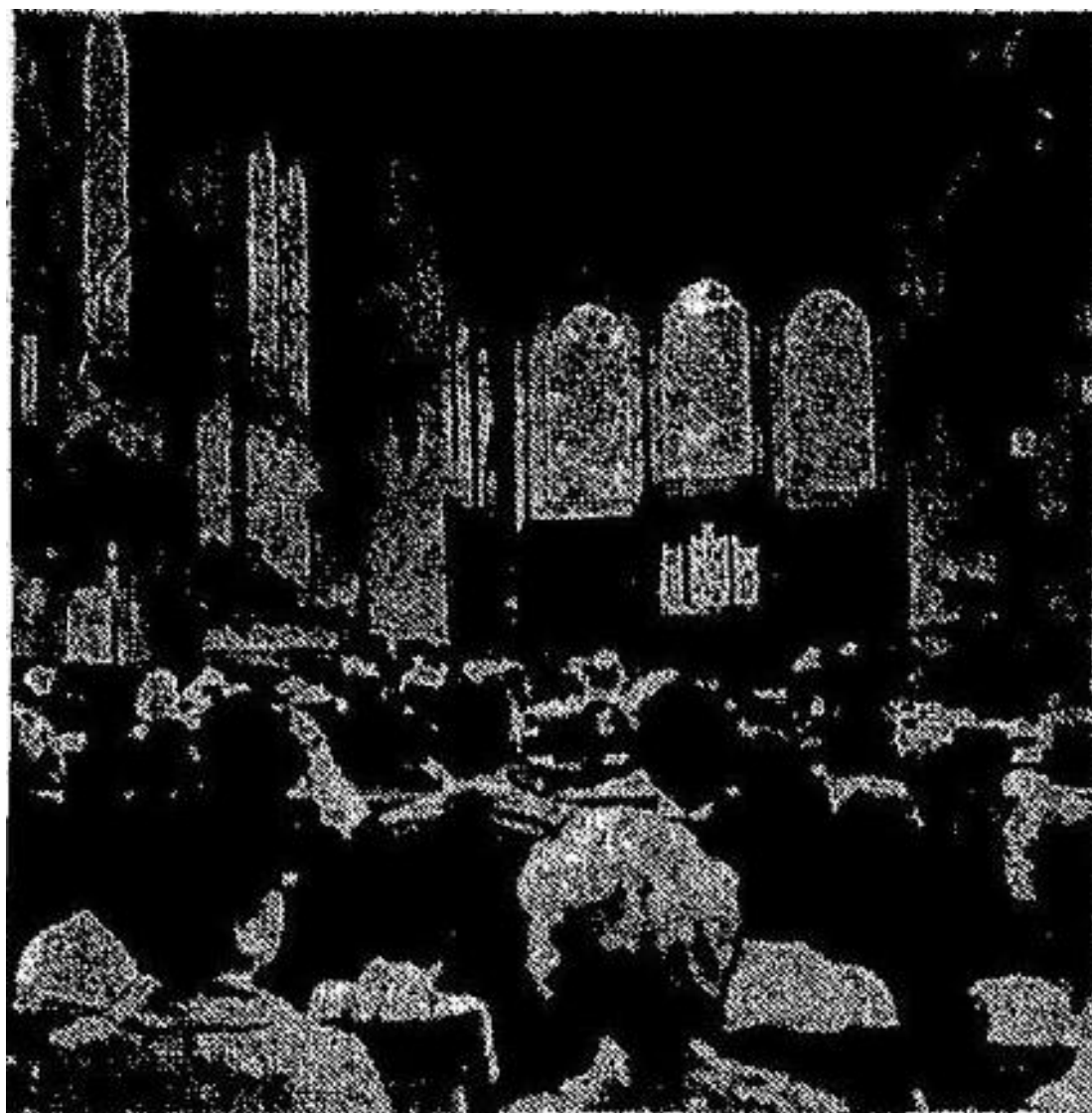
³⁵⁰ *O Globo*, nº 11518, 22 de novembro de 1963, p. 4.

Anexo 13 – Homenagem a John F. Kennedy³⁵¹



³⁵¹ *O Globo*, nº 11521, 26 de novembro de 1963, p. 5.

Anexo 14 – Celebração de uma missa de réquiem em memória de John F. Kennedy na congregação da Christ Church em Guanabara³⁵²

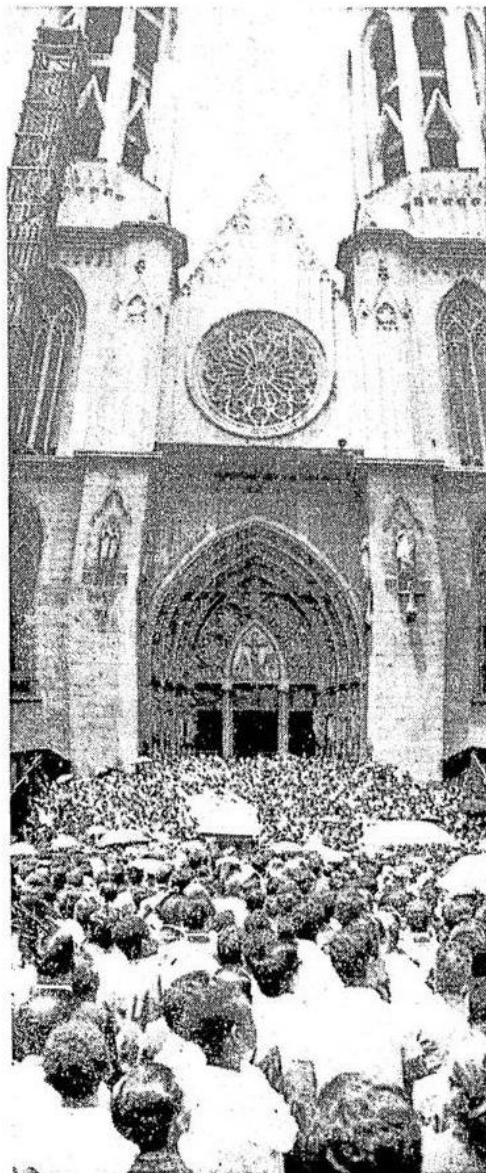


A Christ Church estava completamente lotada no réquiem a Kennedy

³⁵² *O Globo*, nº 11520, 25 de novembro de 1963, p. 6.

Anexo 15 – Celebração de uma missa em memória de John Kennedy na Catedral Metropolitana em São Paulo³⁵³

Por Kennedy



Milhares de pessoas lotaram ontem a Catedral Metropolitana para assistir à missa pela alma do presidente Kennedy, promovida pelos "Diários Associados". O governador Ademar de Barros e o consul-geral dos EUA, sr. Scott Lyon, estiveram presentes também.

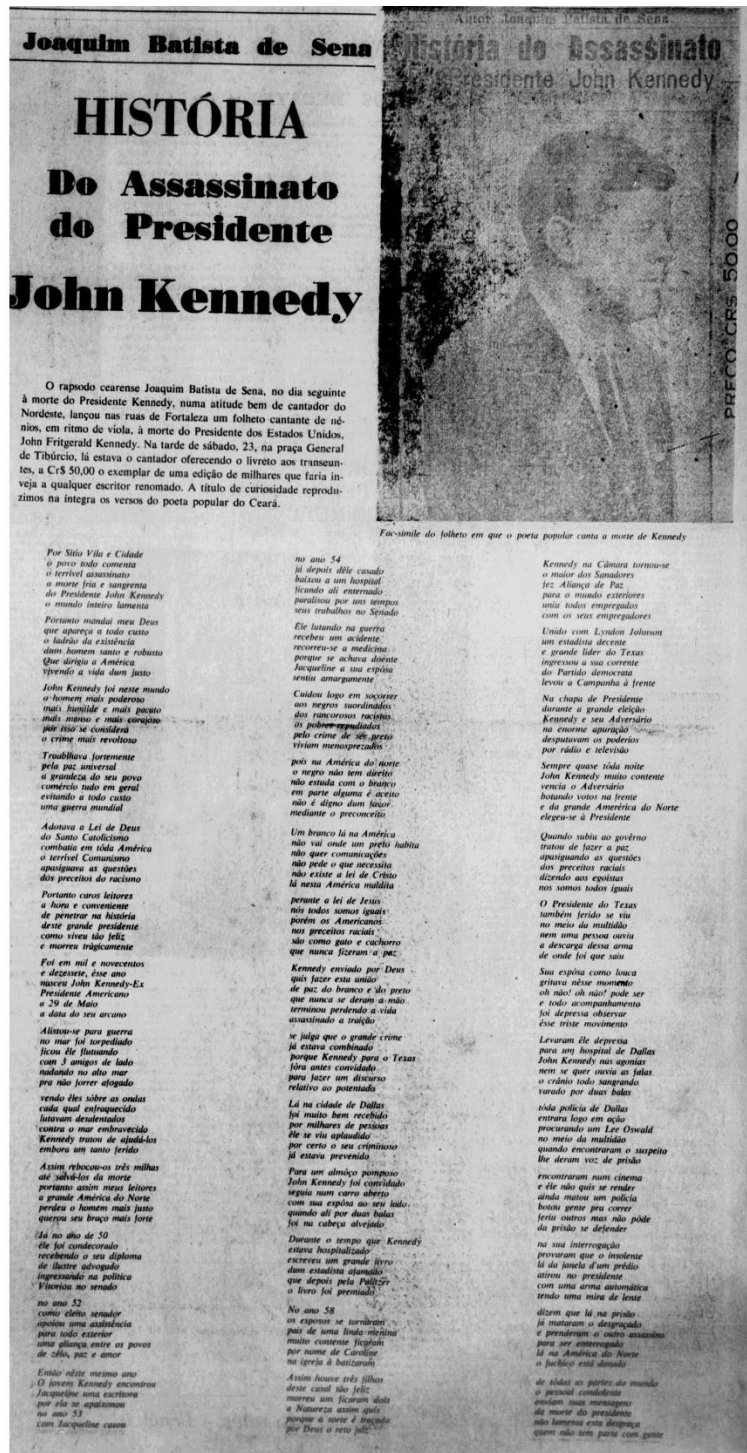
³⁵³ *Folha de S. Paulo*, nº 12585, 30 de novembro de 1963, p. 1.

Anexo 16 – Celebração de uma missa em memória de John Kennedy na Igreja da Candelária, em Brasília ³⁵⁴

Duas Mil Pessoas Oraram Por Kennedy na Candelária



³⁵⁴ *O Globo*, nº 11521, 26 de novembro de 1963, p. 1.



³⁵⁵ Correio Braziliense, nº 1082, 28 de novembro de 1963, p. 7.